OS
LUSIADAS
Preço
500 reis

DE OLIVEIRA MARTINS

# OS LUSIADAS

ENSAIO SOBRE CAMÕES E A SUA OBRA,
EM RELAÇÃO Á SOCIEDADE PORTUGUEZA E AO MOVIMENTO
DA RENASCENÇA

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA, EDITORA
Bomjardim, 181

1872

# OS LUSIADAS

J. P. DE OLIVEIRA MARTINS

# OS LUSIADAS

ENSAIO SOBRE CAMÕES E A SUA OBRA,
EM RELAÇÃO Á SOCIEDADE PORTUGUEZA E AO MOVIMENTO
DA RENASCENÇA

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA, EDITORA
Bomjardim, 181

1872

# INDICE

---

## CAPITULO I

## DA ARTE

## CAPITULO II

# LUIZ DE CAMÕES

---



---

## CAPITULO III

# A EPOCHA DAS CONQUISTAS

---

## CAPITULO IV

## A RENASCENÇA

III



---

# CAPITULO V

## A NAÇÃO PORTUGUEZA

---



I



II



III

## CAPITULO PRIMEIRO

# DA ARTE

### I

Entre as multiplices manifestações por que se affirma o individuo moral chamado homem existe, como laço de harmonia entre ellas todas, uma que é a faculdade artistica: a propriedade que o espirito, quando em certo gráo de perfeição constitutiva, tem de idealisar, de — não abstrahindo — mas concretando o real e suas variadas e como que incoherentes feições e aspectos, extrahir d'elle o *typo* definitivo e harmonico. Esta faculdade que determina a concepção do ideal e da sua mais ou menos exacta reproducção na obra d'arte, embora a sciencia possa definil-a, estudal-a, determinar-lhe a vida e os phenomenos, é todavia completamente alheia, inteiramente differente da faculdade de deducção scientifica. A sciencia que tem a peito estudar esta provincia do espirito humano, a esthetica, distingue-se de todas as outras por não poder dar áquelles que a cultivam o conhecimento e a posse em si do objecto de que trata.

A imaginação não póde adquirir-se como quasi se póde dizer que se adquire a rasão, pela gymnastica do

intellecto. Vem o homem ao mundo com ou sem ella. Se a tem é um artista; se não, póde conhecer os processos, ter estudado a historia, conceber infinitas doutrinas; sómente não possuirá a arte. O exame das litteraturas neo-latinas do seculo XVIII é uma prova do que digo.

A imaginação é uma faculdade humana que parece, se não é certo, avolumar em sentido inverso d'esse outro conjuncto de faculdades que, justapostas e equilibradas, produzem um estado quieto, lúcido e livre a que chamamos razão.

Determinado isto, pois, vemos que distancia vae da sciencia á arte, da rasão á imaginação. Aquella é um resultado do trabalho e do tempo, do exercicio e da edade do espirito: cresce com os tempos, determina pela sua formação e evolução os grandes cyclos historicos do espirito humano, póde quasi dizer-se que é uma creação do proprio homem. Esta vive de si e por si, independente da gymnastica e da edade do espirito; *está* n'elle como o lume no lenho, latente; basta o attrito, a coordenação molecular n'este caso, para a fazer apparecer, para crear o artista. É tam profundamente primitiva e constitucional no homem, que é como divina, desconhecida. Entre os romanos o poeta chamava-se *vate,* o adivinho, aquelle que conhece o sobrenatural, aquelle que tem em si alguma cousa superior, uma especie de illuminação, ou *segunda-vista.* É este mesmo sentimento que Shakespeare experimenta quando põe na bocca do seu Hamlet estas palavras:

> There are more things in heaven aud earth, Horatio,
> Than are dreamt of in your vain philosophy.

*Vain philosophy!* philosophia, sciencia—*vanitas, vanitatum!* outra palavra d'outro poeta, Salomão. A vaidade dos processos scientificos é o que o poeta sente, elle que adivinha, que prevê, diante do andar positivo e *terra-a-terra* com que o investigador, o sabio, vae percorrendo a demorada estrada da observação, da experiencia e da deducção.

Quereis ver o que é o poeta? Olhae como elle pela imaginação, pelo sentimento, *descobre* aquillo, que á sciencia levaria seculos a saber. Perguntae-lhe o *como:* elle não vol-o saberá dizer. Não estudou nas academias, não conhece o exacto, nada vê fóra da sua imaginação que é o seu mundo, mundo extraordinario que lhe manifesta o *porque* escondido á sciencia.

Pela primeira vez vou transcrever para aqui o verbo camoniano: faço-o com o respeito e quasi temor que nós, os pigmeos, temos pelos gigantes; entro no adito do seu explendido templo como entrei absorto e pasmado dentro do recinto ogival da Batalha, da floresta marmórea de Cordova, ou antes, ou melhor, da grande náo de pedra, os Jeronymos. Diz Camões (Egloga VII):

> Amor é um brando affeito
> Que Deos no mundo poz e a natureza,
> Para augmentar as cousas que creou.
> De amor está sugeito
> Tudo quanto possue a redondeza.
>
> Nada sem este effeito se gerou.
> Por elle conservou
> A causa principal, o mundo amado,
> D'onde o pae famulento foi deitado.
> As cousas elle as ata e as conforma
> Com o mundo, e reforma
> A materia............ (1)

(1) A coordenação das Poesias de Camões é a da edição da *Bibliotheca Portugueza.*

*

Serão estas palavras tamsómente uma repetição do trovar *à la provenzalesca?* Não haverá aqui mais do que amplificações sentimentaes e facticias d'um amontoador de rimas? Não; a phrase é bastante precisa: o sopro da Renascença varreu já d'aqui as sombras da Edade media. Prosigamos:

> Entre as plantas do prado
> Não ha machos e femeas conhecidos,
> Que junto uma da outra permanece?
> Se vós fostes creadas na espessura
> Onde não houve cousa que se achasse,
> Agoa, pedra, arbor, flôr, ave, alma dura,
> Que em seu passado tempo não amasse,
> Nem a quem a affeição suave e pura
> N'essa presente forma não mudasse...
> ....................................

Eis ahi o que é a imaginação, adivinha. *Agua, pedra, arbor, flôr, ave, alma:* tudo, tudo o amor, um mesmo sentimento, uma força egual, creou, tudo por elle se transforma. Não é isto a unidade da força resultado de toda a physica, não é a unidade da materia resultado de toda a chimica? Não será já da sciencia positiva a lei da affinidade molecular una para a reproducção a toda a materia organisada? E não será a conclusão de toda a nossa evolução metaphysica a unidade da creação pelo amor?

No movimento ainda confuso dos systemas, das opiniões, o seculo XIX parece ter previsto já e quasi acceite esta synthese definitiva, explicação reciproca da natureza pela consciencia, fusão e identidade de uma e da outra. A Renascença, que tem como caracter esta fusão, cujos elementos se manifestam historicamente nos dois cyclos anteriores, a Antiguidade e a Edade media, a natureza e a consciencia, repete-se, maior, mais vasta, n'es-

ta segunda metade do seculo XIX, pela fusão dos dois novos movimentos do espirito que repetem os cyclos historicos — o seculo XVIII, a Antiguidade, o Romantismo, a Edade media; e era, inspirado pelo genio da Renascença, que o poeta do seculo XVI adivinhava e sentia dentro da sua alma ardentemente apaixonada esta conclusão definitiva da evolução moral do espirito humano.

Essa faculdade divinatoria que faz os poetas, será porém uma e a mesma em todos os tempos e em todos os logares? Se a rasão humana tem uma historia, uma evolução pela qual se depura, até constituir-se definitivamente, não terá a imaginação um movimento analogo? É tão particular, tão exclusiva do individuo pensante que a possue, que viva fóra do mundo que se transforma, da realidade que caminha? Não, de certo. A imaginação acompanha o movimento universal. Nos periodos primitivos é ella quem cria as divindades metaphysicas e naturalistas, é por ella que os hellenos adoram Glauco, nas profundidades do mar, Athenea no azul do firmamento, as nymphas no ondular feminino do rio. É ella quem depois concebe o *heroe*, humanisa a divindade, cria o Olympo épico. É ella quem, seguindo esta evolução progressiva, espiritualisa a força humana, como humanisára a força natural, funde as individualidades olympicas n'uma entidade abstracta e sobrenatural de que os *deoses* passam a ser attributos, e por meio d'esta revolução moral cessa a Antiguidade e abre a Edade media. Hesiodo, Homero e Eschylo representam na civilisação antiga a historia da imaginação. Primeiro sente ella a natureza inanimada; depois vivifica-a, humanisa-a: o homem animal, a sua belleza, as suas paixões constituem o ideal; emfim descobre o

mundo interior, acorda a consciencia e esta, a maior estancia da historia do espirito, exige para a sua formação uma incubação laboriosa, que elementos estranhos vem tornar sombria, e se chama a Edade media.

Caracterisa-se a Edade media moral por uma reacção do homem interior, espiritual, contra o animal forte e bello que fôra o ideal do tempo da pura Antiguidade. A natureza é amaldiçoada, o demonio, o máu anjo, é a sua personificação. Mas, como em todas as reacções, o seu reinado é curto relativamente, e os elementos revolvidos pela lucta começam a serenar: começa a ressurgir o espirito antigo, e a Europa patenteia uma aurora de equilibrio em que a natureza e o espirito se reunem querendo abraçar-se e comprehender-se pelo amor. É isto a Renascença. Alcançada a fusão instinctiva e artistica dos dois elementos que tinham feito o combate na Edade media, a natureza e o espirito, voltam-se as attenções para a sciencia; debaixo do horisonte immenso e luminoso da Renascença sentia o espirito a necessidade do *saber*. É este o caracter dos seculos XVII e XVIII. Dante, Petrarcha e Voltaire, o primeiro revelando o mundo interior e phantastico, o segundo o consorcio do espirito com a carne pelo amor, o terceiro a sede violenta do saber positivo, caracterisam este segundo periodo como Hesiodo, Homero e Eschylo haviam caracterisado o primeiro. Considerando pois *o objecto* que a imaginação trabalha segundo os tempos, veremos a sua historia.

A imaginação tem uma historia, e essa historia é correlativa á historia da razão: caminha sempre um passo adiante. É por isso que a imaginação diminue em volume de actividade quanto ganha em intensidade.

O que era hontem um objecto de arte é amanhã um assumpto de sciencia positiva. Quanto mais portanto se alarga a area d'esta, mais se restringe a d'aquella. Os phenomenos naturaes deificados em Hesiodo, as forças humanas que Homero põe no Olympo, os dramas phantasticos da imaginação de Dante pertencem já em grande parte ou á geologia ou á astronomia, á physica ou á botanica, á anatomia, á physiologia ou á psycologia. São objecto de sciencia, deixaram de ser objecto de imaginação, de arte. Esculapio, Hyppocrates e Galeno personificam bem este movimento pelo qual os factos da imaginação se tornam assumptos positivos, scientificos: de divinos, tornam-se legendarios, de heroes, homens. Orpheu, Homero, depois Sophocles ou Euripedes dizem exactamente o mesmo.

Significará porém isto o termo, n'um certo periodo, da imaginação como faculdade humana, da arte como sua expressão? De fórma alguma. Se os modos porque a imaginação se nos apresenta variam, o seu objecto é completamente distincto do objecto da sciencia. Em quanto esta procura conhecer o *como* das cousas, aquella investiga, adivinha o *porque*. São duas faculdades simultaneas do espirito humano, e suppôr a eliminação de uma sería suppôr a castração moral d'elle. A arte é eterna como a materia, porque a faculdade que a produz é uma das manifestações da fôrça coexistente com ella: existirá pois emquanto ella existir, acompanhando o espirito na sua historia, transformando-se como se transforma a consciencia. O alargamento dos dominios da sciencia produz a exaltação do dominio da arte. Quanto mais elevado não é o objecto de Homero que o de Hesiodo, o de Eschylo que o de Homero, e o de

Dante do que o de toda a antiguidade! E depois da antiguidade todas as sciencias se refundiram, creou-se de novo o mundo, alargaram-se os horisontes do conhecimento das cousas, e no fim de todo este immenso labor, quando todas as velhas fontes da imaginação estavam esgotadas; quando os pseudo-artistas não sabiam mais do que o processo, não sentiam, não adivinhavam; quando se dizia que a arte havia morrido porque estava completamente feito o estudo do homem animal, depois de Shakespeare principalmente; que a arte havia morrido porque não era mais do que um entertenimento dos *salões*, um passatempo para os *beaux esprits* do *mundo*, viu-se que a arte não morrera porque não podia morrer; que a fonte perenne da imaginação embora se deslocasse, não se esgotára; e a Europa sentiu que além da sciencia positiva havia alguma cousa que ella não percebia, não explicava, e isso, esse grande *porque* das cousas deu-o o *Fausto*, que como as antigas epopêas, indicará ao futuro as creações transcendentes do nosso tempo.

Eschylo, Petrarcha e Goëthe são os tres pontos cardeaes por onde com a imaginação se determina a historia da consciencia humana: o seu acordar dentro do homem feito, robusto e bello da antiguidade; o grito com que reclama o consorcio com a natureza-mãe opprimida e esmagada na Edade media; o cantico sereno e puro, com que sagra a fusão do espirito com a materia, da sciencia com a consciencia, synthese definitiva e explendida em que se reune o trabalho doloroso de duas civilisações.

De ter determinado porém á imaginação uma historia, de ter examinado como ella vae na frente marcan-

do e illuminando o caminho que a consciencia universal segue, não se deduz, não, que o artista seja um *producto* do meio natural onde nasce. Que a indole, o genio, as tendencias, soffrem, segundo a atmosphera em que vivem, modificações notaveis, tenho-o como incontestavel; mas que o genio proprio de uma individualidade seja tão sómente uma resultante, seja um termo passivo em vez de ser um termo activo, não me parece que se prove, nem abstracta, nem exemplificadamente. As duas forças, as duas acções, a que recebe e a que dá, actuam necessariamente. Existem duas cathegorias entre os productos da imaginação, que correspondem a dois momentos da consciencia collectiva. A primeira, que póde chamar-se de geração espontanea, corresponde ao periodo instinctivo, a segunda corresponde ao periodo de reflexão. Na poesia denomina-se, geralmente, a primeira *popular*, a segunda *litteraria*. Entre uma e outra e como transição surgem phenomenos que de uma e outra partilham. Á primeira pertencem as collecções épicas primitivas e anonymas; á segunda as epopêas litterarias e individuaes. Se os *Eddas*, a *Biblia* e os vastos poemas do Oriente entram na primeira cathegoria; se Virgilio, Dante, Milton, Tasso, Camões e Goëthe, entram na segunda, Homero reside entre ambos, individualidade indistincta, que se desenha vagamente no horisonte grego dando a mão de um lado ao povo creador dos mythos naturalistas, e do outro aos tragicos que lhe revolucionaram o Olympo.

O homem é verdadeiramente um producto do clima, da raça, do tempo, quando dentro em si não se formou ainda um mundo moral que reage contra a fatalidade e o torna superior a ella, invencivel. É por isso

que nos periodos primitivos, os productos da imaginação são-n'o tanto do meio natural como as arvores, as pedras, o inanimado, como os ossos, os musculos, os orgãos animaes; a consciencia que nasce sómente se impressiona, não póde reflectir. D'aqui resulta o encanto, a ingenuidade como que infantil de todas as creações populares primitivas. Ellas reproduzem atravez das faculdades humanas todos os caracteres que lhes assistiram á nascença. Os *Eddas* são sombrios como o céo do norte, tragicos como as cavernas, os temporaes, os ventos e os frios que vem do polo; são candidos e meigos como é encantadora e celeste a virgem a que o sol do meio-dia não crestou a tez, branca como a neve, azues os olhos como o firmamento. A *Biblia* é immensa como o deserto; Jehovah terrivel como o Simún; encontra-se um povo requeimado pela areia que recebe em si o sol e o reproduz, cheio de sede, fazendo do inferno uma fornalha e cantando hymnos eternos ao Deus immenso que o seu immenso e profundo céo sem nuvens lhe está mostrando. Em Hesiodo e em Homero encontraremos retratado o genio da raça, a impressão do clima e da situação proprios da Hellade, da mesma fórma que nos poemas sanskritos a uberancia do solo e a fecundidade creadora do espirito.

Isto, que é profundamente exacto e universalmente acceite para esta e analoga ordem de creações, sel-o-ha porém para os productos individuaes filhos de uma consciencia feita, de uma reflexão activa?

Affirmal-o seria negar desde logo a consciencia e a reflexão como faculdades directoras do espirito humano. É a mesma epocha, o mesmo meio, a mesma civilisação que produzem Santo Ignacio e Cervantes, o creador da

cavalleria mystica do catholicismo e o coveiro da cavalleria andante; a mesma Italia vê Petrarcha, vê Savonarola, vê Machiavelo. Certamente as individualidades não apparecem como phenomenos isolados: a sua existencia prende-se, relaciona-se sempre com alguma das correntes do espirito contemporaneo; d'aqui porém a consideral-as um *producto* do mundo organico vae a distancia que separa cousas inteiramente differentes. A apotheose ou a reprovação dos caracteres naturaes de uma raça, pela consciencia individual é o phenomeno que caracterisa esta segunda epocha da vida do espirito, embora a razão obedeça a correntes moraes nascidas do seio da civilisação.

## II

Rapidamente estudámos qual é a faculdade creadora dos artistas, como se manifesta, que aspectos tem apresentado desde os periodos primitivos até aos contemporaneos. D'entre os productos d'essa faculdade é a poesia aquella que, pela sua indole, tem um caracter permanente e eterno. A esculptura e a pintura, dispondo de mais acanhados meios de interpretação, parece não poderem acompanhar o homem senão até um certo ponto da sua existencia moral. Assim como a esculptura se formou e se completou na Grecia, a pintura deu o seu ultimo resultado na Renascença. Uma e a outra d'então para cá não são creadoras, vivem da cópia, do processo artistico, não da arte. Representar

o homem, o animal forte e bello, essa era a missão da esculptura e preencheu-a; significar pela alliança da côr á fórma, a alliança do espirito ao corpo, o acordar da consciencia no homem, era o que a pintura podia fazer e fel-o. Depois, quando o homem interior, quando o mundo moral e espiritual domina, rege o mundo material e animal, é que com Palestrina nasce a musica, descobrindo um elemento novo para a reproducção do ideal, a *harmonia*. Assim, desde a *fórma* até a *harmonia,* e entre uma e outra a *côr* como transição, é que a historia da arte reproduz, retrata a do espirito. E d'aqui veremos porque é eterna a poesia: porque a palavra, que em Homero nos deu a *fórma* do homem nos olympicos, acompanhando o cinzel phidiano, nos dá em Camões, no Tasso e em Shakespeare a *côr*, isto é, a fórma espiritualisada, acompanhando Miguel Angelo, Raphael e Rubens; nos dá a *harmonia,* isto é, o homem pensante e consciente, o trabalho e a lucta interior, acompanhando Meyerbeer, Rossini e Haydn; porque a palavra tem dentro dos seus poderes de reproducção a fórma, a côr e o som.

Fórma da arte, pois, a poesia é eterna, e entre os *generos* em que se manifesta é certamente o genero épico aquelle que tem pela sua indole a propriedade de melhor realisar o ideal. Porque epopêa significa a representação artistica da crença, da ambição, da sciencia, da moral, em summa de toda a vida interior d'uma raça, d'um povo, n'um momento ou n'um cyclo. É por isso que as epopêas litterarias nunca podem attingir o valor das epopêas primitivas e populares. É impossivel reunir n'um espirito artistico todas as faculdades de imaginação e sentimento dispersas em uma *collecção.*

É impossivel que o artista creador, filho de uma epocha culta, onde a *razão* mais ou menos influe, conserve intactas, na sua plena efflorescencia, a imaginação e o sentimento que adivinham, os sentidos que se impressionam. Assim as cosmogonias dos povos são poemas sublimes, e o genio dos artistas não attinge o seu maximo gráo senão quando é sustentado por concepções taes. Os poemas sagrados da India, os poemas biblicos, os *Eddas*, os olympicos de Hesiodo e de Homero são esplendidas efflorescencias onde fulge concentrada uma civilisação inteira, e toda a emoção desapparece diante da sensação assombrosa que as fizera nascer, rebentar do mais fundo da alma humana.

Determinado assim o caracter das epopêas primitivas, são ellas o primeiro monumento etnographico. Conformidade de constituição organica, unidade de meio natural produzem um fructo egual; a distincção entre os caracteres poeticos das creações determina a distincção entre os caracteres de raça. Porém as raças, pelas suas migrações, transtornado o meio em que se educam, por elle transformados os costumes, subdividem-se, passam a apresentar caracteres distinctos entre si, embora conservem o fundo de origem commum, e então, como debaixo d'um carvalho immenso, á sua sombra, da sua seiva, crescem os rebentos, entre si differentes, assim sob o influxo e o ideal primitivo rebentam efflorescencias novas. É o que entre nós, europeus, se dá com as creações gigantescas da nossa mãe commum, a India. Dois ramos nasceram d'ella e transplantados em regiões distinctas produziram duas novas concepções do todo: são os *Eddas* e é o *Olympo* grego. Caminhando por estradas diversas, repellido um da natu-

reza inimiga para o sentimento e para o espirito, expandindo-se o outro e deliciando-se nos abraços dulcissimos com que o apertava o solo fertil, o céo benigno, vieram um e outro a encontrar-se como irmãos que eram, a fundir-se, a trocar as conquistas por cada um alcançadas, e d'esta união, d'este abraço, d'esta fusão, nasce a harmonia da civilisação moderna.

Assim a Europa se divide em dois grandes grupos, nascidos d'uma mesma origem, a um dos quaes preside a concepção épica dos *Eddas,* ao outro a concepção épica do naturalismo grego; a philosophia da sua historia reside na relação de lucta ou de comprehensão reciproca d'estes dois elementos indispensaveis á sua constituição definitiva. Percorrendo a geographia e a historia encontramos a Allemanha, a Dinamarca, a Suecia e a Inglaterra, como filhos do primeiro ramo, e a Grecia, a Italia, a Hespanha e a França como filhos do segundo; encontramos o movimento anterior ao christianismo presidido por este, a edade media por aquelle, com a Renascença a approximação dos dois, e da Renascença para cá a fluctuação inherente a essa fusão grandiosa.

Dentro d'este movimento, a Hespanha da historia descende pois, filia-se, na grande familia olympica. Os poemas de Homero são a sua epopêa primitiva, o caracter da sua civilisação não é autochthona, é historico. Os inicios confusos da sua existencia anterior á occupação e civilisação romana, desappareceram, como os caracteres da Italia primitiva, diante do sopro poderoso da concepção olympica e da organisação social. Como a propria civilisação romana a Hespanha não tem, além

de Homero, concepção épica primitiva que lhe dê um caracter pronunciado de originalidade de raça.

Desde que se abre a edade media até que se encerra, a originalidade poetica da Hespanha é nenhuma. A concepção épica dos *Eddas,* não podia acceital-a: impediam-lh'o o caracter de raça que adquiríra, e o caracter do clima: antes succedeu o que na Italia succedêra; a acção do clima olympificou o paraiso odinico. Se, como os rhapsodos haviam *cantado* a *Illiada* e a *Odissêa*, na edade media peninsular outros rhapsodos cantavam tambem as canções *de gesta* em que se narravam os feitos dos heroes, essa efflorescencia poetica não era mais do que uma reproducção das lendas e das idêas que os *barbaros* traziam comsigo dos paizes d'onde vinham. A Hespanha era muda porque a Hespanha era *romana*.

Quando recobra a voz, quando solta o canto, é quando o sol do meio-dia resurge de novo. A Hespanha como a Italia, o mundo antigo, como as flôres a quem as trevas cerram a corolla, desabrochavam e do seu calice fecundissimo saíam emanações, nasciam o Ariosto e o Tasso e Petrarcha, Cervantes e o auctor dos *Lusiadas*. O lyrismo antigo, conservado e depurado como brazeiro na Provença, rompia em labareda, e a figura augusta de Virgilio, o homem, o justo, o cidadão, de Virgilio, que não morrêra na Hespanha e na Italia, e conduzíra o Dante atravez das sombras medievaes, toma corpo na pessoa de Camões.

Os *Lusiadas* são uma nova *Eneida*. A corrente que vem de Homero produz Virgilio e, depois d'este, Camões. A concepção do mundo está feita; Virgilio concebeu o povo; não é o poema d'uma raça; é o poema

d'uma nação; não é a creação espontanea e instinctiva; é a composição laboriosa e reflectida. O mundo caminhou, o homem fez-se e as suas creações, a sociedade, o direito, a razão, vem como affluentes desaguar e engrossar o grande rio do ideal primitivo. Em Camões, a essa corrente já outra se uniu, é a que vem desde o norte e traz comsigo elementos novos, estranhos; as duas fórmam um mar, revolvido, tempestuoso; o momento da confluencia está proximo, e os elementos andam baralhados ainda, só mais tarde se fundirão para apresentarem um todo translucido e espelhado onde o céo, olhando-se, veja reproduzido o seu azul profundo e limpido.

Eis ahi o caracter de Camões: representa, sente, reproduz a Renascença, mas o seu poema é um poema nacional, é d'um povo, não é da humanidade: é portuguez, portuguez sobre tudo, como Virgilio fôra sobretudo romano. As conquistas são o momento, o episodio, o actual com que o poeta fez viva a sua obra. Porém elle não canta as conquistas como um facto da civilisação, mas sim como uma nova corôa para pôr na fronte laureada do seu Portugal. N'isto é Camões muito mais feliz do que Virgilio: encontra como *objecto* para a sua apotheose nacional um facto immenso, actual, que por si bastava para fazer uma nação, emquanto o poeta romano vae ás meias sombras dos tempos ante-historicos buscar uma lenda para sobre ella assentar o edificio da gloria do povo romano.

Camões vem de Homero, por Virgilio. Quererá dizer isto que os *Lusiadas* tenham como ideia fundamental, como ideia-mãe o naturalismo olympico? Não; já Virgilio o não tinha tambem. O ecclectismo romano,

resultado da falta de caracter ethnographico da nação, foi o maior auxiliar da revolução que espiritualisou o Olympo. Virgilio não crê já nas divindades olympicas; para elle transubstanciaram-se em uma cousa abstracta de que os deoses são tão sómente a representação figurada. Essa concepção ainda indefinida, transcendente, e que se affirma nos caracteres moraes do homem, na justiça, na sabedoria, na candura e no amor, é que constitue o seu ideal. Este é tambem o ideal da Renascença. Virgilio é quasi christão. Entre elle e Camões, o Tasso, Milton, encontramos Dante; Dante que descende de outra familia, para quem o homem se espiritualisa e desapparece no seio do paraiso mistico e do immortal amor cuja luz ideal banha as almas escolhidas. É este ideal dantesco, este espirito da Edade media que vem juntar-se com a tradição virgiliana em Camões, no Tasso, em Milton. Entretanto o fundo das epopêas da Renascença é completamente humano e naturalista. O paraiso de Milton é copiado da natureza: o protestantismo não tinha alterado nem renovado a natureza divina, antes conservou o symbolo acceito e a antiga legenda. Não fez mais — segundo diz Taine — do que refundir o homem, não recreou Deus. A Jerusalem do Tasso molda-se na republica platonica, e o ideal de Camões veremos no seguimento d'este trabalho como confirma e acompanha este movimento. Epocha de transição e de revolução, na Renascença a inspiração metaphysica já havia desapparecido e não resurgira ainda. Dante escondia-se no passado, e Goëthe não se descortinava ainda no futuro. O ideal metaphysico da Edade media tinha desapparecido, e o da Renascença só tres seculos mais tarde apparecia na figura do *Fausto* pan-

theista, na vaga natureza cujo seio profundo absorve todos os seres. (1)

## III

Conhemos já a cathegoria em que a epopêa dos *Lusiadas* tem de entrar. Ella, como a de Milton, na phrase de Taine, refundio o homem, não volveu a crear Deos. Não é uma epopêa transcendente, é uma epopêa humana, nacional, politica, religiosa. É debaixo d'este ponto de vista que temos de encaral-a. Primeiro a examinaremos em si, para depois irmos em seguida examinando os pontos de relação que tem, e como os manifesta, com o momento actual do seu paiz, com o estado geral do mundo, com o genio da nação que a produz.— Que o genio camoniano possue a qualidade intrinseca do poeta, a divinação, tivemos já logar de o ver e a comprovaremos na prosecução d'este trabalho. Agora examinaremos como elle tem em si as qualidades necessarias para executar a obra d'arte, conforme os *Lusiadas* são classificados.

Quaes serão de todos os factos do espirito humano aquelles que por sua natureza mais exijam para serem comprehendidos a faculdade artistica, a *segunda-vista*, senão os factos do sentimento? A comprehensão do homem pensante e seus productos, a sociedade, a sciencia, as instituições e as idêas, são relativamente perceptiveis

(1) Taine, *Hist. de la litt. ang.*, Milton.

diante dos movimentos mysteriosos que dirigem o animal-homem na sua vida de sentimento. Adivinhar as modulações, ferir as notas exactas, por que o odio ou o amor se formam, crescem, rebentam, só é dado ao artista; emquanto que determinar qual o caminho pelo qual o espirito chegou até conceber a *auctoridade* na politica, por exemplo, é mais ou menos concedido a todos. O sentimento humano é pois a provincia mais exclusivamente artistica, e o periodo camoniano é tambem aquelle em que a poesia europêa manifestou uma possança maior para o comprehender. Dominando como um colosso todo este movimento, toda a pleiade dos poetas *humanos* da Renascença, Shakespeare descarna, faz a anatomia do homem apaixonado, e o Othello, o Hamlet, Romeo, Desdemona, o Rei Lear e Falstaff e toda a sua galeria sellam a descoberta do homem interior, como os marmores de Phidias, de Praxiteles haviam sellado a do homem exterior. Entretanto o genio do poeta do Avon, pela raça, pelo clima, pelos costumes, está melhor dentro dos sentimentos terriveis, ferozes, do que dentro das creações meigas, das notas suaves do espirito que anima Raphael, Petrarcha e Camões. Não obstante a sua galeria feminina, Shakespeare havia de pintar antes o *Juizo final* do que as *Madonas,* da mesma fórma que o poeta portuguez pintaria antes estas do que aquelle. Se Shakespeare se compraz retratando o odio, a cubiça, o desespero, não serão essas as notas sentimentaes feridas por Camões. O lado mais elevado, proeminente que o poeta inglez encontra ao amor é o acordar de fera que elle pode produzir, o ciume. Vou transcrever o episodio de Ignez de Castro nos *Lusiadas*, e esta comparação saltará á vista: Shakespeare demo-

rar-se-hia a pintar o odio, a colera, a ferocidade de Pedro *o crú*, e Ignez de Castro seria uma repetição de Ophelia, de Julietta, de Desdemona. Camões, ao contrario, pinta extraordinariamente a *dôr* e passa breve sobre o *odio*: sente o martyrio, não a vingança. O episodio, que todo o portuguez conhece é este (C. III, Est. CXX e seg.):

Estavas linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
N'aquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravão;
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus formosos se apartavão;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavão;
E quanto emfim cuidava e quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.

Tal estava Ignez, quando

O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho que casar-se não queria

determinam o rei a *tirar Ignez ao mundo*. Quando a levam ante o rei os *horrificos algozes*, ella (C. III, Est. CXXV e seg.):

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos;

E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia:

..................................

Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sugeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se vencendo a maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez erro.
Mas, se t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente
Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade
Entre leões e tigres; e verei
Se n'elles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Alli co'o amor intrinseco e vontade
N'aquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejão da mãe triste.

O rei quer perdoar-lhe, porém o seu *destino* e os clamores do povo determinam o holocausto (C. CXXXIII e seg.):

......contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regado tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Ignez morre, e

> Assi como a bonina que cortada
> Antes do tempo foi, candida e bella,
> Sendo das mãos lascivas maltratada
> Da menina que a trouxe na capella,
> O cheiro traz perdido e a cor murchada:
> Tal está morta a pallida donzella,
> Seccas do rosto as rozas, e perdida
> A branca e viva cor, co'a doce vida.
>
> As filhas do Mondego a morte escura
> Longo tempo chorando memorárão.
> ..............................

Compare-se este holocausto com ess'outro de Desdemona. Aqui a martyr, Ignez, domina a scena; os matadores são *brutos*, são *horrificos*, a morte é *escura;* na tragedia shakespereana a esposa é martyr, porém o seu martyrio some-se na sombra projectada pelo vulto immenso e terrivel de Othello. De Dom Pedro e sua colera pouco diz o poeta, nada: narra, não descreve. Certo, as circumstancias são de todo outras, porém inductivamente se póde julgar o que Shakespeare faria do episodio de Ignez de Castro e por que modo Camões descreveria o supplicio de Desdemona. N'esta comparação se encontra a distancia dos dois genios, dos dois temperamentos, embora um como o outro conheçam e desfiram admiravelmente o immenso teclado da alma humana.

Não faltam mimo, delicadeza, encanto, as qualidades femininas, ás heroinas de Shakespeare, porém debaixo do seu pincel, subtilisam-se ellas por fórma, adelgaçam-se, espiritualisam-se de maneira que quasi·perdem o caracter humano: parecem gnomos, alguma cousa sobrenatural e phantastica. Se Camões não lhe

cede no primor com que sente a mulher, as suas heroinas porém são verdades, sentem-se, palpam-se. Vimos *a linda* Ignez entregue ao seu amor, descuidosa, sonhando com o amante, alegre, respirando a vida plenamente. Veremos agora outra que não é linda, senão formosissima, a *formosissima Maria,* afflicta, angustiada, a voz tremula, *espalha,* não solta o seu rogo, chora, é rainha e o seu throno vacilla. Ouçamos o poeta (Est. CII e seg.):

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pae ledo que a agasalha
Estas palavras taes, chorando, espalha:

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio
Para vir possuir a nobre Espanha.
Poder tamanho junto não se vio
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade e furor tanto
Que a vivos medo e a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for comtigo soccorrido,
Ver-me-has d'elle, e do reino ser privada;
Viuva e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino e sem ventura.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela;
Rompe toda a tardança; acude cedo
A' miseranda gente de Castella.

Se esse gesto que mostras claro e ledo,
De pae o verdadeiro amor assella,
Acude e corre pae; que se não corres
Pode ser que não aches quem soccorres.

Que distancia immensa vae de Ignez a Maria: e são ambas profundamente mulheres. Uma está feliz, socegada, quieta, quietamente morre como a bonina candida e bella; a outra é cheia de movimento, da ancia que dá o perigo; as suas palavras atropellam-se; ella treme pelo seu throno que vacilla, emquanto Ignez sómente chora pelo amante, pelos filhos que perde. O amor dá a uma serenidade superior, o perigo faz a outra femininamente attribulada.

Se as mulheres de Camões são explendidas, a sua palheta não tem côres egualmente possantes para pintar os sentimentos masculinos, fortes, ferozes, que constituem o imperio shakespereano; os seus homens moldam-se em geral no vulto um tanto apertado do *heroe* virgiliano, do dever e do civismo. Entretanto aqui ou acolá se vê rebentar uma borbulha da arvore esplendida da natureza, e Camões encontra notas como esta (C. x, Est. xxxiii):

Eis vem o pae (1) com animo estupendo
Trazendo furia e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agoa nos olhos.
A nobre ira lhe vinha promettendo
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos: sentil-o-ha o Nilo,
Podel-o-ha o Indo vêr e o Gange ouvil-o.

(1) D. Francisco de Almeida, a quem o filho morrêra no combate.

A indole peculiar do caracter de Camões, como veremos em seguida, não póde consentir o odio, a cólera, sem a dôr. O *pae* tem *fogo* no coração, e *agoa* nos olhos. É feroz pela morte do filho, mas ao mesmo tempo a chora.

Estas transcripções serão bastantes, creio, para provar que o genio camoniano, sellado com o verdadeiro cunho do artista, a divinação, possue o mais elevado gráo de realisação d'ella, o conhecimento do homem sentimental. Um traço mais servirá a provar quanto a sua alma concebia os movimentos naturaes do sentimento. É Aljubarrota; começa a batalha (C. IV, Est. XXVIII):

> Deo signal a trombeta castelhana,
> Horrendo, fero, ingente e temeroso:
> Ouvio-o o monte Artabro e o Guadiana
> Atraz tornou as ondas de medroso:
> Ouvio-o o Douro e a terra transtagana;
> Correo ao mar o Tejo duvidoso;
> E as mães que o som terribil escuitarão
> Aos peitos os filhinhos apertarão.

É a guerra! Toda a natureza pasma e se assusta, os montes, os rios, e, no meio d'este immenso susto, d'este terror ingente, as mães apertam os filhos contra o seio. Esta estrophe, verdadeiramente humana, cerra com esplendor o parallelo entre Camões e Shakespeare.

## IV

Os *Lusiadas* cantam:

> As armas e os barões assignalados
> Que da occidental praia lusitana
> Por mares nunca d'antes navegados
> Passárão ainda além da Taprobana.

A *Eneida* começa:

> *Arma virum que cano Trojae qui primus ab oris...*

Os *Lusiadas*, como a *Eneida*, são dois poemas principalmente inspirados pelo sentimento de uma nacionalidade. Se nas litteraturas antigas a *Eneida* é o unico poema a pôr em parallelo com os *Lusiadas*, nas litteraturas modernas não encontro eu nenhum que, similhante em indole, possa servir de ponto de referencia. Mais tarde e detidamente estudaremos as relações entre as musas virgiliana e camoniana: por agora encaremos em si só o poema portuguez e vejamos como elle cáe na classificação que lhe foi dada de poema nacional. Sómente estudaremos aqui a *intenção* do poeta, porque a realisação, isto é, o modo porque concebeu a nação portugueza, formará objecto de mais largo estudo.

Camões propõe-se a cantar uma nação e um facto, a nação portugueza e o facto dos descobrimentos. Estudando e descrevendo o caracter da nação, dá-lhe o fundamento; vivaz animando-se com um facto contemporaneo e surprehendente, dá-lhe a vida actual. Cum-

pre, como diz S.te Beuve, que a epopêa possua uma vida real no seu tempo e entre os seus contemporaneos e não uma vida fria para alguns amadores no gabinete. É esta a novidade, a actualidade que uma obra assim deve ter, combinada com as condições duraveis, eternas. Tão bem comprehendia isto Camões que escrevia (C. v, Est. XCIX e seg.):

Ás musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama.
..............................
Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, he somente o presupposto
Das Tagides gentis e seu respeito.

O amor da patria é que o obriga a cantar; o Gama é o episodio, o momento, o actual e transitorio. Esse amor da patria é tam forte que por elle renega os seus antecessores, renega Homero, renega Virgilio, quando diz (C. v, Est. LXXXVII e seg.):

Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
Sobre quem tem contenda perigrina
Entre si Rhodes, Smyrna e Colophonia
Athenas, Chios, Argo e Salamina.

Esse outro que esclarece toda Ausonia
E cuja voz altisona e divina
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co'o som se ensoberbece.

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
D'esses seus semi deuses...
Que por muito e por muito que se affinem
N'estas fabulas vans tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda a grandiloqua escriptura.

Com effeito, Camões cantava a *verdade*, porque de um lado o grandioso dos feitos, d'outro lado o estado de tensão epica dos espiritos não eram phrases litterarias, era pura e nua verdade. João de Barros, que tanto como Camões comprehendeu e sentiu o genio portuguez do seculo XVI, diz: (Panegyrico de D. João III) «Os turcos, em suas cantigas louvam os feitos d'armas e cavallarias de seus capitães, e em toda a Europa mais proveito de tal musica nasceria do que nasce de saudosas cantigas e trovas namoradas.» Estas palavras que marcam o termo do periodo medieval da litteratura portugueza, cerrado explendidamente por Gil Vicente e Bernardim Ribeiro; estas palavras são as mesmas, representam o mesmo sentimento que anima os *Lusiadas:* cantar a patria, cantar os seus feitos, os seus homens! Colheremos algumas provas. Quando Baccho, o inimigo dos lusitanos, na mythologia do poema, se queixa a Neptuno do que estes fazem, diz (C. VI, Est. XXIX):

> Vistes e ainda vemos cada dia
> Soberbas e insolencias taes que temo
> Que do mar e do céo em poucos annos
> Venham deuses a ser e nós humanos.

Os portuguezes tem *maritimos assentos* em Africa, são *mais que todos soberanos na Asia,* aram os campos na *quarta parte nova,* e a lusitana gente (C. VII, Est. XIV):

> Se mais mundo houvera, lá chegara.

Elles (C. II, Est. XLV):

> Novos mundos ao mundo irão mostrando

e diante de seus feitos exclama o poeta (Est. XLVII):

Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hão medo os elementos!

Se a apotheose da collectividade está feita, Camões individualisa, quer cantar a sociedade como o individuo (C. I, Est. XIV):

Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

Para os cantar, a elles e á patria, pede: (C. I, Est. V.)

...Huma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa
Que o peito accende e a côr ao gesto muda.

É a confirmação das palavras de João de Barros: furia grande, sonorosa, épica, não o languor dolente, sentimental, lyrico; as armas, as cavallarias, não as saudosas cantigas, as trovas namoradas.

Eis ahi está esboçado o que são os *Lusiadas,* qual é o pensamento camoniano; vimos como este, verdadeiramente artista, possue o sentimento humano, o patrio e o tom épico; vimos como o poema, litterario, não popular, humano, não transcendente, se classifica, que indole tem. Perguntaremos agora:

Dentro da biographia do poeta,
Dentro do paiz em que viveu,
Dentro do mundo que encontrou,
Dentro do genio da nação que o produziu,
Camões e os *Lusiadas* são um facto affirmativo ou negativo, isto é, consubstanciam a sua epocha, affirmando-a, ou insurgem-se contra ella, negando-a? É o que veremos nos capitulos seguintes, aos quaes o presente é como que introducção. Os grandes artistas têm sempre um ou outro d'estes caracteres, e d'aqui podemos ter uma prova da liberdade do espirito, da sua existencia activa. Miguel Angelo, pintando o *Juiso final,* e Shakespeare, escrevendo o seu theatro, são exemplos dos dois genios: em tempos mais proximos Carlisle ou Balzac de um lado, Hugo ou Schiller do outro, dizem o mesmo; como outro tanto indicam até certo ponto, os renovadores das nossas letras, Herculano e Garrett.

A qual dos dous grupos pertence Camões?

## CAPITULO SEGUNDO

---

# LUIZ DE CAMÕES

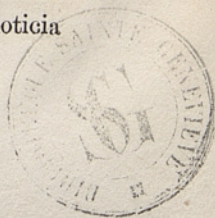
---

A biographia do artista está sempre nas suas obras: a biographia de Camões encontra-se nos *Lusiadas*. Da primeira á ultima das estrophes está registada toda a serie de crenças e de pensamentos que lhe formaram a vida, a vida que, como o poema, se abre enthusiasta, ardente, forte e termina triste, desanimada e sombria. Sombria, como o foi a morte do poeta, que coincidia com a morte da sua patria. Esta é a verdadeira e fertil biographia, a do espirito, onde a alma póde ir encontrar lição, incitamento e tempera bastante para não estalar ao embate das vicissitudes da vida. Diante d'ella os successos exteriores que agitaram a vida do poeta, as averiguações minuciosas e eruditas ácerca d'elles — averiguações que nem o quadro d'este livro exige, nem o seu auctor póde fazer ao escrevel-o — minguam muito de interesse.

É certo que as vicissitudes da vida influem no movimento interior do espirito, e que para o explicar cum-

pre conhecel-as: mas é tambem certo que na troca de força activa que se dá reciprocamente, o caracter, o genio do individuo importa muito mais para determinar os actos da vida, do que estes para determinar o primeiro. Assim me parece que estudar e determinar o caracter é o meio mais seguro de conhecer a biographia; e é pela successão e sequencia de sentimentos, que um e outro se nos patentearão. Entretanto, como indicação e apontamento, eis-ahi fixadas as epochas memoraveis da vida de Camões, segundo a erudição as tem determinado:

Nasce em Lisboa em 1525, filho de uma familia illustre; em 1548 volta da Universidade de Coimbra, onde se revelára poeta, cheio de enthusiasmo, de saber, de vida; entra na côrte, vive no mundo, corteja as damas e é n'esta epocha que ama e é amado por D. Catharina de Athayde, dama do paço; d'este amor nascem as suas desgraças: é desterrado e mal visto; embarca para Africa, onde, combatendo em Ceuta, perde um dos olhos; d'ahi os homens lhe encontram uma alcunha, e as mulheres, no nome que lhe puzeram, *o diabo,* dão a prova de que a exuberancia da sua constituição não tinha enfraquecido com estes primeiros desastres; voltando de Ceuta a Lisboa, ou perseguições ou novos amores e travessuras novas o obrigam a alistar-se e partir para a India (1553); logo que alí chega sáe em uma expedição maritima e na volta a Gôa encontra como vice-rei um homem que não era nem Albuquerque nem Castro, que o não podia estimar a elle Camões, nem ser estimado pelo poeta. Com rasão ou sem ella, Camões expõe Barreto á irrisão publica e recebe o castigo do feito: é deportado para as Molucas, d'onde passou a

Macau e deu nome á celebre gruta. Em 1558 Barreto larga o governo e Camões póde voltar a Gôa. É n'esta viagem que naufraga, salvando-se a nado com os *Lusiadas;* naufrago, erra por terras inhospitas, até que em 1561 póde chegar a Gôa onde, durante o governo de D. Constantino de Bragança, lhe correm os melhores dias que passou no Oriente; substituido o governador, desencadeia-se de novo a tempestade: é encarcerado, consegue livrar-se, e cheio de desanimo intenta voltar a Portugal. Pedro Barreto sedul-o a acompanhal-o a Çofala e parte; durante a viagem desavém-se os companheiros; Barreto reclama o preço da passagem, Camões não tem com que pagal-a, e na perspectiva de ser encarcerado em Moçambique, onde se achava, acodem-lhe outros companheiros de viagem que satisfazem o credor; Camões póde seguir e segue viagem para Lisboa, onde chega em 1569; dezeseis annos durou a sua emigração. Em Portugal governa D. Sebastião e prepara-se Alcacerquibir; por desenfado a côrte ouve os *Lusiadas* e paga a indifferença ao poeta com quinze mil reis annuaes; a tença não é fielmente satisfeita, de modo que o poeta vive das esmolas que o seu escravo, o Jáo, para elle obtem, das caridades da Barbara escrava; o Jáo morre e Camões, doente, vae cahir e morrer no hospital (1580); dentro d'este periodo caliginoso passa uma data, que devêra ser uma solemnidade, desapercebida na vida do poeta: 1572, a publicação dos *Lusiadas;* mas o livro fôra truncado pela censura; os litteratos favorecidos e bemquistos maldiziam do poeta, roubando-lhe ao mesmo tempo as obras; quando a hora final se aproximava, diz-se que lhe chegára a noticia

da derrota de Alcacerquibir, da destruição da patria: «Ao menos morro com ella!» exclamára o poeta.

A vida de Camões divide-se pois em tres periodos: o da crença, que dura cinco annos (1548-1553); o da lucta, que dura dezeseis (1553-1569); o da morte, que dura dez (1569-1580). A vida dos grandes homens é em geral esta; os precursores são geralmente martyres; a Renascença, a epocha da maior procreação genial, apresenta sempre por cada aurora um holocausto: se a Miguel Angelo e a Raphael não cabe em sorte a enxerga do hospital, a Italia tem Machiavel e o Tasso; Rabelais consegue viver só á força de astucia; e em Inglaterra, Shakespeare abandona rico o theatro e entrega-se á agiotagem, mostrando ainda n'isto quão fundo era o veio de raça que tinha em si; mas Marlow, o que primeiro concebeu o *Fausto,* morre como Camões n'um abysmo do infortunio.

Pois que sabemos como foi a vida, conheçamos qual foi o homem.

I

Camões chega a Lisboa concluidos os seus estudos universitarios; tem vinte e tres ou vinte e quatro annos; a vida sorri-lhe, ferve-lhe a imaginação na cabeça, confia em si, no seu talento, no seu saber; é virilmente gentil, a estatura mediana, os cabellos louros, vivos os olhos, nariz aquilino, a fronte carregada bastante a provar o talento, o parecer alegre e affavel mostrando a superioridade jovial e amiga. O futuro apresenta-se-lhe côr de rosa: a côrte abre-lhe as portas; as mulheres acariciam-n'o; os homens ainda ò não temem. Abalança-se ás grandes emprezas. É talvez então que pega na penna e lavrando a portada do seu templo escreve cheio de fé (C. I, Est. IV):

> E vós tagides minhas, pois creado
> Tendes em mi hum novo engenho ardente;
> Se sempre em verso humilde celebrado
> Foi de mi vosso rio alegremente,
> Dai-me agora um som alto e sublimado,
> Hum estylo grandiloquo e corrente...

*

É a patria o que elle quer cantar? É; a patria, doce palavra que lhe sôa aos ouvidos e o enthusiasma, culto em que o seu coração, transbordando vida, reune todas as affeições, todos os encantos. O enthusiasmo, a fé, com que escreve (Est. III):

> Cesse tudo o que a musa antiga canta
> Que outro valor mais alto se alevanta,

é o mesmo, é aquelle ardor heroico com que a nação portugueza, olhando ávida por de sobre o promontorio de Sagres, se lançava ao mar, ás tempestades, á lucta com os elementos, com os homens. Como ella, Camões, alongando a vista pelo mar desconhecido de uma vida que se lhe abria esplendida, se lança ás tempestades, á lucta, á vida. Soçobrará? Oh não! quem vae dizer ao poeta, que está bebendo, a embriagar-se, o doce vinho da esperança, que no fundo da taça ha fel? quem vae dizer á nação que nos confins do mar ha um tumulo?

Camões confia em si! sente o ardor da imaginação, reconhece o talento: pois hão de enganal-o as miragens divinas do futuro? E se o talento não bastasse, o

> Novo engenho ardente,

não conhece elle Homero e Virgilio, Platão e Aristoteles, a Antiguidade toda? Não conhece Dante, o Ariosto, o Tasso, Garcilasso, Boscan, e sobre todos o mestre, o divino, Petrarcha? pois a sciencia de todos os tempos não a bebeu? e ella havia de illudil-o? Oh não! Talento e saber, confiança e ardor: o futuro pertence-me! O que é o futuro? desconhecido ainda, mas é o gozo, é a vida,

é a gloria! Outro tanto dizia Portugal: pois não tenho já a lição de quatro seculos de vida? pois não tenho o esforço, o ardor, a energia para me lançar a esse dragão até aqui temivel, o mar? O que esconde elle? qual será o premio dos meus trabalhos? desconhecido ainda, mas é o gozo, é a vida, é a gloria!

O momento era o mesmo para a nação como para o poeta. Enthusiasmo e confiança! Um desejo immenso de se abalançar a grandes emprezas, de luctar, de mover-se, de expandir a seiva, o sangue que a natureza lhes fazia circular nas veias. O rumo era incerto para os navegadores lançados no oceano, para o poeta lançado no mundo. Depressa, porém, appareceriam á nação, como ao poeta, dois amores, duas estrellas que determinassem a ambos o destino da vida, glorioso mas triste destino! a uma as descobertas e Alcacerquibir, ao outro o amor, a poesia, e a enxerga do hospital! Uma chega á India pelas tormentas, pelos trabalhos, e é o mar quem a seduz; o outro chega a levantar o monumento dos *Lusiadas* com o sacrificio de si proprio, e é um amor quem, seduzindo-o, o leva ao Oriente, lhe mostra a epopêa.

O amor de D. Catharina de Athayde é o momento decisivo da vida de Camões; é elle quem lhe occasiona as suas primeiras desgraças, quem lhe enceta a carreira de espinhos pela qual, se chegou ao Calvario, tambem teve a Ressurreição. Não fôra elle, e talvez Camões, querido da côrte como Bernardes, como outros, nunca tivesse encontrado os tons que sómente a desgraça ensina, e no fausto, na vida facil, não se houvera elevado acima dos trovistas de eschola, poetas de profissão. Esse amor é o mar em que navega o barco da sua vida e lhe

descobre a constellação sublime que a illumina toda, a constellação da patria. Primeira erupção d'uma cratera joven, as labaredas irrompem com força, e quando a fatalidade lhe arremessa o primeiro golpe, Camões pára de assombro, estaca e estonteado diz (Son. IX):

> Sem causa juntamente choro e rio;
> O mundo todo abarco e nada aperto.

O seu edificio tombou a um sopro de vento; desmanchou-se como os castellos de cartas dos brincos da infancia; o mundo é vasio; cegou. Dissiparam-se, eram nuvens, essas creações brilhantes! o futuro, a côrte, o amor, passaram breve: do estremecimento que o terramoto produziu ficaram só ruinas? Não; a cheia passou e fertilisou a campina. O amor foi um baptismo, a dôr uma confirmação. Formou-se o homem; Camões, o poeta da patria, nasceu.

Petrarchista, se o amor natural morreu, quem lhe impede que tome para si uma religião, um mote, uma nuvem luminosa e distante que nas longas horas de secca venha derramar umas gottas de chuva sobre a imaginação em febre? Este é o papel futuro de Natercia na vida de Camões: uma concreção sublime e abstracta de todas as creações da imaginação amorosa. Se os primeiros amores de Camões foram uma verdade positiva, essa creação, que acompanha toda a sua vida, é como a Laura, uma entidade mystica. Assim como Laura não impedia a Petrarcha de casar-se e de ser um *pater-familia,* assim Natercia não impedia a Camões o celebrar as flôres que no decurso da sua vida errante ia colhendo. Se tinha a religião dos cabellos louros, dos olhos

azues, os cabellos e os olhos de Natercia, não deixava por isso de cantar, nem os cabellos pretos, nem os olhos verdes: como o Leonardo dos *Lusiadas,* se era namorado era tambem manhoso.

É a estes crimes que elle se refere quando diz (Son. CLXXIX):

> ......revolvo agora erros passados,
> Que outro fructo não deu a mocidade
> A quem vergonha e dôr minh'alma deve?

Serão estes, serão outros que desconhecemos, porque nos homens da Renascença fervia uma exuberancia de vida que transbordava os limites augustos da moral.

Pelo amor caído, pela estrella da sua vida apagada, por aquella corda da sua lyra partida, pelos seus erros talvez, pela necessidade de objecto, de acção decerto, Camões pede ás Tagides (C. I, Est. V):

> ....huma furia grande e sonorosa
> E não de agreste avena ou frauta ruda;
> Mas de tuba canora e bellicosa,
> Que o peito accende e a côr ao gesto muda.

Troca a sua frauta pastoril pela tuba guerreira, despe o gibão bordado e enverga a couraça, e elle, que se ensaiára já em Ceuta, embarca para o Oriente: teria vinte e oito annos. Cinco annos durára a sua vida de côrte, cinco annos, e um mundo feito, um mundo caído, uma transfiguração.

Despeitado, dolorido, a queixa assoma-lhe aos labios: «*Ingrata patria, non possidebis ossa mea*» exclama ao largar o Tejo; mas mitigada a dôr pela saudade,

acrisolado o amor pela distancia, é outro o sentimento que o anima; ao despeito succedeu a tristeza, ao adeus para sempre succede a esperança da volta, o desejo do regresso. Não seria em algum dos pontos longinquos das suas peregrinações, quando perseguido, isolado, triste e afflicto, que elle descreve assim o largar da esquadrilha do Gama a barra de Lisboa? (C. v, Est. III):

> Já a vista pouco e pouco se desterra
> D'aquelles patrios montes que ficavão:
> Ficava o charo Tejo e a fresca serra
> De Cintra; e nella os olhos se alongavão.
> Ficavão-nos tambem na amada terra
> O coração que as magoas lá deixavão;
> E já depois que tudo se escondeu,
> Não vimos mais emfim que mar e céo.

O coração, este coração seria o d'elle? Os olhos alongavam-se na serra de Cintra; estaria alí, na côrte, D. Catharina?

Esses cinco annos de amor, de crença, de esperança, fugiram: nasceu d'elles um novo homem; ia entrar em convivencia com os elementos e aprender d'elles a conhecer e a amar a natureza; ia luctar e aprender na gymnastica do corpo, do espirito, a conhecer e a amar o homem, trabalhador activo, não scismador dolente: se, educado com Petrarcha, aprendêra d'elle a subtilisar o sentimento, a dissecar o amor phantastico, o seu genio ardente e vigoroso necessitava d'outro elemento em que pascer; nascêra na Renascença e a sua constituição chamava-o a formar com Miguel Angelo, com Shakespeare, a trindade de gigantes humanos que sustentam sobre os hombros o mundo moderno. Portugal, que é elle, Portugal cuja vida se resume na d'elle, ex-

perimentava exactamente o mesmo: os cinco annos de delirio amoroso da vida de Camões tivera-os a nação desde que começou a entoar nos seus Cancioneiros as primeiras endexas de amor, até que com a alma de Bernardim Ribeiro cerra o periodo sentimental. Então parte para a India como Camões, vê no céo uma constellação nova, a estrella da Renascença, que se chama a vida, a lucta, o exercicio e o goso pleno das forças naturaes: a musa portugueza, lyrica até então, é depois d'isso épica: João de Barros, Couto, Quevedo, Castro, Côrte-Real, etc.

A tendencia heroica que impellia a nação é a mesma que arrasta Camões; conceba-se porém esta distincção fundamental: o heroismo é humano, não é phantastico; os heroes, são titães, não são martyres; têm a executar *trabalhos* como os de Hercules, não a soffrer dôres, macerações, como os eremitas, os stylitas, os santos da Edade media. É por meio do exercicio pleno das forças naturaes que o homem, o povo, alcança a glorificação; estas palavras, postas na bocca do Gama, são a explicação da viagem de Camões á India (C. VI, Est. XCV):

Por meio d'estes horridos perigos,
D'estes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são da fama amigos
As honras immortaes e gráos maiores.

Camões partiu e entrou no seio do combate. Esse combate, que os portuguezes ferem no mar com as ondas e com as esquadras, na terra com o clima e com os exercitos, fere-o Camões comsigo, com o seu genio, com a sua razão, com a sua desgraça. Prometheu, elle

tinha querido roubar a verdadeira chamma, pretendia realisar a vida e cantal-a: o abutre róe-lhe o figado, dilacera-o, mata-o. É esta egualmente a historia da nação portugueza. Embarcado na sua formosa náo, nos seus *Lusiadas,* no meio do combate, exclama (C. VII, Est. LXXVIII):

> ......................navego
> Por alto mar com vento tão contrario
> Que.... hei grande medo
> Que o meu fraco batel se alague cedo.

Recolhido em si, a si proprio pergunta se a estrella que o guia não é filha d'uma miragem (Son. CXII):

> Que doudo pensamento he o que sigo?
> Apoz que vão cuidado vou correndo?
> Sem ventura de mi! que não me entendo;
> Nem o que callo sei, nem o que digo.
>
> Pelejo com quem trata paz commigo,
> De quem guerra me faz não me defendo.
> De falsas esperanças que pretendo?
> Quem de meu proprio mal me faz amigo?
> ..................................

É este o momento mais solemne, o mais perigoso da vida: vacilla a fé, o corpo treme; ha uma lucta interior que de um lado arrasta o homem para a bestialidade, do outro o impelle para o céo. Grande náo, grande tormenta, dizemos nós os portuguezes: quanto mais forte é a constituição, maior é a lucta; este phenomeno, que mais ou menos se dá dentro de nós todos, adquire proporções enormes quando apparece n'uma alma de gigante; ás vezes constitue a historia inteira de uma vida, como no Tasso, como em Camões. Quando a des-

graça toma proporções taes, o espirito vacilla: ainda n'este ponto a biographia de Camões é a historia da nação, é ao mesmo tempo a successão de pensamentos d'onde sáem os *Lusiadas*. Se Camões se accusava a si proprio pelo seu genio, Portugal tambem se flagellava a si pelo seu heroismo; é na occasião de a esquadra de Vasco da Gama largar de Lisboa que um velho de *aspeito venerando*, o velho Portugal burguez, exclama (C. IV, Est. XCV e CII):

> Oh gloria de mandar! Oh vãa cubiça
> D'esta vaidade a quem chamamos fama!
> Oh fraudulento gosto, que se atiça
> C'huma aura popular, que honra se chama!
> ....................................
> Oh maldito o primeiro que no mundo
> Nas ondas vela poz em secco lenho!

É a nação que no momento de encetar o combate, arrastada pela fatalidade, a accusa; guiada pelo genio, o repulsa; Portugal executa a obra heroica conspurcando-se de miseria, glorifica-se e mata-se. Do enthusiasmo cego com que se lança na estrada brilhante, nascem as auréolas de João de Castro, de Affonso de Albuquerque; do pezar com que se lamenta a si, da dôr que sente pelo esforço necessario á consummação dos *trabalhos* nascem as nodoas que Gil Vicente retrata no *Auto da India*.

Ao poeta, do enthusiasmo genial nascem os *Lusiadas*; da fraqueza, da dôr, nascem as nodoas da sua vida, servilismo, adulação. Oh! como é pungente vêr que a penna que escreve os *Lusiadas* é a mesma que se não parte ao pedir uma esmola! que a penna que escreveu

> Eu canto o peito illustre lusitano,

seja a mesma que n'uma hora sombria pede as gallinhas ao senhor de Cascaes, e a não sei quem uma camisa:

> Quem no mundo quizer ser
> Havido por singular,
> Para mais s'engrandecer
> Hade trazer sempre o dar
> Nas ancas do prommetter.
> E já que vossa mercê
> Larguesa tem por divisa,
> Como o mundo todo vê,
> He mister que tanto dê
> Que venha a dar a camisa.

O poeta tinha fome, estava nú; pedisse a esmola, não molhasse em lama a penna que molhava em ouro. Oh! como é dolorosa de vêr esta face da biographia dos poetas, face obscura que augmenta até produzir a deploravel physionomia de Bocage! Ao pedinte dá o braço o adulador:

> Quem jaz no grão sepulchro, que descreve
> Tam illustres signaes no forte escudo?
> Ninguem; que n'isso emfim se torna tudo:
> Mas foi quem tudo pode e tudo teve.
> Foi rei? Fez tudo quanto a rei se deve:
> Poz na guerra e na paz devido estudo.
> Mas quão pesado foi ao mouro rudo
> Tanto lhe seja agora a terra leve.
> Alexandro será? Ninguem se engane.
> Mais que o adquirir o sustentar estima.
> Será Hadriano grão senhor do mundo?
> Mais observante foi da lei de cima.
> He Numa? Numa não, mas he Joane
> De Portugal terceiro, sem segundo.

D. João III!

Adulador e pedinte, de mãos dadas, eil-o aqui, reclamando um logar:

Bem basta, senhor, que agora
Vos sirvaes de me occupar;
Que assi fareis aparar
A penna com que algum'hora
Vos vereis ao ceo voar.
Assi vos irei louvando,
Ambos o mundo espantando;
Vós com a espada cortando,
Eu com a penna escrevendo.

Não parece Bocage entoando o seu

Barreto bemfeitor, Barreto amigo...?

não parece isto que nos transportamos ao seculo XVIII? Cerremos esta pagina sombria; a fatalidade escreveu-a, o espirito insurge-se contra ella: é o mesmo Camões quem nos diz (Canção XI):

..........aquelles que o confuso
Regimento do mundo, antigo abuso,
Faz sobre os outros homens poderosos...

é elle quem escreve: «Principes de condicção, ainda que o sejão de sangue, são mais enfadonhos que a pobreza: fazem com sua fidalguia com que lhes cavemos fidalguias de seus avós, onde não ha trigo tão joeirado que não tenha alguma hervilhaca» (Carta I).

Se elle não tem a força bastante para protestar, se não póde resistir á miseria e dobra a cerviz, ainda n'isso acompanha a sua patria, que sem protestar tambem, indifferente e perdida, se deixa caír n'um tumulo que é um lodaçal.

Portugal, emquanto escrevia com lettras de ouro o seu nome pelas conquistas do Oriente, o Gama, quando opprimido e cançado já dos trabalhos da viagem, suspiram pela sua terra: os portuguezes levavam a patria nos navios, nos navios que deviam trazêl-os de novo á Europa; — pois bem: Camões tirando dos seus trabalhos, das suas viagens, das suas impressões, as notas do seu canto, é pela volta á patria que suspira, é para ella que estão voltados os seus olhares: se n'um momento de despeito exclamou a phrase de Scipião africano, fóra da patria conheceu que a estrella funesta da sua desgraça não se apagára, e que a estrella brilhante da sua gloria só na patria, entre aquelles que a tinham feito despontar no céo, podia fulgurar. Quando o Gama exclama (C. III, Est. XXI):

> Esta he a ditosa patria minha amada,
> A' qual se o ceo me dá que eu sem perigo
> Torne com esta empreza já acabada
> Acabe-se esta luz alli comigo,

é ao mesmo tempo Camões quem falla; a empreza que é a viagem, a descoberta, é ao mesmo tempo o poema. N'essas horas de isolamento triste em que Lisboa lhe apparecia em sonhos e, como tintas leves no fundo d'um quadro esplendido, a sua passada juventude, as suas esperanças, os seus amores, n'essas horas, digo, é que o poeta, abraçado ao livro que já agora era toda a sua vida, realisaria o pensamento d'este verso unico (Elegia II):

> A saudade escreve e eu traslado.

O heroe sentia extinguir-se-lhe o fogo; os seus *trabalhos*, o seu poema, construíra-o; na obra consumira-se a si proprio, e o desalento, não o orgulho, a desesperança, não a satisfação, obrigam-no a voltar á patria: vem procurar um tumulo, não vem buscar uma corôa.

Tristissimo quadro este! o de um homem que, realisada a grande obra da sua vida, não tem uma hora de gozo, de orgulho, de satisfação, não se sente deos, mas se chora e se lamenta dolorido e triste pelas desgraças da sua vida! E a corôa, poeta, que o futuro te ha de pôr na frente? Para o paiz é o mesmo: a sua grande obra concluida, o Oriente aberto ao mundo, deixa-se morrer afflicto e miseravel. E a gloria, Portugal, com que a historia ha de fallar do teu nome pela bocca da humanidade grata?

Eis ahi como conclue o segundo periodo, os dezeseis annos de combate da vida do poeta. Concluido o poema, concluidas as conquistas, abre-se o periodo da morte cheio de trevas, de flagicios, longo, sobre tudo, para Camões como para Portugal. Se a lucta durou dezeseis, a agonia durará dez; dez annos de soffrer obscuro!

São os annos verdadeiramente sombrios. Na India havia ao menos a lucta constante, e a esperança da volta á patria; agora a vida tomou a placidez do paúl infecto, e a patria... que ha a esperar d'ella se o renegou? que ha a esperar d'ella quando agonisa tambem?

Entretanto abraçado a si traz o poema: terá por elle a salvação? Camões não o crê: como se aproxima da patria e a palpa e sente, conhece que não é só elle, o poeta, quem vae a morrer: seria já em Lisboa, seria na viagem que escreveu estas estrophes? (C. x, Est. VIII e IX):

Aqui, minha Calliope, te invoco
N'este trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pertendo,
O gosto de escrever que vou perdendo.

Vão os annos descendo e ja do estio
Ha pouco que passar até ao outomno;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual ja me não jacto nem me abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno:
Mas tu me dá que cumpra, oh grão Rainha
Das musas, co'o que quero á nação minha.

Tal é o estado de espirito com que conclue o poema: o mesmo é aquelle com que a nação conclue: a tristeza. N'estas estrophes, no *gosto de escrever que vou perdendo,* no gosto do trabalho que a nação perdia; no desejo de cumprir *co'o que quero á nação minha,* no ultimo arranco de patriotismo que deu a empreza de Africa, não se descobre este parallelo sublime da vida de um homem, escripta n'uma epopêa, com a vida da nação que a epopêa canta? Quem é capaz de desatar o laço de estreita harmonia que prende Portugal, os *Lusiadas* e Camões? um livro, um homem e uma nação?

Assim como o povo não confia, antes adivinha Alcacerquibir, assim o poeta não espera, antes adivinha o despreso pela sua obra (C. x, Est. CXLV):

.................... a lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.

Com effeito assim foi: a *gente,* os grandes, o rei, despresaram-no, a censura mutilou-lhe a obra-prima, e Camões, que resistíra e tirára forças da primeira tem-

pestade da sua vida, que das ruinas de uma paixão fez um edificio de gloria, quando lhe cospem sobre o templo emmudece e morre: cerrou-se a porta, concluiu-se a obra, partiu-se a penna, como diz a maxima drusa. Do seu amor caído ficou-lhe n'alma um culto espiritual, uma religião dulcissima que lhe illuminava de azul os horisontes sombrios da existencia: essa existencia era um combate que pozera a peito escrever n'um livro; do amor da mulher lhe nascêra o sentimento da arte; quando lhe feriram o que era a sua segunda alma, não viu a quê nem onde apoiar uma vida cruciada, e concluiu a obra, partiu a penna. Indifferente assiste á publicação da sua obra: não a conhece elle, tanto lh'a mutilaram. Para que não faltasse mais um espinho a rasgar-lhe as carnes, elle não crê, não falla na posteridade, na posteridade para cuja vida o resplendor immenso d'essa obra seria o que para o do poeta foi o do seu primeiro amor.

Estes dez annos de uma agonia caliginosa encontram-se n'este soneto:

> Oh como se me alonga de anno em anno
> A perigrinação cansada minha!
> Como se encurta e como ao fim caminha
> Este meu breve e vão discurso humano!
> Mingoando a edade vae, crescendo o dano,
> Perdeo-se-me um remedio que inda tinha:
> Se por experiencia se adivinha,
> Qualquer grande esperança é grande engano.
> Corro apoz este bem que não se alcança,
> No meio do caminho me fallece,
> Mil vezes caio e perco a confiança.
> Quando elle foge eu tardo, e na tardança
> Se os olhos ergo a vêr se inda apparece,
> Da vista se me perde e da esperança.

Qual será este como que fogo fatuo que illumina ainda por vezes as sombras da alma do poeta? Será o futuro, a fama vindoura? Oxalá que assim fosse! Á beira do tumulo, abandonado no hospital, a unica visão que podia fazer-lhe esquecer o seu calvario seria a da posteridade collocando-lhe por mão do mundo inteiro a corôa de louro na fronte.

Já disse a palavra proferida por Camões ao expirar: «ao menos morro com ella!»

Morria a patria, morria o poeta: e do poeta e da patria, como gloria, padrão, fructo explendido, ficava o livro.

## II

Qual é o caracter que esta historia do espirito patenteia?

.......... sem mentir, puras verdades,

como diz o poeta, isto é, sem amplificações rethoricas: mas buscando o exacto, dizer quem era Camões, é dizer quem eram todos os grandes homens contemporaneos; dizer quem era Camões é dizer qual era o espirito da nação revelado em todos os seus actos. Não sei, em verdade, de outro homem, de outro povo, de outro monumento, a não ser Virgilio, Roma e Augusto, que tam exactamente se reproduzam. Camões é Gama na ousa-

dia, Albuquerque na força, Castro no dever, Bernardim no sentimento: é ao mesmo tempo todos elles, a todos reune, a todos comprehende, e na sua physionomia apparecem fundidos todos os caracteres da nação, no seu espirito o seu ideal, na sua vida a sua historia.

Attentemos no rosto do poeta: a testa é alta e vasta, o nariz comprido, os beiços cheios, os olhos fundos, as linhas todas puras, os contornos opulentos, a barba farta. Se ha uma cara que possa dizer-se o typo portuguez, não está ella aqui? Olhando o retrato do poeta, não lhe encontraremos analogia com os typos, femininos principalmente, d'essa população, talvez descendencia sem alliagem d'alguma raça antiga, que está entre o Vouga e o Douro? Este typo, sem ter a mobilidade dos rostos gregos, maior, mais amplo, recorda-os porém muito; differe completamente do typo do sul da peninsula, estremenhos, andaluzes, algarvios. A Estremadura foi a provincia que maiores homens deu á Hespanha descobridora, conquistadora: Pizarro, Valdivia, Cortez, os conquistadores do Perú, do Chili, do Mexico, são estremenhos. Os typos portuguezes, o Gama, Albuquerque, Castro, tão distinctos moralmente, são-n'o da mesma fórma na physionomia. Ercilla, que cantou os hespanhoes, tem a physionomia d'elles, assim como Camões, que cantou os portuguezes, tem a physionomia dos heroes, colorida pelo vago que dá a concepção do ideal. Os guerreiros hespanhoes têm a ferocidade marcada nos rostos; os heroes portuguezes têm a serenidade grande: a differença está em que as conquistas hespanholas são um drama como o é a *Araucana,* as portuguezas uma epopêa como o são os *Lusiadas.* Ercilla é um guerreiro que tomou a penna, Camões um poeta

que tomou a espada: é uma preoccupação errada, esta de vestir a Camões de guerreiro; elle tinha, é certo, o

Braço ás armas feito,

mas, a não querer fazer d'elle uma invenção patriotica, seja-nos licito perguntar quaes são os seus brilhantes feitos de armas, em que se levantou acima da nação inteira, que toda militava? Se perdeu na guerra um dos olhos, quantos seriam mutilados sem merecerem por isso a apotheose guerreira?

Mas se o seu braço não é o de Albuquerque, se individualmente não é um campeão, o que elle tem, como os heroes, é o sentimento da força que os faz: tem o sentimento da força, não tem a paixão da guerra. O primeiro faz os heroes, o segundo os barbaros. Continuando o confronto do espirito conquistador do seculo XVI nos reinos de Portugal e de Castella, direi que os portuguezes eram principalmente heroes, os castelhanos principalmente barbaros. Cortez, interpellando a Carlos V e accusando-o, produz um momento altamente dramatico; mas como isto differe de João de Castro arrancando ás arvores de Penha-verde, de Albuquerque, só, na hora da morte, escrevendo ao rei, de Pacheco, de Camões morrendo no hospital!

Os hespanhoes acompanhavam muito mais a bacchanal feroz da Renascença na Europa, do que os portuguezes: como veremos mais tarde, ninguem comprehende melhor do que Camões, porque ninguem sabe conceber mais elevada, mais sãmente, esse movimento immenso do espirito moderno. As carnificinas do Perú, do Mexico, são a reproducção em grande das orgias

italianas: encontraes acaso cousa similhante na India? Com certeza a guerra é barbara, os homens ferozes, mas a guerra é santa, os homens combatem mouros, e mouros quasi que não são homens: o motivo que occasiona a lucta é heroico.

Eis ahi a razão por que Camões é grandioso e sereno, tanto quanto é dado sel-o a um homem da Renascença: tem uma convicção, uma crença, um ideal.

Porém a alma de Camões é, além de forte, severa e épica, sensivel, triste e elegiaca. Á força mistura-se o amor. O homem que reproduz Homero é ao mesmo tempo Petrarcha, e entre um e outro está ao lado de Virgilio. Reúne em si a Miguel Angelo, a força, a Raphael, o amor, em mais justo equilibrio do que o fazia a imaginação dolente do Tasso.

É assim que são os portuguezes; é tambem esse um traço que na historia os distingue do resto da Hespanha. O heroismo casa-se, inspira-se, vive com o amor. N'outro lugar estudaremos a rasão d'este phenomeno; basta affirmal-o aqui e vêr como elle se reproduz viva, exactamente na alma de Camões. O amor para elle é a *suprema lex:* porque Albuquerque, o heroe, foi rígido com certo soldado que em viagem faltára á disciplina, Albuquerque peccou, pois que o crime fôra um crime de amor.

Fernando, o rei que fez *fraca a forte gente,* perdeu a sua terra, a sua gente, perdeu-se a si, commetteu as maiores das faltas (C. III, CXLII e III):

> Mas quem póde livrar-se porventura
> Dos laços que amor arma brandamente
> Entre as rosas e a neve humana pura,
> O ouro e o alabastro transparente?

Quem de uma perigrina formosura,
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte que tem preso
Em pedra não, mas em desejo acceso?

Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Huma suave e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

Virgilio, em quem as qualidades de força, de serenidade, de dever, de grandeza, que são as do povo romano, precedem as de Camões, é amoroso e triste e elegiaco da mesma fórma que o poeta portuguez. Não confundâmos porém o que é distincto. A sensibilidade virgiliana levanta-o acima d'um mundo que havia já percorrido o seu caminho, preenchido a sua medida, esgotado o seu ideal: a sua phrase *multa dies varius que labor* indica sim uma superioridade amiga, mas uma superioridade quasi indifferente, *blasée*, para usar d'um termo que se não traduz. A sensibilidade de Camões é completamente outra: elle crê; o amor é mais do que um sentimento, é uma religião, é a grande força vivificadora, renovadora do mundo, de toda a creação: entre Virgilio e Camões está a Edade media. O amor é para Virgilio um sentimento como outros e um prazer como outros, para Camões não; a musa de Petrarcha inspirava-lhe este verso (Canç. v):

De amor escrevo, de amor trato e vivo.

E o povo portuguez, que no meio do trabalho heroico das conquistas soube comprehender entre outros o *Naufragio de Sepulveda;* o povo portuguez, de quem o lyrismo é a unica lettra que conhece ainda do alphabeto intellectual; o povo portuguez, não está aqui ainda em Camões?

Eis-ahi, parece-me, qual é o caracter de Camões; épico e lyrico, tem a força dos heroes alliada á paixão dos trovadores: é digno, é grave, é forte, é ao mesmo tempo sensivel, triste, apaixonado. Assim como o seu heroismo é ideal, o seu lyrismo é constitucional. É forte em virtude de uma crença, é sensivel em virtude de uma illuminação; a força provém-lhe da razão, o amor da intuição naturalista. N'este caracter reproduz o do povo onde nasceu, como na sua vida, nas suas desgraças repetiu a vida, as desgraças portuguezas; na sua apotheose, na sua gloria se confunde com a apotheose e com a gloria do seu paiz, que resume em si, personalisando-o.

## CAPITULO TERCEIRO

---

# A EPOCHA DAS CONQUISTAS

Da mesma fórma que o heroismo, abnegação do individuo para com a sociedade, tem como consequencia para o primeiro o sacrificio, da mesma fórma o heroismo, abnegação das nações para com a humanidade, tem em si a razão de ser da propria ruina. Um heroe é quasi sempre um martyr; um grande nome corresponde as mais das vezes a um grande sacrificio. Um povo heroico é quasi sempre um povo martyr; uma grande nação é as mais das vezes uma nação infeliz. Os louros compram-se com lagrimas. Os burguezes do bom-senso e do dinheiro não têm lagrimas, mas tambem não têm louros. As nações do negocio e da industria são rotundas, são ricas, são felizes, mas tambem são mudas.

Entre o heroismo do individuo e o da nação, ha porém uma differença: é que o primeiro é geralmente pensado, filho d'um estado lucido e harmonico do espirito; em quanto o segundo é sempre irreflectido, filho

d'uma tendencia fatal do genio. Por isso o martyrio do heroe é a propria satisfação do que soffre: tem a consciencia do seu acto; ao pratical-o sabia as duras penas em que incorria, e assim elle soffre alegre, alegre morre: é um justo.

Quanto mais elevado é o ideal, maiores e mais brilhantes são os heroismos: esta é a razão da immensidade de heroes que as religiões têm produzido. Não succede outro tanto ás nações, porque os seus grandes actos são instinctivos, fataes: dá-se dentro d'ellas o dualismo, faltando a consciencia para decidil-o: de um lado o ideal que as arrasta ás grandes cousas, do outro o real que as refrêa, as pisa, e ás mãos do qual morrem, ou confessando-se penitentes, arrependidas, renegando o ideal, ou atufando-se no lodaçal de vicios em que o vôo irreflectido as lança. Assim os periodos explendidos da historia, exteriormente deslumbram, interiormente enojam.

É um facto immutavel este? uma lei eterna? não o creio.

O que podemos dizer que ainda hoje se dá nas nações, deu-se já nos individuos: foi a educação da consciencia que os mudou, será a educação da consciencia quem ás nações permittirá o serem heroicas e ao mesmo tempo justas. O *heroe* da força, o cavalleiro dos primeiros seculos da nossa era, foi heroe, foi, mas não foi justo: o bandidismo, o roubo, a violação, tudo o que o mal tem de horrendo e miseravel, alliava-o elle aos seus feitos quasi sobre-humanos. É este phenomeno que encontramos na historia e que — ai de nós! — vemos ainda em nossos dias. Os grandes factos universaes, aquelles por que uma nação adquire um logar no grande Olym-

po da humanidade, aquelles que nos deslumbram, têm sempre, como a estatua de Nabuco, os pés de barro.

Quem não vê, não conhece isto? Quem é que não póde applical-o a todos os grandes momentos das nações, das nossas nações meridionaes, essencialmente idealistas?

Quem não encontra aqui a desgraça da França em Pavia, o immenso tumulo da Italia, essa pyramide, sarcophago de tantos gigantes, chamada Hespanha, e o fosso ainda aberto onde o cadaver de Portugal gotteja sangue? E que immensos crimes, que actos nefandos commetteram? Sonharam, bateram as azas para o céo a mostrar o caminho ao mundo. A França realisando a sua obra de fusão dos dois elementos suppostos antitheticos da Europa, o germano e o latino, pela liberdade, pela sociedade, pelo espirito. A Italia baloiçando entre duas vagas immensas, o papado e o imperio, aspirando por um ou pelo outro á unificação moral do mundo, e, de dentro d'essa fornalha ardente, tirando em quanto luctava uma labareda que se chama a pintura. A Hespanha abraçada á maior concepção do transcendentalismo, morrendo pelo seu Christo, sonhando na terra a Jerusalem celeste, e indo desenterrar do mar, para realisar o seu sonho, a America e as Indias.

O que faziam entretanto as grandes nações de hoje, as felizes, as ricas, a Inglaterra, a Hollanda, a Belgica? Iam fundindo e limando a immensa dentadura com que haviam de devorar o Meio-dia para se fartarem a si. Loucas! que lhes succede como á serpente que, depois de saciar-se, adormece como que morta. Quem sabe hoje no mundo superior das idêas, onde estão a Inglaterra, a Hollanda, a Belgica? Figuram muito, sim,

porque compram e vendem muito, e muito produzem e muito consomem, os queijos, a carne succulenta e gorda, os alcools, com que os homens morrem de apoplexia, e as nações de atrophia.

Sirvam estas palavras de prevenção ao doloroso quadro que a verdade da historia manda escrever. Veremos os pés do Nabuco, mas a nossa gloria é encontrarmos, como a d'elle, tambem de ouro a cabeça.

# I

O seculo XVI apresenta na Europa os homens como bestas-feras soltas da jaula. Com effeito, para os temperamentos fortes d'uma epocha onde os commodos da civilisação não tinham ainda enfraquecido o homem animal, o immenso terror da Edade media era uma jaula. Passado o anno 1000, os homens bateram as mãos, folgando, e soltaram-se pelo mundo a commetter quantas loucuras lhes acudiam á mente: passára o medo, o mundo vivia e viveria; a vida era larga e para entrar no céo bastava a absolvição *in extremis*. A todo o tempo era tempo de morrer; emquanto a hora não chegava, —á folgança!—a quaresma fôra larga e pesada, chegavam as paschoas. N'esta disposição veiu encontral-os o mundo antigo, o que divinisára o homem, as suas paixões, os temperamentos: a consciencia espiritual, dantesca, que se creára n'elles, desappareceu, e então o carnaval foi louco, feroz, terrivel.

Na biographia de Cellini, o cinzelador italiano, encontra-se a saturnal italiana, como na de Marlow a ingleza, como em Rabelais se descobre a franceza, como em Gil Vicente a portugueza. A animalidade coloria-se, caracterisava-se conforme onde se representava a tragedia. A italiana é sempre elevadamente artistica, a ingleza pesadamente brutal, a franceza sarcasticamente espirituosa, e a portugueza crua e francamente satyrica, juvenalesca.

A licença e ferocidade dos costumes que na Italia é cynicamente confessada, que na Inglaterra é ingenua e naturalmente acceite, esconde-se em Portugal sob um manto de exterioridade grave, sob o manto *romano* da grandeza épica, que o genio nacional e o estado de tensão dos espiritos deitam aos hombros da nação. Não obstante, nem a Hespanha nem a França apresentam um delirio de brutalidade, como a Italia ou a Inglaterra, ainda que entre nós o assassinato do duque de Vizeu ás mãos do rei seu primo, acto publico, não escondido, fosse logo acceite como um facto consummado, desapparecendo o crime sob o *bon-mot* da tradicção: «— Que farias, primo, a quem te quizesse matar? — Matal-o-hia primeiro. — Por tua bocca te condemnaste.» Na Hespanha, é verdade, ha a Inquisição, os autos-da-fé, porém isso não é um facto de costumes: é simultaneamente um acto de politica e mais um phenomeno de fanatismo: é uma prolongação da Edade media, é a reação dentro da Renascença, cuja alma se quer atrophiar.

Em França, como em Portugal, a licença, a corrupção dos costumes não se confessam abertamente: é a navalha cortante do satyrico que as manifesta, são

Rabelais e Gil Vicente, um como o outro protegidos e defendidos pelos papas, pelos reis, pelos bispos, pelos duques, a quem açoitam sem piedade! Apparente contradicção que por si só basta para provar o fundo de bonhomia, traço distinctivo do caracter francez como do nosso proprio.

Tres factos ha que predominam o movimento moral da nação portugueza no seculo XVI e todos tres por vias diversas conduzem a um mesmo fim, á sua morte. Antes que passemos a diagnosticar pelos symptomas morbidos a doença de que Portugal irá á cova, a Alcacer-quibir, cumpre que determinemos summariamente estes tres factos capitaes que pertencem á historia. São elles: a paixão das descobertas e conquistas; — a expulsão dos judeus e a intolerancia religiosa; — a reforma dos foraes ou a centralisação politica.

O que foram as descobertas e conquistas, as suas causas, os seus resultados, emanará isso de todo este livro; d'elle se verá a anemia em que ficou o corpo portuguez por essa transfusão de sangue que d'elle quizeram fazer para revivificar um gigante, a India, crear outros, a Africa e o Brazil, e por ess'outra transfusão de ouro que de oriente para occidente se fez deixando o primeiro nú a tiritar de frio, o segundo repleto, a arrebentar de podre.

A questão dos judeus no seculo XVI offerece certas analogias com a da burguezia capitalista do seculo XIX, se não é inteiramente a mesma que rebentou de novo. Os judeus arrematavam os impostos, subscreviam os emprestimos, eram os banqueiros da corôa, d'ahi tinham o poder, com elle e com a miseria geral enriqueciam, monopolisando o dinheiro e encarecendo-o, mo-

nopolisando os generos necessarios a todos e roubando por isso a todos.

Em João de Barros encontraremos o retrato do judeu *(Ropica)*: «E posto que de todos sejam zombados, possuem a grossura da terra onde vivem mais folgadamente que os naturaes; por que não lavrão, nem plantão, nem edificão, nem pelejão, nem acceitão officio sem engano. E com esta ociosidade corporal, n'elles se acha mando, honra, favor e dinheiro: sem perigo das vidas, sem quebra de suas honras, sem trabalho de membros, somente com seu andar meúdo e apressado que ganha os fructos de todos os trabalhos alheios.»

Quem não vê retratada aqui a questão dos nossos dias?—As medidas violentas ordenadas por D. Manoel foram a obediencia a um clamor geral: o povo exigia a expulsão dos agiotas, dos monopolisadores, dos usurarios, e o rei, o primeiro interessado na conservação de todos, não teve remedio senão acceder aos clamores da rua: infiramos d'aqui o volume d'elles. É geral o costume, a este respeito, de condemnar, fulminar a politica manoelina e chorar lagrimas sobre os infelizes perseguidos. Entendamo-nos: a responsabilidade da situação tinham-n'a tanto os capitalistas do seculo XVI como os do seculo XIX, menos é verdade, porque a civilisação era menor: usavam e abusavam como se usa e abusa hoje das condições sociaes e politicas.—Até aqui a questão soffre paridade, d'aqui para diante não, e oxalá não venha a soffrel-a. A longa e miseravel historia das successivas trapaças com que o governo manoelino quiz explorar em proveito proprio, e explorou as queixas populares, fazem d'esta pagina da nossa historia, que podia ser uma revolução social, uma serie de crimes e

monstruosidades vergonhosas. O modo tonto por que, por isto e pela ignorancia economica, se resolveu a questão, expulsando os judeus, amputando um braço do corpo social, fez com que o equilibrio economico do paiz se alterasse e morresse. — Oxalá, repetirei, que mais sciencia, melhor moral, impeçam que se realise a segunda parte da questão, a sua inevitavel solução, por modo egual áquelle por que se realisou no seculo XVI.

Se da expulsão dos judeus e da intolerancia religiosa se devem fazer objectos distinctos, pois o são, não ha duvida que D. Manoel, expulsando os primeiros, embora o espirito do seu governo fosse totalmente alheio ao de D. João III, embora nas suas reclamações a Roma precedesse Luthero, aproveitou o elemento de ignorancia e fanatismo popular, deu azo aos morticinios que Lisboa presenceou, e collocou o espirito religioso do paiz em estado de, de braços abertos, receber a egreja de Trento na pessoa do Jesuitismo e da Inquisição. É então que tudo se inclina para a decadencia; é então que Damião de Goes, o martyr, confessa: «quasi que não tenho já forças para me soster sobre as pernas, e tão cheio de uzagre por todo o corpo que me falta pouco para me darem por leprozo»; é então que a côrte, patenteando a degeneração physiologica, allía a ferocidade com o beaterio, que no paço os jogos são de devoção, o confessionario está sempre aberto, e o infante pella com um barrete de therebentina a cabeça de um judeu; é então que os jesuitas, não podendo apagar a antiguidade, lhe truncam os monumentos, os livros, e ao corpo, que já não tinha sangue, cortam a voz.

A reforma dos foraes é a medida politica que corôa

a revolução encetada com o punhal por D. João II, a romanisação politica da sociedade portugueza. Este movimento que vemos começado no seculo XIV pelo ministro de D. João I, realisa-se definitivamente no XVI á sombra do esplendor das descobertas que desviava para outro lado as attenções do povo. O affluxo do sangue nacional, dissiminado até agora por quantos concelhos havia no paiz, pequenas republicas a que a civilisação romana déra a vida, e a influencia germanica a idêa, opéra uma atrophia, que gangrena as extremidades. Na Europa central onde esta revolução tinha por objecto a secularisação do poder e a formação da nacionalidade, a revolução produziu em fructos mais do que déra em desvantagens. Em Portugal, onde havia muito mais liberdades a cercear do que privilegios senhoriaes a cortar; em Portugal, onde a revolução teve como resultado a completa realisação do governo religioso por meio do papa ao lado do rei; em Portugal a reforma dos foraes foi a morte da nação. Pequeno geographicamente, o paiz tornou-se moralmente pequeno; de uma nação passou a ser uma côrte; de um povo passou a ser um rebanho de *fidalgos*.

Eis-ahi os tres factos capitaes, nas suas consequencias immediatas: mas ao lado de cada um d'elles encontrareis a outra face que é verdadeiramente peninsular: as conquistas são a morte; pois bem: mas são a aventura, a gloria, a emoção! A expulsão dos judeus é a morte, mas é tambem a expiação para aquelles que mataram a Christo no Calvario! A reforma dos foraes é a morte, mas não é ella a côrte explendida, as festas, magnificas como a embaixada a Leão X, não é a recordação, senão a realisação, dos cesares antigos?

## II

Iremos agora com o Gil Vicente na mão percorrendo as differentes cathegorias sociaes e examinando o estado moral a que estes tres factos predominantes da sociedade portugueza a levam. Comecemos pelo alto, pelo paço. O que é elle? Na *Romagem de aggravados* encontramos a definição:

.........hum grande mar
Com somma de pescadores.

Já se matou a vida municipal, já o sangue affluiu todo á cabeça: é por isso que nos *Almocreves* diz o poeta:

........Esta terra é rica
De pão, porque os lavradores
Fazem os filhos paçãos.
Cedo não ha de haver villãos:
Todos d'Elrey, todos d'Elrey!

A consequencia d'isto nota-a Camões: aos privados dá o rei (C. VIII, Est. XLI):

...mais que a mil que exforço e saber tenham.

E os fidalgos dão em troca ao rei a adulação, a cortezania (C. IX, Est. XXVII e seg.):

E vê do mundo todo os principaes
Que nenhum no bem publico imagina,
Vê n'elles que não têem amor a mais,
Que a si sómente e a quem Philaucia ensina.

Vê que esses que frequentão os reaes
Paços, por verdadeira e san doutrina
Vendem adulação que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amão sómente mandos e riqueza
Simulando justiça e integridade.
Da feia tyrannia e de aspereza,
Fazem direito e vãa severidade:
Leis em favor do rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

Mas se já vimos o que a côrte é em si, o mar com somma de pescadores, as palavras d'el-rei Seleuco (Camões) ao Physico completarão com um traço significativo o quadro:

Pois como! a hum só herdeiro
D'este reino não dareis
Vossa mulher; pois podeis;
Que tudo faz o dinheiro.
Pois este não o engeitaes:
Dae-lh'a por que eu espero
De vos dar dinheiro e honra
Quanto eu para elle quero.

A côrte é isto, o rei falla por esta fórma: vejamos agora quem são os cortezãos. No auto da *Barca da Gloria* (1) entram successivamente um conde, um duque, um rei, um imperador, um bispo, um arcebispo, um cardeal, um papa: a morte conduzia-os a todos; de um lado está a barca para o inferno, do outro a

(1) A ficção da *Barca* não é original do dramaturgo portuguez, antes evidentemente inspirada por composições analogas que se encontram em quasi todas as litteraturas europêas; entretanto o facto da sua adopção entre nós prova que as accusações do moralista não descabiam á nossa sociedade.

barca para o céo, Satan governa a primeira, um anjo a segunda. Naturalmente, desde o conde até ao papa, todos se dirigem á barca da gloria; então o anjo lhes responde:

Vuestras preces y clamores
Amigos, no son oidas:
Pesa-nos tales señores
Iren á aquellos ardores,
Animas tan escogidas.

Elles salvam-se no fim, é verdade; nem diante da côrte, a quem o auto era representado, podia succeder o contrario; mas como? Com a vinda especial de Christo e agarrados aos remos da barca, cada um dos quaes é uma das suas chagas. É necessario o holocausto de um Deus para remir os crimes dos grandes. Da fidalguia diz-nos Camões nos *Lusiadas* que a riqueza e o descanso são corruptores (C. VIII, Est. XL):

Aquelles paes illustres que já derão
Principio á geração que d'elles pende,
Pela virtude muito então fizerão
E por deixar a casa que descende.
Cegos! que dos trabalhos que tiverão
Se alta fama e rumor d'elles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhes deixar descansos corruptores.

Aqui se ataca especialmente o vicio que a centralisação e a côrte tinham feito nascer na sociedade portugueza, a mania de crear morgados, de aristocratisar as familias:

Todos d'El-rey, todos d'El-rey!

como diz Gil Vicente. É por estes vicios e os que d'elles emanam que na descripção biographica dos grandes homens, que o Gama faz ao rei de Calicut, elle diz (Est. XLII):

> ..............descendentes
> De generoso tronco e casa rica
> ........................
> ........acha poucos a pintura.

Estes vicios, a adulação, a cortezania, eram causados por um facto, a pobreza; ella mesma filha das condições sociaes e moraes da nação. O typo principal do fidalgo em Gil Vicente encontra-se na farça dos *Almocreves*. O seu Capellão diz:

> Sou capellão d'hum fidalgo
> Que não tem renda nem nada;
> Quer ter muitos apparatos
> E a casa anda esfaimada.

O Fidalgo promette sempre e nunca paga; dinheiro não ha vêl-o; em vez d'elle quer desonerar-se com promessas de futuros paçãos. O Capellão desesperado diz-lhe:

> E vos fazeis foliadas
> E não pagais ó gaiteiro?
> Isso são balcarriadas.
> .....................
> Trazeis seis moços de pé
> E acrecentai-los a capa,
> Coma rei e por mercê,
> Não tendo as terras do papa
> Nem os trattos de Guiné,
> Antes vossa renda encurta
> Coma panno d'Alcobaça.

E o Fidalgo responde solemnemente:

Todo o fidalgo de raça,
Em que a renda seja curta
He por força qu'isso faça.

A dignidade exterior e ostentosa do caracter portuguez transparece distinctamente aqui: é por ella que se pretende remir a pobreza e a mentira.

Havia por esta epocha em Evora um professor belga e d'elle nos resta uma carta a um seu conterraneo, carta que a Academia de Bruxellas publicou. Cleynarts, assim se chama o professor, observa: «N'este paiz todos somos nobres e é uma grande deshonra exercer publicamente uma profissão. Imaginaes que uma mãe de familia vá ao mercado, compre ahi peixe, e prepare burguezmente uma caldeirada? Uma mulhèr nada possue que seja de utilidade pratica á excepção da sua lingua e de certo artigo que constitue o seu titulo de casada. Ainda que eu désse a quarta parte dos meus ganhos não encontraria uma mulher que consentisse em ter cuidado da minha casa como se costuma no nosso paiz. Como diabo viveis então? perguntareis vós. Os escravos pullulão por todos os lados. Todo o serviço é feito por negros e mouros captivos.» Adiante prosegue: «Ha muitos (fidalgos) que não são mais ricos do que eu e que andão acompanhados de oito creados que sustentão, não direi á custa d'um abundante alimento, mas pela fome e outros meios que sou demasiadamente estupido para aprender nunca em dias de minha vida. A final não é custoso recrutar uma turba inutil de servidores, postoque esta gente tudo prefere á fadiga de tomar qualquer profissão. Mas para que serve um tal

sequito? Vou-me explicar: se os tratantes são de uma formal perguiça, qualquer d'elles emprega-se n'alguma cousa: dois caminham adiante, o terceiro traz o chapéo, o quarto o capote, se por acaso chove, o quinto pega na redea da vossa cavalgadura, o sexto apodera-se dos vossos sapatos de seda, o septimo de uma escova, o oitavo mune-se de um panno de linho para limpar o suor do cavallo, emquanto seu amo ouve missa, ou conversa com um amigo. O nono offerecer-vos-ha um pente para alizar os cabellos se tendes de comprimentar alguem de importancia...»

Eis-ahi a prova da verdade do quadro do auctor dramatico. Ao belga utilitario e positivista saltavam aos olhos estes disparates que elle não comprehendia, porque eram filhos de uma faculdade que a raça lhe não déra.

Estes são os magnatas cortezãos, porém abaixo d'estes ha a segunda camada, os fidalgos de segunda ordem, especie de creados-graves: são os pagens e escudeiros. Na farça de *Quem tem farellos* encontram-se dois moços de dois escudeiros conversando. É Apparicio quem diz ao collega sobre o amo:

Vem tão ledo: — Sus! cear!
Como se tivesse que;
E eu não tenho que lhe dar
Nem elle tem que lh'eu dê.
  Toma um pedaço de pão
E um rabão engelhado
E chanta n'elle bocado
Coma cão.

Cleynarts, que acabamos de citar, vae provar-nos quanta verdade ha n'estas palavras de Gil Vicente. Fala

elle do rol de casa de um fidalgo portuguez onde encontrou para cada dia:

Quatro ceitis para agoa;

Dois reaes de pão;

Um real e meio de rabanetes.

Toda a semana se repete o rol e chegado ao domingo em logar d'elle estava a seguinte apostilha: *Hoje nada, por não haver rabanetes na praça.*

Assim se alimenta o escudeiro, de pão e rabanos á ceia: a raça peninsular é sobria; isso não lhe doe quando possa ter o seu gibão bordado, chapeu novo de ricas plumas, quando possa voltear explendido e orgulhoso diante da janella da sua amante. Entretanto ao escudeiro qualquer pequena tença do erario regio suppria a despeza do pão e dos rabanos, do gibão, e das cordas da viola namorada. Porém o magnata, o fidalgo de raça, que tinha de apresentar-se na côrte, deslumbrar pelo luxo, e o luxo era feroz, apresentar um *estado,* que era um astro movendo-se em roda do sol regio, recebendo d'elle a luz, mas devendo tambem possuir alguma sua propria, o fidalgo, á imagem do rei, não tinha outro recurso senão lançar-se no *officio novo* de *despir e roubar o pobre povo* de que fala Camões (C. VII, Est. LXXXV). E fazia-o, exercia-o, atroz, desapiedadamente. Como não seria assim se a invasão do ouro das Indias e o entorpecimento economico da nação tinham elevado os generos de primeira necessidade a preços fabulosos? O trigo que no tempo de D. Manoel regulára entre vinte e cinco e cincoenta reaes o alqueire (setecentos e cincoenta a mil e quinhentos reis) logo nos primeiros annos de D. João III sobe de quarenta a cento e sessenta (mil e duzentos a quatro mil e oito-

centos reis)? Se a carne se tornára um objecto de luxo valendo o arratel de oito a dez reaes (duzentos e quarenta a trezentos reis)? Calculando quanto custava o viver, póde calcular-se quanto custaria a ostentação custosa, para obter a qual o fidalgo não recusa as maiores infamias: ha um que pede em requerimento o privilegio dos lupanares em Villa Nova de Portimão! É a isto, a este phrenesi que Gil Vicente allude pela bocca da Domicilia na *Romagem de aggravados:*

> Porque nos tempos passados
> Todos eram compassados
> E ninguem se desmedia:
> Mas a presumpção isenta
> Que creceo em demasia
> Criou tanta fantasia
> Que ninguem não se contenta
> Da maneira que sohia.

O phenomeno, portanto, era geral, porém caracteristico da fidalguia. É assim que o luxo, a pobreza, a immoralidade fazem dizer ao Vasco, dos *Almocreves:*

> Bem sabes tu, Pero Vaz,
> Que fidalgo ha ja agora,
> Que não sabe se o é.

Entrámos na côrte, percorrámos agora as egrejas e os mosteiros.

São desapiedados os traços com que Gil Vicente e Camões retratam a cleresia: encontram-se alí todos os vicios, principalmente a luxuria. O quadro das mancebias dos clerigos e frades, é um symptoma perfeitamente comprehensivel na Renascença: o homem acordava para a natureza, mas o padre encontrava diante de si o celibato anti-natural, que a exaltação mystica

do espirito concebera e aguentára na Edade media, mas que não tinha para amparar no seculo XVI mais do que a palavra fria da lei e as conveniencias frigidissimas da policia ecclesiastica.

Como não seria corrupta a cleresia diante dos exemplos do papado? É a elle que Gil Vicente diz no auto da *Feira:*

> Feirae o coração que trazeis dourado,
> Ó presidente do crucificado,
> Lembrae-vos da vida dos santos pastores
> Do tempo passado.

Diante das orgias romanas empallidecem as de todas as egrejas europêas. Se na Allemanha e na Inglaterra o espirito publico *protestou*, no Meio-dia bastou o riso, o riso homerico desencadeado por Rabelais e Gil Vicente. No *Clerigo da Beira,* apparece este em scena acompanhado por seu filho Francisco a quem está ralhando e que responde:

> Peores são os de Frei Mendo
> E os do beneficiado
> Que vão tomar o bocado
> Que seu pae está comendo.

É natural: dentro d'estas familias formadas por um crime, o sentimento filial desapparece: são monstruosidades. Rubena, na comedia do seu nome, era filha de um abbade que *muito apreciaba:*

> Bonita, hermosa á gran maravilla
> Un clerigo mozo que era su criado
> Enamoró-se d'aquella doncella;
> La conversacion acabó con ella
> Lo que no dubiera haber comenzado.

O crime engendra o crime: os filhos adulterinos são depois adulteros. Estes são os clerigos pequenos, os abbades do campo. E a grã-cleresia que povoa as sés? Rubena tem, dos seus amores, um filho (scena 2.[a]); a feiticeira que lhe assiste ao parto, manda aos seus diabos pôr um berço para o recem-nascido:

Caroto.: Draguinho tu a san Vicente de fóra.
Drag.: E tu?
Car.: A sé.
Porque crede que alli he
O feito mais commumente.

Camões, que não é um poeta de costumes como Gil Vicente, na sua comedia de *El-rei Seleuco* não póde deixar de apontar esta feição; diz o moço: «Meu pae era clerigo, e os clerigos sempre chamam aos filhos sobrinhos; e d'aqui me ficou a mi ser filho de meu tio.»

Se o clero secular é tal, o que será o regular? A difficuldade, o absurdo da situação moral em que se encontram no meio d'uma lei sem espirito, d'um corpo sem alma, crescia para os ultimos tanto quanto a sua lei, a sua regra, se approximava mais d'esse ideal mystico e ascetico que tinha animado a Edade media. Por isso os frades reunem todos os vicios: além de principalmente adulteros, como os clerigos, são tambem pedantes, são bebados, são ladrões, são jogadores. São pedantes no auto de *Mofina Mendes,* onde a erudição postiça do frade leva á conclusão seguinte, especie de tinta commum em que se fundem todas as côres de todos estes quadros:

Se filhos haver não podes
Nem filhas por teus peccados,
Cria d'esses engeitados
Filhos de clerigos pobres.

Na *Exortação da guerra* o diabo Zebedeo diz do Clerigo:

He cura no Lumiar,
Sochantre da Mealhada,
Arcypreste de canada,
Bebe sem resfolegar.

É accusado de latrocinio, e implorando diz aos diabos:

Manos não me façaes mal,
Compadres, primos, amigos.

No auto de *Mofina Mendes* apparecem frades

......... vinte e sette
Que vem de furtar melões.

No auto da *Feira,* entre outras cousas o diabo vende:

Naipes com que os sacerdotes
Arreneguem cada dia
E joguem té os pellotes.

E a lua vê clerigos e frades que

Já não tem ao céo respeito.
Mingua-lhes a santidade
E cresce-lhes o proveito.

Se elles são tantos, tantos! o numero dá o poder. Diz-se na *Fragoa d'amor:*

Somos mais frades que a terra,
Sem conto na christandade.

É um dito? não é. É a pura verdade. D'entre a população de Lisboa, constante por um arrolamento de 1552 de oitenta e tres mil e seis centos habitantes, frades e clerigos representam dois mil e seis centos, escravos, dez mil! Se moralmente se não explicasse cabalmente a corrupção da cleresia, explicava-se pela estatistica. O facto é que uma como a outra das duas explicações são exactas e produzem o sudario lastimoso que desenrolado fica.

Dividia o velho direito publico a sociedade em tres grupos: clero, nobreza e povo. Vimos os dois primeiros, vamos ao terceiro. No auto da *Barca da Gloria* vimos os grandes da terra, no auto da *Barca do Inferno* vamos a vêr os pequenos. Na barca, para o inferno, vão entre outros um onzeneiro, um sapateiro, um judeu, um corregedor, e em toda esta comedia sómente se salvam um parvo e quatro cavalleiros de Africa, aos quaes o anjo diz:

> Quem morre em tal batalha
> Merece paz eternal.

Esta apotheose das guerras d'Africa em detrimento das emprezas orientaes, vêl-a-hemos tambem a seu tempo em Camões: a um e a outro espirito a rasão mostrava onde estava o bem positivo, a politica util da nação portugueza. A apotheose do parvo é o maior golpe de açoite dado ao tempo: era tal, que dentro d'elle só um parvo se salvaria. O onzeneiro que alí vae é aquelle mesmo mercador da *Floresta d'enganos*, que diz:

Tenho vinte mil crusados
Ganhados d'onzenas taes
Com esses pobres misteriaes
Que estavam necessitados.

A agiotagem, a exploração do pobre, do trabalhador, do *misterial* ou artifice, é um dos traços caracteristicos do tempo: é o crime dos judeus. — Ao Corregedor pergunta o diabo, capitão da barça:

E as peitas dos judeus
Que vossa mulher levava?

Encontraremos tambem o Corregedor no Doutor da *Floresta d'enganos,* que a uma moça que lhe pede justiça retorque:

Yo no quiero
De vós plata ni dinero,
Mas privar con vos por cierto
En lugar mucho secreto.
Por deciros cuanto os quiero
Yo daré, juro á Dios,
La sentencia en vueso hecho.

É por isso que, na mesma comedia, el-rei Telebano amargamente diz:

Por cierto el mayor mal
Y que en mi reyno mas importa
Es la justicia estar muerta.

Não ha justiça, não ha magistrados em Portugal: na *Fragoa de amor* onde, pela caldeação, se tiram todas as escorias, vêm ella a lamentar-se:

A justiça sou chamada,
Ando muito corcovada,
A vara tenho torcida
E a balança quebrada.

Das caldeações que lhe fazem para a purificar, retiram os ferreiros:

Um par de gallinhas;

Um par de perdizes;

Duas grandes bolsas com dinheiro.

Taes são as escorias, tal era a magistratura.

A vida familiar, a educação das mulheres? Conheçamos a Isabel da farça de *Quem tem farellos,* typo repetido na de *Ignez Pereira,* onde o escudeiro lhe dá o castigo merecido:

Isabel: Ir a miude ao espelho
E poer de branco e vermelho
E outras cousas que sei:
Pentear, curar de mi
E poer a ceja em direito;
E morder por meu proveito
Estes beicinhos assi.
Ensinar-me a passeiar
Pera quando for casada
Não digão que fui creada
Em cima d'algum tear;
Saber sentir um recado,
Responder em improviso
E saber fingir um riso
Falso e bem dissimulado.

Velha: E o lavrar, Isabel?
. . . . . . . . . . . . . . . . . . .
Engeitas tu o fiar?
. . . . . . . . . . . . . . . . . . .
Aprende logo a tecer
. . . . . . . . . . . . . . . . . . .
Eu te farei amassar!

Isabel: Essa é outra fantesia.

Que familia nascerá d'uma rapariga d'estas? Qual será o noivo que deseja? Um de dois: ou um fidalgo ou um ricasso. O primeiro alcança-o Ignez Pereira, é o escudeiro, é o *cavallo que a derruba;* o segundo encontramol-o nos *Amphitriões,* de Camões:

FELISEO: E, com muito lhe querer.
Casou-se.
CALLISTO: Oh! e com quem?
Que ainda o não posso crer!
FELISEO: Com um mercador que veio
Agora do Egypto, rico.

Eis-ahi o futuro da familia, o gibão bordado, ou o ouro, ou a côrte, ou o oriente, ou os esplendores torpes de Lisboa, ou as fortunas criminosas da India.

Tome Cleynarts mais uma vez a palavra para confirmar o dramaturgo: «Venus é em toda a Hespanha, exactamente como outr'ora em Thebas, e isto é mormente em Portugal, onde é uma raridade vêr um mancebo contrahir uma ligação legitima». Ao lado das futuras mães de familia, das educadoras da geração que se deixou morrer, encontramos, como é natural, typos que se approximam, se não hombream com a ama de Julietta (Shakespeare): a Bromia dos *Amphitriões* (Camões) e a Anna Diez do *Juiz da Beira* (Gil Vicente), e muitas outras provam o dito.

E no fundo de toda esta orgia carnavalesca, o homem, o homem de trabalho, do mais santo e primeiro dos trabalhos, a lavoura, soffre, geme: se pecca é porque não póde ser um santo, porque perde a paciencia; entretanto nem depois da morte é perdoado; para elle não se rasgaram as chagas de Christo por onde se vae á gloria; tem de expiar as suas culpas. No auto da *Bar-*

*ca do Purgatorio* entra elle n'esta passagem de purificação queixando-se assim:

> Bofá, senhor, mal peccado
> Sempre é morte quem do arado
> Hade viver.
>   Nos somos vida das gentes
> E morte de nossas vidas.
> A tyrannos—pacientes,
> Que a unhas e a dentes
> Nos tem as almas roídas.
> Para que é parouvelar?
> Que queira ser peccador
> O Lavrador;
> Não tem tempo nem lugar
> Nem sómente de alimpar
> As gotas do seu suor.
> Na igreja bradam com elle
> Porque assoviou a um cão;
> E logo excommunhão na pelle.
> O fidalgo maçar n'elle
> .............................
> Cada um pella o villão
> Por seu geito.

Appariciannes, da *Romagem de aggravados*, glossa o mesmo thema:

> Porque eu tenho dois casaes
> Dos frades d'apanha porros
> E c'os fortes temporaes
> Sam as novidades taes,
> Que não chegam para os fóros.
>   E os padres verdadeiros
> Cartuchos de santa vida,
> Apanham-me os travesseiros
> Com mais ira que os rendeiros
> Sem me rezão ser ouvida.

Eis quanto soffria o povo, o que elle era. Diz o snr. Rebello da Silva *(Mem. sobre a pop.)*: «Os campos estavam incultos, porque a gente escasseava n'elles,

as artes uteis eram desamparadas e a falta de trabalho aggravada pela carestia das subsistencias, afugentava todos os annos milhares de pessoas que iam offerecer em desterro voluntario aos perigos e aventuras da guerra, e do mar, a vida, os braços e a desesperação.»

O que resulta, que conclusão se tira, d'este quadro dos costumes portuguezes? A agonia social. A agonia economica e politica. A população diminuiu um terço de D. Manoel para D. João III. No auto da *Fé,* esta diz:

> É crêr na Madre Igreja santa
> E cantar o que ella canta
> E querer o que ella quer.

A Consciencia offerece-a no auto da *Feira* o Seraphim, e Branca responde:

> Não sabemos nós que é isso:
> Dae-o ao decho por seu
> Que ja não é tempo d'isso.

De que é o tempo? Gil Vicente nol-o dirá. No auto da *Luzitania*, Todo-o-mundo, mercador, busca dinheiro. A Consciencia, essa é tãosómente procurada por um pobre chamado Ningem!

A crença, a religião retrata-a Lisboa na *Náo de Amores:*

> Se peste não fosse, todos meus ereos
> Não conheceriam que hi havia Deos.

É o prolongamento da Edade media, o terror. Passou o anno 1000, porém as pestes, as fomes, assolam ainda o homem: teme, portanto crê.

*

Eis completado o quadro moral da sociedade portugueza: junte-se a isto a superstição (bruxas, esconjuros, etc.; vid. Gil Vicente, *passim*), junte-se a ferocidade religiosa que produzia as carnificinas do Rocio, junte-se-lhe uma quantidade de personagens femininos que por asquerosos não é licito apresentar a leitores do seculo XIX, e que acompanham de principio a fim todo o theatro de Gil Vicente, e acharemos a razão porque o auctor dos *Lusiadas* escrevia a D. Theodozio:

> ... nosso Portugal que agora vemos
> Tão differente do seu ser primeiro.

A razão porque escreve mais (*Redondilhas*, o Tempo):

> Corre sem vela e sem leme
> O tempo desordenado
> D'um grande vento levado:
> .........................
> As redeas trazem na mão
> Os que redeas não tiverão:
> .........................
> Os que nunca em sella andárão,
> Na sella postos se vem.

## III

Se da Europa passarmos ás Indias, veremos que a sociedade portugueza, em vez de se purificar no oceano, que os conquistadores, em vez de terem a consciencia

do acto civilisador que praticavam e por ella serem justos e heroes, eram sómente heroes e não justos. Veremos como, longe da côrte, da familia, da patria, no meio de gente que não lhes parecia a elles homens, de populações que consideravam como rebanhos de animaes, que não eram christãos e por isso era licito esmagar, pisar, roubar — todos os vicios, todos os crimes cresciam, e a orgia da Europa reproduzia-se no Oriente engrandecida pela excitação do clima, pela sêde de successo, pelo enfraquecimento dos laços de respeito que prendem a féra, a patria, a familia. Veremos levarem os homens para a India toda a corrupção de casa, e juntamente toda a exuberancia de vida que existia n'elles. Por tudo isto veremos reproduzirem-se os caracteres medievicos, assimilharem-se muito os *barões* cantados nos *Lusiadas* a esses outros que nos primeiros seculos da Europa moderna creavam o nome de heroes com os seus feitos e as suas riquezas, amassando os muros dos seus solares com o sangue e lagrimas das populações escravisadas. De um lado o genio da nação e o estado do espirito eram o proprio para produzil-o, do outro esse genio, esse estado, encontravam novos *servos* com cujo sangue e lagrimas novos solares podiam ser amassados, novos nomes adquiridos, novas riquezas enthesouradas. É esta sociedade transplantada de Portugal que vamos examinar agora. Diz de si e dos seus o Gama, (C. II, Est. LXXX):

> Não somos roubadores, que passando
> Pelas fracas cidades descuidadas
> A ferro e fogo as gentes vão matando
> Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas.

Diz isto o Gama, porém as suas palavras, que não são rethorica, porque correspondem ao *desejo*, ao *sentimento* dos bons espiritos do tempo, como Camões, não são tambem a verdade. Camões se encarregará de nol-o provar.

Primeiro de tudo, a ferocidade: a guerra não era um combate, era uma matança. O furor religioso e o furor do successo punham os animos n'uma tensão tal que toca as raias da loucura. Ha uma palavra n'um livro de Diogo do Couto que revela o estado de exaltação feroz dos espiritos. Em Cananor (*Vida de D. Paulo de Lima*, p. 41), cercada pelos mouros, os portuguezes eram muitos e o logar estreito: não podiam todos combater a um tempo; os que eram forçados á inação pediam *que por amor de Deos lhes deixassem matar um mouro*. É tão extranhamente feroz isto, mas é ao mesmo tempo tão ingenuo, tão verdadeiro, que parece infantil. Por amor de Deos! imploravam os soldados uns aos outros, por amor de Deos! deixae-me matar um mouro! E as creanças terriveis, saciavam-se, deleitando-se no meio do sangue, do ferro, do fogo, do fumo! Em Camões, sob as roupagens épicas, encontra-se exactamente o mesmo (Son. VI):

> Dae nova causa á cor do Arabo estreito
> Asi que o roxo mar, d'aqui em diante,
> O seja só com sangue da Turquia.

Por amor de Deos! deixae-me matar, não um mouro, mas muitos, muitos, tantos que o mar roxo o seja com sangue de Turquia. Infira-se d'aqui, como e quaes seriam as guerras!

Se a guerra era isto, na familia, que em Portugal vimos perfeitamente corrompida, na India veremos juntar-se á corrupção a fereza. As aventuras, que em Portugal se faziam escondida e hypocritamente, na India levam-se a ferro e fogo. D. Paulo de Lima (*Vida*, p. 119) fazia a côrte á mulher de um homem rico. Conquista-a, tem frequentes reuniões com ella em sua casa. Uma vez, uma noute, quando os amantes gosavam as delicias do seu crime, o marido entra. D. Paulo refugia-se n'um quarto, no topo d'uma escada. O marido ultrajado arma os creados: vão com lanças escada arriba, com machados derrubam a porta; D. Paulo no vão d'ella de espada e rodella em punho defende-se, combate, depois investe com os creados e sobre elles passa, foge. A esposa lança-se por uma janella á rua, o marido a acaba alli a golpes. D. Paulo homizia-se por uns mezes, logo volta a Gôa, entra em serviço, é um heróe: a sua biographia entretém a penna de Diogo do Couto. Quem não vê aqui os traços da maior parte dos barões da Edade media?

Depois da ferocidade, a miseria. A conquista, os conquistadores baixam ás proporções d'uma exploração, de agentes mercantís. D. Francisco de Almeida, governador na India, escreve a Dom Manoel (*Annaes, Carta*, etc.): «E assi V. A. me manda que a pimenta vá limpa e sêcca: sei que se contentou com a que levou Tristão da Cunha e muito mais da que agora vae: praserá a N. S. que sempre assi será e porque V. A. me mandou que o peso se fizesse com nossas balanças e pesos eu o tenho acabado muito com vontade de El-Rei de Cochim e dos mercadores com bons exames; e acha-

mos que pesa o Baar de Cochim tres quintaes e trinta arrateis do peso velho e nos custa o quintal mil e quinhentos reis e meio: e dá-se tal aviamento que com duas balanças té vespora pesaram mil quintaes...» Não parece que estamos lendo, se retirarmos o N. S. e o V. A., a correspondencia d'um dos principes da *city* de Londres ao seu correspondente de Bombaim? Porém a carta continúa e veremos como, se N. S. se mistura com a pimenta, o sangue do heroe apparece de envolta com a torpeza: «O aljofar e perolas que me manda que lhe envie não os posso haver, que os ha em Ceilão e Carle que são as fontes d'ellas: compral-as-hia com o meu sangue e com o meu dinheiro que o tenho porque vós m'o daes... as escravas que diz que lhe mande tomam-se depressa, que as gentias d'esta terra são pretas e mancebas do mundo, como chegam a dez annos.» E no fim o governador lamenta-se do pouco caso que no reino se faz das suas queixas: «...dizem cá que V. A. moteja lá com quem cá achamos com os furtos nas mãos, que não é bom exemplo para os que pelejam e não furtam».

Camões escreve (Carta I): «Da terra vos sei dizer que é mãe de villoens ruins e madrasta de homens honrados. Porque os que cá se lançam, a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre a agoa como bexigas.» Se o homem privado diz isto, o poeta épico não o esconde (C. IX, Est. LVIII):

> Mas na India cobiça e ambição,
> Que claramente põe aberto o rosto
> Contra Deus e justiça...

E se quizermos um quadro completo, recorramos ao mesmo Camões: eis aqui o que é

A India

Cá n'esta Babylonia d'onde mana
Materia a quanto mal o mundo cria;
Cá d'onde o puro amor não tem valia;
Que a mãe que manda mais tudo profana;
Cá d'onde o mal se afina, o bem se damna
E pode mais que a honra a tyrannia;
Cá d'onde a errada e cega monarchia
Cuida que um nome vão a Deus engana;
Cá n'este labyrintho onde a nobreza,
O valor e o saber pedindo vão
Ás portas da cubiça e da villeza;
Cá n'este escuro cáos de confusão
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião.

Babylonia e Sião, eis em duas palavras o que é a India! Os traços do soneto encontrou-os Camões tão exactos que o desenvolveu e glossou: extrahimos da *glossa:*

Cá d'onde ousada toda a carne humana
A todo o arbitrio vive da vontade
..............................
Cá d'onde o puro amor não tem valia
Porque Baccho o tem hoje desterrado.
Cá d'onde a frecha d'ouro não feria
Senão cabello preto e alfenado...

Creio eu que estes traços accumulados aos que se determinaram á physionomia da mãe patria, darão uma ideia exacta do que seria a India.

Nós já sabemos de que qualidade era a influencia da mãe patria sobre a conquista: porque não veremos

agora como a filha querida pagava em moeda de lei á mãe que estremecia? Como lhe pagava? Quereis sabel-o? Sorvendo-lhe o sangue, arrancando-lhe pelo menos dois mil soldados cada anno, metade dos quaes no caminho, os temporaes, o Adamastor, o escrobuto, e muitos outros alliados, tomavam sobre si destruir. Sorvendo-lhe o sangue, porque o *misterial,* o artifice morria de fome, o unico trabalho era matar mouros, por amor de Deos! e a acarretar dinheiro por amor do proprio: um quarto da população de Sevilha era portugueza, outro tanto a de Madrid e as industrias na Castella a Velha, na Extremadura eram tambem portuguezas. Sorvendo-lhe o sangue, isto é, diminuindo de um terço a população.

E só isto? Oh! não. Quereis vêr o mais? tomemos o Gil Vicente. É no auto da *India.* O marido partiu, foi combater, matar mouros, por amor de Deos! e da esposa que ficou em Lisboa diz a Moça:

> Quantas artes, quantas manhas
> Que sabe fazer minha ama!
> Hum na rua, outro na cama!

O marido já volta, a esposa observa-lhe:

> Porém vindes muito rico!

Ella, a pobresinha, esteve

> Encerrada n'esta casa
> Sem consentir que visinha
> Entrasse por uma braza
> Por honestidade minha.

Em quanto ella zelava tanto o nome do marido, elle diz com emphase o que fez:

> Fomos ao rio de Meca
> Pelejamos e roubamos
> E muito risco passamos.

Este é o auto da *India*. Taes são as moedas que ella manda em troca das outras que Portugal lhe mandava a ella.

Babylonia, Sião!

## IV

Este desabamento moral e material da nação dão a prova de quanto era heroico o seu acto. Heroico, significa superior. Por ser superior ás forças d'ella é que ella morre. Esse exagero de força que a mata, pelos symptomas morbidos que determina é repugnante, porque o acto de heroismo é produzido por uma fatalidade, não por um movimento da consciencia livre. Supponhamos que na consciencia do povo portuguez existia reflectidamente a decisão firme de se sacrificar ao facto civilisador das descubertas, e concordaremos em que a população diminuiria, o paiz havia de empobrecer, porém Gil Vicente não poderia ter escripto o auto da *India*. Ao auto da *India,* para o heroismo pessoal, correspondem os *fabliaux* na Edade media e todo o movimento litterario cerrado por Cervantes e Rabelais: alí se vê a face humana e positiva do cavalleiro.

Porém o auto da *India* não teria existido para esse facto politico, como não existe *fabliau* para S. Francisco Xavier, por exemplo, se elle, como a vida d'este, tivesse sido determinado, não por um facto animal instinctivo, mas um facto moral, reflectido. Podia Portugal haver perdido os filhos, os thesouros, como o santo perdia, abandonava o seu corpo, e Portugal seria santificado como o foi o missionario. Em quanto o santo, porque sabia o que fazia, soffria alegre as intemperies, o martyrio, Portugal, porque não sabia o que fazia, lamentava-se, chorava, por sentir quanto aquelle acto grandioso, a que a fatalidade o arrastava, lhe custava a si proprio, ao seu corpo. É este sentimento de tristeza profunda signal certo da morte de uma nação, que sáe como os gemidos do vento d'entre os cyprestes do cemiterio, pela noute tormentosa, das almas profundamente portuguezas; é elle que nós encontramos em Gil Vicente como encontraremos em Camões. Diz o Triumpho do Inverno:

Em Portugal vi eu ja
Em cada casa pandeiro
E gaita em cada palheiro:
E de vinte annos acá
Não ha hi gaita nem gaiteiro.
A cada porta um terreiro,
Cada aldeia dez folias
Cada casa atabaqueiro.
E agora Jeremias
He nosso tamborileiro.

Esta tristeza é o symptoma da morte, da morte horrenda e feia e corrompida. O mesmo sentimento que faz o martyr e lhe glorifica em vez de tornar miseravel o martyrio, é aquelle que a civilisação, se pôde

alargar já até aos limites de uma nação, não pôde ainda estender a toda a humanidade unificada. O heroismo e a justiça alliados, a gloria e o martyrio, a morte confirmada pelo feito, o que constitue o caracter dos *martyres,* heroes e justos a um tempo, encontramol-os já na historia, é verdade, como factos locaes, nacionaes. As defezas das cidades hespanholas, contra os invasores romanos e francezes, são localmente tão heroicas como as vidas dos santos, são verdadeiros martyrios; a sua morte, é morte sim, mas morte alegre, sem tristeza. Moscow diante de Napoleão é outro exemplo; como de martyrios, de heroismos conscientes nacionaes são exemplos as guerras de Portugal com Castella, no tempo do Mestre-d'Aviz principalmente; a guerra da Peninsula toda contra os francezes; o movimento da Inglaterra contra Napoleão; o da Allemanha em 1813; e outros. Vemos, pois, que o heroismo, além de ser um facto da consciencia no homem, o é já na cidade, e na nação. Porém se a historia nos prova isto, tambem nos prova que o não foi ainda na humanidade; se não é já excepção contemporanea 1792 em França.

Os grandes actos heroicos humanitarios, como as descubertas portuguezas do seculo XVI, não tem sido actos da consciencia, mas sim do instincto, moraes, mas sim animaes, e por isso, como em todos os analogos, n'este o exagero de tensão dado á força nacional, o heroismo, acarretou comsigo a morte, não a morte com que se contava, a morte alegre, mas a morte imprevista, a morte feia, a morte *triste.*

Entretanto ha n'este movimento das descubertas em Portugal uma feição pela qual, se não se salva diante da moral da historia, não desce tambem como a Hespanha

tão fundo na abjecção moral. As conquistas portuguezas, embora manchadas por tantos crimes contra a justiça, distanciam-se muito das conquistas hespanholas. D. João de Castro, Affonso de Albuquerque, differem completamente de Pisarro e de Cortez, como a conquista da India differe da do Perú e do Mexico, como os *Lusiadas* da *Araucana*.

Este sentimento, cuja razão de ser buscamos em outros logares d'este livro, é aquelle que as seguintes palavras de João de Barros manifestam (*Panegirico de D. João III*, p. 145): «A nação portugueza hoje mais que nenhuma conserva a gravidade e desejo da honra que antigamente sabia ter o Povo Romano.»

É essa *gravidade* e *desejo da honra* que aguentam os portuguezes na borda do abysmo onde caíu a Hespanha; que os tornam humanamente épicos no meio do desabamento moral da nação. D. João de Castro é um stoico: triumpha *romanamente,* cercado de todas as opulencias deslumbrantes do Oriente, em Goa, e na hora da sua morte não se encontra um real em casa, na sua doença não ha com que comprar-lhe uma gallinha; na quinta da Penha-Verde não planta uma unica arvore de fructo: os cabellos das suas barbas são penhor a um emprestimo na India. Se D. João de Castro comprehendeu e representou o caracter portuguez pelo seu lado da *honra,* Affonso de Albuquerque realisa-o pelo seu lado da *força,* não a força aventureira, romantica, como a dos hespanhoes, mas a força épica, severa, grande, *romana.* Ao rei de Ormuz que, victorioso, pedia um tributo aos portuguezes, elle mostra bombardas, lanças, arcabuzes: Eis-ahi a moeda em que el-rei de Portugal paga tributos. Ao Egypto que o em-

baraçava ou lhe era hostil, planea fazer não a guerra, mas a fome, combater não com armas, mas com o desviamento do leito do Nilo. Todas as individualidades portuguezas das Indias vem fundir-se n'um d'estes dois typos.

Eis-ahi onde está a salvação moral da nação portugueza n'este periodo. Corrompe-se, morre, porque a fatalidade a arrasta a um sacrificio humanitario. Na sua morte, na sua corrupção salva-a porém a sua força, a sua honra *antigas* que lançam sobre todas as miserias o véo explendido do homem épico.

Eis-ahi explicados os *Lusiadas* dentro do estado moral da sociedade portugueza no periodo das conquistas. Não obstante açoitar o tempo, os costumes, Camões não é um poeta que proteste contra elles; ao contrario é o que mais tem em si consubstanciada a alma portugueza. Com todos os espiritos sãos do tempo elle solta o latego sobre os prevaricadores, elle sente o mal, o aponta; é por isso que o seu poema conclue por dizer que a patria está mettida (C. X, Est. CXLV):

> No gosto da cubiça e na rudeza
> D'uma austera, apagada e vil tristeza.

É a mesma tristeza de que falla Gil Vicente: é a sombra do desastre, da morte de Alcacerquibir, que os poetas, os *vates,* descobrem no horisonte ennevoado. Se elle porém sente a *tristeza,* se elle açoita o seu tempo, se elle não comprehende as descobertas sob o ponto de vista humanitario, quem ha que como elle sinta, applauda, comprehenda, o que nas descobertas ha de privado, genuinamente portuguez, a *honra,* a *força,* D. João de

Castro e Affonso de Albuquerque? É isso, é ahi que elle funda todo o seu monumento no carecter portuguez, que as conquistas, o seu maior feito, mais proeminentemente mostraram! É diante d'elle e por elle que se faz a apotheose do commettimento e essa apotheose é justa porque os homens foram verdadeiramente grandes:

Albuquerque terribil, Castro forte.

## CAPITULO QUARTO

---

# A RENASCENÇA

A biographia dos grandes homens que imprimem a direcção livre e mais que o vulgo sentem o arrastar da fatalidade; que reunem em si os dois movimentos simultaneos, activo e passivo; que, consubstanciando a evolução contemporanea, a sellam com o cunho do seu espirito; a biographia dos grandes homens, digo, é o prumo mais seguro para determinar a linha exacta da historia moral de uma epocha.

Encarando a Renascença meridional, encontramos tres momentos supremos. Primeiro, o acordar do espirito que irreflectidamente se lança nos braços do mundo novo que descobria; depois a suspensão, a duvida, o estado de indecisão e lucta que no espirito levanta a justaposição de elementos differentes; e, finalmente, a resolução forçada de voltar ao passado, a reacção.

É este o movimento que o grande vulto de Miguel Angelo nos manifesta: Primeiro, pegando no escopro,

esculpe o Baccho e Antinous; depois, tomando a penna, transfere ao papel a lucta gigante que se dava dentro d'elle; no fim já a lucta serenou, já o poeta encontrou a verdadeira via. É então que sobe aos andaimes na Capella Sextina, toma o pincel, e com o fervor d'uma convicção imposta, com a ardencia que dá a vontade de se vencer a si proprio, lavra a sentença do *Juizo final.* Sentença horrivel, que a ser uma verdade do genio, do tempo, importaria a morte moral do Meio-dia, nos daria em conclusão que a vida affluíra toda ao animo da Allemanha, que o sol que nos havia dado até então o nosso espirito, a nossa originalidade, se apagára, e que o espirito humano, cuja vida fôra sempre dupla como os polos do mundo, fugíra d'um d'elles, se reunira todo no outro.

Mas não era assim. A mão que pintava o *Juizo final* era firme com a firmeza que dá a vontade, mas tremia interiormente; o furor do trabalho denotava a lucta; atraz da vontade que queria, encontrava-se a consciencia insurgindo-se: porque? Não o sabia ella ainda, não podia dizel-o e era por isso que não podia dirigir o braço, encaminhar a vontade. Este phenomeno, da mesma fórma que esta biographia moral, encontramos nós em todos os homens do tempo. Miguel Angelo, como Tasso, como Camões, pintam o *Juizo final,* applaudem a Egreja do Concilio de Trento, applaudem a Inquisição, o tyranno, diante do movimento moral que a Renascença produzira no Norte, movimento que o Meio-dia não podia abraçar, porque não comprehendia; entretanto a consciencia dizia-lhes que mais alguma cousa havia de novo no mundo, além da reacção; não lhes dizia o que, e isso que elles sentem, mas não definem, isso

é o movimento analogo ao do Norte, é o passo gigante para a harmonia definitiva, que, se o Norte dava pelo mysticismo, dava o Meio-dia pelo naturalismo.

Na primeira epocha da Renascença, o mundo christão, com o papado á frente, abraça cordealmente o mundo antigo. Instinctivamente se comprehende a harmonia humana que reside no fundo de todas as creações do homem. Ficino, Pico de Mirandola, Policiano, Lourenço de Medicis defendem a reconciliação de Jesus Christo e Platão, de Orpheu e de Moisés: crêem tanto nas sibyllas como nos prophetas, commentam S. Paulo por Empedocles, espiritualisam o paganismo, materialisam o christianismo germanico da Edade media, formam a alma dos marmores de Miguel Angelo, das telas de Leonardo de Vinci e de Rafael. O caminho da civilisação estava encontrado, e os espiritos saciados já da meia edade lançaram-se avidamente n'elle. Porém se este era o caminho por que o Meio-dia tinha de andar, inteiramente outro era aquelle que pisaria o Norte. A Allemanha sentia como a Italia que a Edade media acabára sim, porém emquanto esta se voltava para a natureza, aquella entendia retemperar-se pelo espirito, pela liberdade. Por isso *protestou*. Reformou a egreja da meia edade em Augsburgo, como a Italia a reformou em Trento, mas insurgiu-se contra a reforma operada no Sul. O Meio-dia não podia admittir essa insurreição moral contra a sua auctoridade até alli absoluta, não percebia que essa insurreição significava a realisação d'um elemento novo; e por isso empenhou todas as suas forças, toda a sua vontade para esmagal-a. Diante da reforma allemã, liberal e espiritualista, fez a reforma italiana auctoritaria e naturalista. Quando a Allemanha

pedia o livre exame para os dogmas, para os symbolos, a Italia confirma os primeiros, materialisa os segundos; quando a Allemanha pedia a liberdade na egreja, a Italia funda a infallibilidade no papado. Quando a Allemanha tem Luthero, a Italia tem Pallavicino; da doutrina do primeiro sáem os anabaptistas, da do segundo sáe Ignacio de Loyola. Ao movimento do Norte corresponde a idêa do dever, da justiça, na monarchia ou na republica; ao movimento do Sul corresponde a idêa da força e da astucia personalisada em Machiavel, realisada na Italia como na Hespanha.

Mas se esta reacção produz a morte do corpo, o espirito vive e viverá; percorrida a sua estrada irá no futuro encontrar o inimigo e dar-lhe a mão, comprehendendo-o, fundindo-se com elle e formando ambos um todo uno com uma consciencia irmã.

# I

Em Camões, como em todos os grandes homens da Renascença, encontraremos os caracteres determinados antes. Com todo o Meio-dia, Camões era platonico. A sua concepção transcendente não é já a creação pessoal e arbitraria sómente comprehensivel pela graça, pela predestinação. Essa crença humanisou-se: o peccado-original concebe-o Camões assim (Son. CXCVIII):

> He possivel que os dous o fructo comem,
> Que de quem lhes deu tanto foi vedado?
> Si; porque o proprio ser de deoses tomem.
> E por esta rasão foi humanado? *(Jesus)*
> Si; porque foi com causa decretado,
> Se quiz o homem ser Deos, que Deus fosse homem.

O peccado-original transformou-se. Na Edade media era uma doutrina de perdição, na Renascença é-o de salvação. O homem peccou para que fosse Deos. O peccado não é pois uma desgraça, é a maiör das venturas que podia ter advindo ao homem. Entre Deos e o

homem estabelece-se uma certa approximação e permutação. O homem elevou-se immenso dentro da propria consciencia. A doutrina do peccado é aquella com que Santo Agostinho, ao abrir da Edade media, defendia a servidão. O aspecto universal da vida reanimada não póde conceber o cahos, a desordem, o nada. Este primeiro periodo da Renascença apresenta-se como um abraço immenso e fraternal que entre si dão os homens, os homens a quem uma alleluia patenteava os horisontes luminosos do futuro. Camões não póde comprehender o *nada* biblico (Elegia XI):

> Olha aquelle Deos alto e increado
> Senhor das cousas todas que fundou
> O céo, a terra, o fogo, o mar irado;
> Não do confuso cáos como cuidou
> A falsa theologia e povo escuro,
> Que só n'esta verdade tanto errou;
> Não dos atomos leves de Epicuro;
> Não do fundo do occeano como Thales,
> Mas só do *pensamento casto e puro.*

A *falsa theologia que só n'esta verdade tanto errou!* Era impossivel que o creado surgisse do increado; o nada não podia gerar o mundo; o que o gerou? d'onde veiu? do espirito, da consciencia universal, do *pensamento casto e puro*. Esta é puramente a doutrina platonica. O mundo inferior é a emanação alterada, mas similhante, d'um mundo superior, o mundo das idêas e das essencias: estas não são sómente concepções ou reminiscencias do espirito, mas typos brilhantes de que os exemplares degenerados constituem o mundo que habitamos. Além d'este mundo ideal está o *um*, bondade, virtude, belleza que não é nem uma idêa, nem uma essencia, mas que é superior ás idêas, ás essencias, que

as creou todas e é a razão ultima e universal de tudo o que existe. (1)

O Christo de Camões, nascido d'este estado mental, não é com certeza o medieval, mas tambem não é, nem o *Titan* de Rubens, nem o *Gigante* de Miguel Angelo: o Christo de Camões nasceu da *Madona* raphaelesca. Já n'outro logar mostrei a distancia que vae entre o genio shakesperiano e o petrarchista. Camões pertencia aos ultimos, não aos primeiros. O seu Christo é apolineo (Eleg. XI):

> O teu rosto de cuja formosura
> Se veste o ceo e sol resplandecente.

É tambem *(ibid)*:

> .......... cavalleiro sublimado.

Não é porém esta ainda a cavallaria mystica que Santo Ignacio ha de pôr em campo para defender a Egreja de Trento: n'outro logar Camões, como o Tasso, a prégará tambem; este cavalleiro representa o fundo de genio aventuroso da raça apresentado ao poeta sob o manto esplendido do passado.

Eis-ahi o primeiro momento do christianismo camoniano, segundo se revela nas suas obras intimas; é essa a doutrina que professa o Gama (C. I, Est. LXV):

> A lei tenho d'aquelle a cujo imperio
> Obedece o visibil e invisibil;
> Aquelle que creou todo o hemispherio,
> Tudo o que sente e todo o insensivel.

(1) *Republica.*

E essa lei que é espiritual, que é a expressão do *pensamento casto e puro*, não necessita de ritos nem de textos (C. I, Est. LXVI):

> D'este Deos alto e infinito
> Os livros que tu pedes não trazia,
> Que bem posso escusar trazer escripto
> Em papel o que n'alma andar devia.

Simultaneamente se davam a renovação philosophica e a litteraria. O poeta épico sentia a necessidade, moral e litteraria a um tempo, da acção sobrenatural na sua obra. O tempo não lhe dava, nem elle encontrava em si, uma nova concepção do todo; a concepção dantesca morrêra, e a homerica, renascida nos livros, não era acceitavel para homens que tinham atravessado já a Edade media. O phenomeno que se dá nos *Lusiadas*, como se encontra em todas as manifestações da consciencia contemporanea, é a maior prova da sua perfeita existencia moral, do completo accordo entre o poeta e a atmosphera onde via a luz. Todas as religiões são boas porque são humanas: o homem peccou, Deos remiu-o, o homem é Deos. O fundo religioso é sempre christão, o fundo transcendente é humano. Nos momentos solemnes, quando, por exemplo, diz *alegre o piloto melindano* (C. VI, Est. XCII):

> Terra he de Calecut.........

o Gama

> Os giolhos no chão, as mãos ao céo
> A mercê grande a Deos agradeceo.

Com effeito o poeta, ou porque o paiz (jesuita, beato) lh'o exigisse, ou porque temesse a impressão produzida, confessa pela bocca de Venus, que diz ao Gama (C. x, Est. LXXXII):

> ..........eu, Saturno, e Jano,
> Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
> Fingidos de mortal e cego engano:
> Só para fazer versos deleitosos
> Servimos........

Com certeza ninguem supporia a crença do poeta no paraiso olympico, porém a alliança permanente d'elle com a concepção monotheista, se dá um absurdo litterario, dá tambem um documento exacto, entre muitos, do estado do espirito contemporaneo. Thetys contando ao Gama o martyrio de S. Thomé (C. x), Baccho adorando o Espirito-Santo (C. II) e dando por esse facto ao poeta o verso mais triste do seu poema:

> O falso Deos adora o verdadeiro;

o Gama levantando as mãos ao santo coro dos Anjos (C. v) e pedindo a Deos que

> ..............removesse os duros
> Casos que Adamastor contou futuros;

Venus acudindo á invocação que á sua Divina Guarda, á que deu refugio a Israel, livrou Paulo, faz o Gama no temporal (C. VI); finalmente, esta estancia onde a Biblia dá a mão a Homero (C. III, Est. CXL):

> Do peccado tiverão sempre a pena
> Muitos, que Deos o quiz e permittio;
> Os que forão roubar a bella Helena;
> E com Apio tambem Tarquinio o vio.
> Pois por quem David sancto se condena?
> Ou quem a Tribu illustre destruio
> De Benjamin? Bem claro no-lo ensina
> Por Sara Pharaó, Sichem por Dina;

provam a perfeita intimidade do espirito camoniano com a epocha em que efflorescia; provam, não a crença polytheista, mas um estado de espirito que recebe, abraça, reconhece todas as crenças como filhas d'uma causa fundamental e eterna — a consciencia humana.

Mas se essa assimilação existe, não vamos por isso crêr que é egual, critica, para o olympo homerico assim como para o odinico, para Jehovah, assim como para Brahma. Não. A Renascença trazia de novo á superficie o que fôra a creação propria, autochtona, do Meio-dia da Europa, por meio dos poemas, das tradições, do direito; essa creação fôra esmagada sob o dominio de idêas differentes e oppostas; a natureza cedêra o logar á graça; é por isso que, no grande seio dos homens da Renascença, tem um logar seu, distincto, primeiro, aquillo que gerára seus avós e que elles tomam a peito refundir, remodelar para educarem seus filhos; é por isso que a imitação da Antiguidade grega e romana constitue o seu maior trabalho.

Camões vem de Homero por Virgilio, disse eu já. Com effeito, todo o espirito caracteristico do nosso grande poeta comprova esta asserção; porém além d'isso Camões, os *Lusiadas,* descendem immediatamente de Virgilio, da *Eneida,* porque além da descendencia natural, dava-se a imitação voluntaria. Algumas observações

sobre os pontos de contacto entre os dois poemas, por tantos lados similhantes, não serão fóra de logar. Já se disse como ambos, sendo poemas litterarios e não populares, são humanos, não transcendentes; situações politicas, etnographicas, moraes, até certo ponto irmãs, genios immensamente similhantes, era natural que se comprehendessem, que o presente fosse estudar ao antecessor, ao seu irmão, como era que da lyra tinha tirado as notas para cantar aquillo mesmo que elle tinha a peito cantar. Iremos pois vendo em seguida e comparando e notando, nos pontos de contacto o que os approxima, o que os separa.

Desde o primeiro verso, desde a primeira invocação se patenteia o pensamento que comprehende e quer seguir Virgilio, como Virgilio comprehendera e queria seguir Homero. Se os *Lusiadas* começam:

> As armas e os barões assignalados
> Que da occidental praia lusitana...

a *Eneida* tambem começa:

> *Arma virum que cano Trojae qui primus ab oris...*

O Gama toma para si a fama de Eneas (Canto I, Est. XII); Venus é tambem a protectora dos portuguezes; Bacchho substitue Juno, porque? (C. I, Est. XXX):

> ............... não consentia
> No que Jupiter disse, conhecendo
> Que esquecerão seus feitos no Oriente,
> Se lá passar a lusitana gente.

É engenhosa a applicação da legenda; contradiz-se porém na origem d'essa mesma gente, attribuida ao Thyoneo. Logo no canto I, onde se dá o conselho olympico (Est. XX e seg.), Camões segue passo a passo o seu guia. O Olympo virgiliano é muito maior, mais severo e sobrio do que o camoniano, onde a Renascença lança estrellas e ouro e explendores. Jupiter invoca os olympicos

> Eternos moradores do lusente
> Estellifero polo e claro assento,

e Virgilio (L. x, V. 6):

> ........*Coelicolae magni*...

Comparando estas duas invocações percebe-se a differença que vae da epocha de Augusto á Renascença. Já em Virgilio o maravilhoso homerico era uma ficção litteraria; atraz d'elle se apercebiam os sentimentos abstractos que faziam a verdadeira philosophia do poema como a transcendencia da epocha; em Camões, porém, onde o Olympo é uma curiosidade erudita e archeologica, em Camões sente-se uma inferioridade constante sempre que vae buscar ao mestre o traçado ou idêa com que ha de mover a machina épica. Se em Virgilio as successivas apparições de Juno para prolongar a acção, se notam, em Camões os artificios de Baccho são além de falsos, insensatos. No concilio Olympico do liv. x da *Eneida* a sessão da assemblêa se não produz um effeito sobrenatural é porém humanamente coherente. Jupiter queixa-se da rixas em que andavam Juno e Venus: cada

uma por sua vez expõe as suas razões e concluindo Jupiter *fata viam inveniant* (V. 115):

*Annuit et totum nutu tremefecit Olympum.*

D'esta scena o que fez Camões?

Jupiter abre a sessão com uma enfiada de palavras em que os *fata* virgilianos se repetem:

Prometido lhe está do fado eterno
Cuja alta lei não póde ser quebrada,

e cujo fim não póde ser outro senão pretextar a Baccho a sua queixa. Em seguida Venus implora pela gente lusitana; Marte a apoia e Jupiter encerra a sessão

A cabeça inclinando..........

Então segundo Virgilio (V. 116-7):

...........*Solio tum Jupiter aureo*
*Surgit; coelicolae medium quem ad limina ducunt*

e segundo Camões:

Logo cada um dos deoses se partio
Fazendo seus reaes acatamentos
Para os determinados aposentos.

Se a scena em si é transladada, o tumulto pouco conveniente dos deuses, suggere a Camões uma imitação virgiliana. A estancia XXXV:

Qual austro fero ou Boreas na espessura

não será o

> *In segetem veluti quum flamma...*

do Liv. II, V. 304, da *Eneida?*

O canto II nos depara outro episodio transferido do poema latino. É quando o Gama está prestes a caír na cilada que os mouros lhe armaram em Mombaça. Venus corre a Jupiter (Est. XXXVIII):

> ... mostrando no angelico semblante
> C'o riso uma tristeza misturada...

Tambem na *Eneida* (Liv. I, V. 228), Venus corre a Jupiter por amor de Eneas em perigo, e vae

> *Tristior et lacrimis oculos suffusa nitentes.*

Na *Eneida* como nos *Lusiadas* a prece é entremeiada de lagrimas, porém a Venus virgiliana, é casta, é triste; a de Camões tem sempre o riso d'envolta com as lagrimas; é encantadora, mas é mulher e dá-se. A *Eneida* diz que Jupiter (V. 256):

> .........*oscula libabit natae...*

É um beijo paternal. O beijo de que fallam os *Lusiadas* não é paternal, é amante (Est. XLII):

> Na face a beija e abraça o collo puro
> De modo que d'alli se só se achara
> Outro novo Cupido se gerara.

É que o Jupiter é muito mais deos, muito menos homem na *Eneida*, do que nos *Lusiadas*. Alli a phrase *fata viam inveniant* domina o Olympo, aqui Jupiter move-se pelo choro da sua amante. No aspecto de Jupiter encontraremos em Camões mais uma phrase virgiliana (Est. XVII):

> O vulto alegre qual do céo subido
> Torna sereno e claro o ar escuro,

é o (V. 255):

> *Vultu quo coelum tempestates que serenat.*

Ouvida a prece, levantada a face, dado o beijo, diz Jupiter, em Camões:

> Formosa filha minha não temais
> Perigo algum nos vossos lusitanos...

em Virgilio:

> *Parce metu, Cytherea: manent immota tuorum*
> *Fata*..............

Em seguida o deos desenrolla á filha e esposa o futuro dos seus protegidos portuguezes e romanos. Concluida a prophecia, diz Camões (Est. LVI):

> Como isto disse, manda o consagrado
> Filho de Maia á terra, porque tenha
> Hum pacifico porto e socegado
> Para onde sem receio a frota venha.

e Virgilio (V. 297-9):

*Haec ait et Maia genitum demittit ab alto*
*Ut terrae utque novae pateant Carthaginis arces*
*Hospicio Teucris..........*

Mercurio partindo do céo, vem encontrar Eneas, e exclama (V. 569):

..........*Eia age, rumpe moras!*

e a Vasco da Gama, diz (Est. LXI):

..........Fuge, fuge, lusitano.

N'este mesmo canto, Venus soccorre as náos portuguezas com um artificio (Est. XXII):

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina e alli fechando
O caminho da barra estão de geito;

que recorda a frase de Virgilio (Liv. IX, V. 102):

........................ *Nereia Doto*
*Et Galatea secant spumantem pectore pontem.*

E a comparação que o trabalho das ninfas impedindo ás náos portuguezas o navegar, offerece a Camões (Est. XXIII):

Quaes para a cova as providas formigas...

é virgiliana (Liv. IV, V. 402):

*Ac veluti ingentem formicae farris acervum*
*Quum populant.......*

No canto III a *formosissima Maria* implora o pae, Affonso IV, da mesma fórma que Venus quando a Jupiter implorava o favor para Eneas (Est. CVI):

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pae favor pedia
Para Eneas seu filho navegando.

No IV, Dom Manoel tambem sonha (Est. LXVII):

..........no tempo que a luz clara
Foge e as estrellas nitidas que sahem
A repouso convidão quando cahem.

Eneas observa a Dido, emquanto lhe referia as desgraças de Illion (L. II, V. 8):

.........*Et jam nox humida coelo*
*Praecipitat, suadent que cadentia sidera somnos.*

Examinemos agora outro episodio em que a imitação de Virgilio é patente. É a imitação da tempestade, no canto VI; transcrevamos, porque a verdadeira belleza e originalidade do canto patentearão bem o que é e como é a justa imitação que o genio faz d'aquelles que o precederam. Velloso conheceu a historia dos doze de Inglaterra, bellissimo episodio cujo logar não é aqui, e (Est. LXXI e seg.):

. . . . . .neste passo assi promptos estando
Eis o mestre que olhando os ares anda
O apito toca: acordão despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
— Alerta, disse, estai, que o vento crece
D'aquella nuvem negra que apparece.

Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
— Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperão os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando n'ella,
Em pedaços a fazem, c'hum ruido
Que o mundo pareceo ser destruido.

O ceo fere com gritos n'isto a gente
Com subito temor e desaccordo;
Que no romper da vela a náo pendente
Toma grão soma d'agoa pelo bordo.
— Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar: não falta accordo:
Vão outros dar á bomba, não cessando:
Á bomba, que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegarão
Os balanços que os mares temerosos
Derão á náo, n'hum bordo os derribarão:
Tres marinheiros duros e forçosos
A manear o leme não bastarão:
Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte
Sem aproveitar de homens força e arte.

Os ventos erão taes que não puderão
Mostrar mais força d'impeto cruel
Se para derribar então vierão
A fortissima torre de Babel.
Nos altissimos mares que crescêrão
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante náo que move espanto
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Esta côr local, este perfume maritimo, que possue Camões, não o tem Virgilio. Os portuguezes do seculo XVI eram navegadores; Camões presenceára o que escrevia. A tempestade de Virgilio carece d'este colorido local; é grande decerto, mas o grandioso realisando o fundo de verdade que reside em todos os phenomenos naturaes, só por si, dá-lhes um certo tom uniniforme, irmão; o pasmo embota o interesse. O grande resultado de Camões, é, seguindo os traços fundamentaes do mestre, promover o pasmo, tirando de si o que em si tinha, excitar o interesse. Ha traços communs á tempestade em geral que a intuição de Virgilio adivinhou na sua cella, á borda do seu placido Mincio, ao lado de Cesar, porém os toques especiaes é necessario como Camões ter naufragado para os poder escrever. Camões diz, que os navios

> Agora sobre as nuvens os subião
> As ondas de Neptuno furibundo:
> Agora a ver parece que descião
> As intimas entranhas do profundo.

Tambem Virgilio dissera (Liv. I, V. 106-7):

> *Hi summo in fluctu pendent; his unda dehiscens*
> *Terram inter fluctus aperit.......*

Por assim dizer, o esqueleto do episodio é virgiliano, o colorido é camoniano.

Affastando-se de Virgilio, seguindo a Homero, nos *Lusiadas*, Neptuno ordena a tempestade, o *forte agitador da terra*, o inimigo de Ulysses, é o mesmo que em Camões ordena a Eolo que solte os ventos. Na *Eneida* como é sabido, Eolo sae fóra da orbita das suas attri-

buições para comprazer a Juno, o que dá azo ao famoso *Quos ego*... neptunino.

Se Juno para induzir Eolo á insubordinação que lhe acarretou as iras de Neptuno, lhe promette Deiopea, *forma pulcherrima* (L. I, V. 70-5), Camões invertendo a situação, transfere o pensamento a Venus que ao batalhão de Eolo entrega as nimphas (Est. LXXXVII):

Que mais formosas vinhão que as estrellas,

para que o amor os leve a abandonar o trabalho em que andavam de perseguir os navegadores portuguezes.

Desesperado pelos duros transes a que o expunham os fados, Eneas, afflicto pelo desbaratamento da sua frota, exclama (V. 94-6):

.......... *O terque quaterque beati,*
*Quibus ante ora patrum, Trojae sub moenibus altis*
*Contigit oppettere!*

Eguaes expressões põe Camões na bocca do Gama (Est. LXXXIII):

Oh ditosos aquelles que puderão
Entre as agudas lanças africanas
Morrer.............

O sentimento da morte pela patria no momento do perigo invocado por Virgilio, o *ante ora patrum,* já se encontrava em Homero (1). Mais uma vez encontramos o fundo virgiliano, latino, que é o fundo portuguez, revivificado pelo pensamento contemporaneo. A patria para Eneas encontra-se nos muros de Troya: *Trojae*

(1) *Odyssea,* VIII, V. 524. Vid. S. Beuve, *Etude sur Virgile,* onde a comparação entre o poeta grego e o romano é admiravelmente feita.

*sub moenibus altis;* a patria para o Gama, para Camões, para os grandes espiritos do seculo XVI em Portugal, encontrava-se nas *terras mauritanas.*

Conforme vamos seguindo o poema portuguez temos ido notando aqui e ali um episodio, uma phrase, um *simile* que mais proeminentemente retrate esta tinta uniforme espalhada em todo o quadro. Antes de apontar outro episodio, notemos o *simile* (C. VIII, Est. LXXXVII):

> Qual o reflexo lume do polido
> Espelho de aço..........

que encontramos em Virgilio (L. VIII, V. XXII):

> *Sicut aquae tremulum labies ubi lumen ahenis...*

N'este mesmo canto VIII, Camões aproveita do expediente virgiliano para fazer a Illiada dos grandes homens portuguezes. O Gama contára verbalmente a historia da sua gente, da nação portugueza, da mesma fórma que Eneas a de Troya. Mas além da historia, do todo, é necessario enumerar os grandes actos, os grandes homens, os heroes. Eneas encontrou-os nos quadros do templo de Carthago (L. I, V. 456):

> *Iliacas ex ordine pugnas........*

O rei de Calecut encontra-os nas bandeiras que toldavam a náo do Gama (Est. LXXIV):

> N'ellas estão pintadas as guerreiras
> Obras que o forte braço já fizera,
> Batalhas tem campaes aventureiras,
> Desafios crueis, pintura fera.

No momento decisivo Venus soccorre-se de Cupido. Quando é necessario captar Eneas (L. I, V. 664), Venus diz-lhe:

*Nate, meae vires, mea magna potentia solus.*

Quando é necessario preparar a recompensa aos trabalhos dos portuguezes, a *ilha dos amores* (C. IX, Est. XXXVII):

........Amado filho em cuja mão
Toda minha potencia está fundada.

O momento é egual, os individuos os mesmos. Camões traduz.

A idêa de Virgilio, segundo diz Saint Beuve, é o triumpho sempre incompleto e misturado de sombra: são as proprias miserias da victoria, as lagrimas de Eneas, como as de Paulo Emilio, a triste similhança e quasi equiparação dos vencedores e dos vencidos. Virgilio fallava a um povo saciado de guerras civis, da guerra em geral; tem no mais elevado gráo o sentimento das vicissitudes humanas: *multa dies varius que labor*. Similhante phenomeno se encontra entre os conquistadores hespanhoes. A *Araucana* patenteia sentimentos eguaes, a quasi equiparação dos vencedores e dos vencidos. Os hespanhoes estavam tambem saciados de guerras civis, da guerra em geral. O espirito portuguez, o espirito dos *Lusiadas*, é porém completamente outro. De um lado o heroismo, completamente alheio aos conquistadores hespanhoes, conserva os animos n'um estado de tensão, de superioridade, que impede a equiparação dos vencidos aos heroes; depois, os heroes são christãos;

os vencidos, ou gentios ou mouros. O velho sentimento que animára a Edade media peninsular tinha elementos para rejuvenescer nas Indias, como não tinha na America. São todas estas razões, juntas á necessidade de expansão de um povo rico, emprehendedor, geographicamente arrumado contra o mar, e politicamente isolado e livre das luctas sangrentas que se lidavam na Europa e a fatigavam da guerra, que fazem com que o genio camoniano se destingua completamente n'esse ponto do romano contemporaneo de Virgilio, do hespanhol contemporaneo de Ercilla, que se anime convicto e exaltado pelo sentimento da justiça representado no christianismo, que em nome d'elle prégue a guerra com toda a força que dá a existencia d'um ideal definido e fixo.

Eis-ahi o ponto capital de differença entre o aspecto da *Eneida* e o dos *Lusiadas*.

A preoccupação *antiga,* a tradição litteraria, se dá por um lado a Camões a direcção da verdadeira estrada, pela comprehensão de Virgilio, perde-o frequentes vezes, sempre que a idêa de que os olympicos *servem para fazer versos deleitosos* o leva a empregar ficções friamente litterarias. Quanto a sua obra ganharia se, despindo-a d'esse falso colorido, d'essas roupagens pseudo-antigas, elle se inspirasse sómente na fonte pura do seu genio, na Renascença e no caracter nacional!

O paganismo camoniano não tem sido comprehendido, não se tem buscado n'elle o que n'elle ha de verdadeiro, o caracter moral *antigo* não só da Renascença como do genio portuguez, perante o qual a inspiração de Virgilio é tão fecunda em Camões como em Virgilio o fôra a de Homero. Tem-se notado geralmente o

absurdo e a fraqueza da mythologia dos *Lusiadas* sem se descriminar o que ha n'ella de inspiração naturalista e de fria reproducção litteraria. Se para esta a accusação é fundamentada, é mister ser cego para não perceber, não sentir o valor intrinseco da primeira.

Com effeito, toda a vez que o poeta quer seguir litterariamente as passadas virgilianas, é-lhes inferior; quando porém toma do predecessor o que a ambos é commum, influindo-lhe o espirito proprio, não é superior nem é inferior (não fallo rethoricamente), porque é tão bom portuguez do seculo XVI, como Virgilio era romano do seculo de Augusto. As observações que deixamos apontadas provam esta asserção.

Mas quando não se encontra mais do que uma fria cópia erudita e litteraria, como o poeta desce, é vulgar, é sobre tudo sem expressão!

No concilio olympico (C. I) Marte apparece com o aspecto de um ferrabraz ridiculo (Est. XXXVII):

> E dando uma pancada penetrante
> Co'o conto do bastão no solio puro
> O ceo tremeu e Apollo de torvado
> Hum pouco a luz perdeo como enfiado.

Estes versos são indignos dos *Lusiadas*, porque são burlescos. Concluido o concilio com a mesura de Jupiter, os deoses partem burguezmente (Est. XLI):

> Fazendo seus reaes acatamentos
> Para os determinados aposentos.

Mais tarde (C. VI) n'outra assemblêa olympica o tumulto é grande entre os deoses, e a Proteo, que tam-

bem quer dar a sua opinião, acode Thetys com modos de menina sensata (Est. XXXVI):

> Netuno sabe bem o que mandou.

Se a phrase desce, rasteja, a obediencia á *arte poetica* leva-o a defeitos maiores, defeitos de coordenação logica de factos, defeitos de sentimento épico, pelos quaes amesquinha os heroes, os seus actos. Os portuguezes conseguem alfim descobrir a India, não como Eneas conseguiu chegar á Italia, segundo o querer do fado: *fata viam inveniant,* mas porque no concilio (C. I) Jupiter diz (Est. XXVIII):

> Nas agoas tem passado o duro Inverno;
> A gente vem perdida e trabalhada:
> Já parece bem feito que lhe seja
> Mostrada a nova terra que deseja.

Parece que a viagem era uma especie de purgatorio: quando já a conta das penas move a commiseração de Jupiter, então sim! Os portuguezes podem aproar a Calecut. Colloque-se isto a um lado, e a outro a verdade, força, audacia, perseverança, e veremos quanto ella é mais épica do que todas as ficções litterarias, todas as regras da arte poetica. Compare-se a commiseração olympica nos *Lusiadas* com a verdade humana de outra epopêa de navegadores, o *Diario* de Colombo! «Ya dige, escreve elle, que para la esecucion de la empreza de las Indias no me aprovechó rason ni matematica, ni mapamundos: llenamente se cumplió lo que dijo Isaias.» Eis-aqui a verdade moral, a crença profunda da predestinação da Italia, crença geral a todos os seus gran-

des homens desde Augusto até Mazzini.—A agulha desviava-se por um phenomeno hoje conhecido, então ignoto, e Colombo dizia que a variação da bussola não era senão apparencia, a falta vinha da estrella polar que se movia, porque «las agujas piden siempre la verdad.» Eis-aqui o homem da Renascença, o homem crente no progresso, nas descobertas: quanto a verdade nua não é mais épica do que a ficção litteraria!

Tudo o que dissemos do maravilhoso épico dos *Lusiadas* applical-o-hemos em poucas palavras á concepção da historia nacional conforme é feita no poema, sob o ponto de vista litterario, e encontraremos na inspiração a mesma fonte sã de concepção, na copia litteraria o mesmo ridiculo, egual fraqueza. N'outro logar (Liv. IV) estudaremos a concepção nacional como é mister; aqui sómente veremos o modo litterario de comprehender a historia.

Contemporaneo de Camões, seu irmão em genio, João de Barros escrevia (*Paneg. cit.*) «Jobel filho de Jafet e neto de Noé depois do diluvio veio ter a Espanha a qual d'elle e de seus descendentes se povoou; estes se governam por Republicas e communidades. O primeiro homem, se queremos dar fé a fabulas antigas, que n'ella e em Portugal entrou com exercitos e a conquistou foi Baccho, depois os curetes, gente da Grecia, seguindo a Gargores seu capitão, se fizerão senhores d'ella, o qual Gargores foi excellente principe e ensinou aos povos d'Espanha muitas couzas necessarias para a vida e proveito commum, por onde os successores d'este pacificamente reinárão até ao tempo d'elrey Girião, em cujo tempo, vindo Hercules, o venceo, e nella ordenou novo estado.....»

Eis a historia: da mesma fórma que todas as creações humanas servem para commentarios na Renascença, todas servem, todas se fundem ao conceber a origem dos povos. A Biblia e o Olympo, a Grecia e a Judêa, Noé, Baccho, Hercules, taes são as fontes originaes da sociedade portugueza.

Camões diz exactamente o mesmo (C. III, Est. XXI):

> Esta foi Lusitania derivada
> De Luso ou Lysa que de Bacho antigo
> Filhos foram parece ou companheiros
> E n'ella então os incolas primeiros.

Lisboa é fundação de Ulysses (C. VIII, Est. V):

> Ulysses.......................
> Cá na Europa Lisboa ingente funda.

Temos examinado o que nos *Lusiadas* representa a tradição antiga, quer no seu lado moral, esthetico e fecundo, quer no seu lado litterario, *pastiche* e esteril.

Tornamos a entrar no Olympo, porém a roupagem de que o encontramos vestido é falsa, postiça, sem que o seja elle proprio, o Olympo, porque se transformou, é outro: fixado por Homero encontravamos ahi a idealisação do homem animal, forte, bello, apaixonado; refundido por Virgilio démos já com outros deoses, homens espiritualisados, idealisação de sentimentos de que os deoses são sómente a objectiva impessoal. Porém tanto um como outro Olympo distinguem-se dos *paraizos* da Edade media por não serem abstracções phantasticas, mas sim realidades humanas. Esta é a herança antiga que de um como de outro Camões recebe e identifica em si. A evolução interior e mystica concluira, cerrara o

seu cyclo e á natureza que reapparecia imprimia comtudo um cunho novo, espiritualisava-a. Os elementos quasi latentes em Virgilio que geraram o provençalismo e tiveram a sua plena realisação em Petrarcha, o amor mystico e transcendente, o escavar perpetuo e dolorido dentro d'uma mesma nota do sentimento humano, de um lado; — e do outro a acção do clima, do sol, do genio que produzira os Anachreontes e o Ovidio tão alheio ao caracter romano, virgiliano, reunem-se em Camões e sobre o fundo de caracter antigo assentam umas tintas lyricas e sensuaes, petrarchicas e ovidianas das quaes o poeta extrae effeitos deliciosos. É no retrato de Venus, tão differente da Venus Casta de Virgilio, que principalmente encontraremos a prova d'isto. Corre ao céo a implorar a Jupiter, porque vê os seus portuguezes em perigo (C. II, Est. XXXIV):

> E como hia affrontada do caminho
> Tão formosa no gesto se mostrava
> Que as estrellas e o céo e o ar visinho
> E tudo quanto a via namorava.

O retrato que segue disfructa primazia ao buril cellinesco. Se já podémos encontrar em Camões o encanto raphaelesco, veremos agora se elle é ou não um rival do celebre cinzelador (C. II, Est. XXXVI):

> Os crespos fios de ouro se espargião
> Pelo collo que a neve escurecia,
> Andando, as lacteas tetas lhe tremião
> Com quem amor brincava e não se via:
> Da alva petrina flammas lhe saião
> Onde o menino as almas acendia,
> Pelas lisas columnas lhe trepavão
> Desejos que como hera se enrollavão.

Jupiter ao vêl-a chorosa e tão bella (Est. XLII):

> As lagrimas lhe alimpa e accendido
> Na face a beija e abraça o collo puro.

Mais tarde (C. VI), quando é necessario que as nymphas seduzam e domem os ventos desabridos, Venus (Est. LXXXVII):

> Grinaldas manda por de varias cores
> Sobre cabellos louros á porfia;
> Quem não dirá que nascem roxas flores
> Sobre ouro natural que amor enfia?

O episodio da *ilha dos amores,* que mais adiante será apontado e estudado, é porém debaixo d'este ponto de vista o mais importante documento. A estancia transcripta em seguida, respira, como nenhum outro logar, esse erotismo, essa embriaguez sensual que os homens da Renascença experimentavam ao saírem da longa quaresma, dos jejuns e cilicios da Edade media (C. IX, Est. LXXXIII):

> Oh! que famintos beijos na floresta!
> E que mimoso choro que soava!
> Que affagos tão suaves! que ira honesta
> Que em risinhos alegres se tornava!
> O que mais passão na manhan e sesta
> Que Venus com prazeres inflammava,
> Melhor he experimental-o que julga-lo
> Mas julgue-o quem não pode experimental-o.

Eis a primeira epocha da Renascença, o primeiro acto da trilogia, representado pelo genio camoniano. É um campo luminoso, esplendido, o céo é azul, o sol brilhante, as arvores copadas, a natureza sorri, os homens deram as mãos, abraçaram-se, conciliaram-se to-

das as crenças á voz do amor, á voz da arte. A Antiguidade e os tempos biblicos, as sybillas e os prophetas, Moysés e Platão, Orpheu, Jesus Christo, fundem-se todos n'uma harmonia immensa, ao sol da arte, ao sol do amor; uma imaginação immensa, um sangue ardente exaltam, animam, transbordam, o homem confia plenamente em si, na sua cabeça, no seu coração; a verdadeira estrada encontrou-se, caminhemos a ella! no fim está o sol, o paraiso, não o dantesco, mas o camoniano — a *ilha dos amores!* a vida, não a morte; o homem, não o espirito; a lucta, o combate finamente humano, artisticamente natural!...

Como depressa se ia toldar este horisonte esplendido por tormentas gigantescas!

## II

Supponhamos que nos dias de hoje, no meio moral e scientifico que a civilisação contemporanea nos tem feito, supponhamos, digo, que se descobria um meio de propulsão bastante energico para levar um homem fóra da zona de attracção da terra; que esse homem, descoberto o modo de viver fóra da sua atmosphera ambiente, viajava até Marte ou Juno ou Pallas ou até á Lua e de volta de qualquer d'estes planetas nos trazia a realidade de um passado terrestre sómente vivo em tradições indistinctas, e a noticia de um futuro completamente ignoto. Supponhamos qual seria a revolução que um facto assim produziria no espirito humano.

Pois esta supposição é a verdade da Renascença. Os homens visitaram um planeta novo, a propria terra onde viviam. Trouxeram de lá um passado, a Antiguidade sómente viva em tradições indistinctas por meio d'essa tendencia que os encaminhava para o Oriente, pelo movimento começado com as Cruzadas; descobriram paizes, mares, *nunca d'antes navegados*, novas terras, novas gentes; e o mundo medieval, a estreita consciencia da Europa neo-latina e germanica, recebendo de chofre tamanhas impressões vacillou; não encontrando a verdadeira estrada recolhem-se, separando-se, dentro do caracter proprio e original, os povos germanos ao mysticismo pela liberdade moral, os povos latinos ao naturalismo pela liberdade animal.

Dizer com effeito ao mundo que o systema ptolomaico, a meteorologia biblica eram um erro, que o sol era fixo, mobil a terra, firme debaixo dos pés! E confirmar esta verdade com as descobertas de cada dia! E quando a impressão, o choque produzido pela realisação d'um supposto paradoxo, d'uma accusada impiedade, não socegára ainda, estremecer de novo a consciencia humana por uma nova descoberta, por um novo paradoxo, por uma nova impiedade! Qual será o sentimento que naturalmente sáe d'estas successivas impressões, senão o pasmo? (C. v, Est. XXIII):

Se os antigos philosophos que andárão
Tantas terras por ver segredos d'ellas,
As maravilhas que eu passei passárão
A tão diversos ventos dando as velas;
Que grandes escripturas que deixárão!
Que influição de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

Camões sente primeiro o pasmo; com effeito, elle é tão forte, os factos que elle presenceou são tão extraordinarios, que toma o tom familiar, pessoal, para convencer com a sua palavra, não de poeta, mas de homem, e affirma, aos incredulos, *sem mentir,* que aquillo que elle viu e conta, não é uma creação rethorica, é *pura verdade.*

Encontrando, como sempre, em si a consubstanciação do genio portuguez, Camões realisa com elle o sentimento maritimo conforme elle se encontra na creação popular pelas legendas dos navegadores, conforme nol-o deixou pintado Gil Vicente na *Náo de amores:*

A los remos, remadores
Esta es la nave de amores.

É diante do mar que elle, Camões, navegador como o Portugal do seculo XVI, sente a natureza. Chegado á India, ella com a sua vegetação uberrima, o seu céo de profundo anil não lhe fere a alma, não lhe dá uma unica nota da universal harmonia: diante d'este mundo novo, Camões recolhe-se dentro de si e unicamente sente, unicamente descreve, as leis, a religião, os costumes, a India moral segundo se revelava, segundo apparecia ao meridional, ao christão e ao catholico (C. VII, Est. XVII):

Alem do Indo jaz e aquem do Gange
Hum terreno mui grande e assas famoso,
Que pela parte austral o mar abrange
E para o Norte o Emodio cavernoso.
Jugo de reis diversos o constrange
A varias leis: alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adorão,
Alguns os animaes que entre elles morão.

Porém, quando se encontra em frente do oceano, quando assiste (C. v, Est. xvi):

> .................. ás perigosas
> Cousas do mar que os homens não entendem,
> Subitas trovoadas temerosas,
> Relampagos que o ar em fogo accendem;
> Negros chuveiros, noutes tenebrosas,
> Bramidos de trovões que o mundo fendem...

é então que elle sente em si a natureza, a sua vida propria, que a pinta, não subtilisando-a, escravisando-a, falseando-a, como o homem da Edade media, mas comprehendendo-a, animando-a, prestando-lhe a vida, o genio, a harmonia. É então que o céo é a *universal pintura* (Est. xxvi), phrase que por si só funde o genio da Renascença com o genio de Camões. É então que elle vê o Sant'elmo, as trombas (Est. xviii e seg.):

> Vi, claramente visto, o lume vivo
> Que a maritima gente tem por santo,
> Em tempo de tormenta e vento esquivo,
> De tempestade escura e triste pranto.
> Não menos foi a todos excessivo
> Milagre e cousa certo de alto espanto,
> Ver as nuvens do mar, com largo cano,
> Sorver as altas agoas do oceano.

> Eu o vi certamente (e não presumo
> Que a vista me enganava) levantar-se
> No ar um vaporsinho e subtil fumo,
> E do vento trazido, rodear-se:
> D'aqui levado hum cano ao polo summo
> Se via, tão delgado que enxergar-se
> Dos olhos facilmente não podia:
> Da materia das nuvens parecia.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupava:
Estava-se com as ondas ondeando;
Em cima d'elle huma nuvem se espessava
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'a grande carga d'agoa em si tomada.

Qual roxa sanguesuga se veria,
Nos beiços da alimaria que imprudente
Bebendo a recolheo na fonte fria,
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céo chovendo em fim voou....

Taes são os *segredos da natura:* segredos cada dia revelados; o mar (C. v, Est. ix):

..............o immenso lago
Do salgado occeano......

é quem dentro de si contém a chave de todos estes enigmas de que cada dia descobre um. O Gama, navegando na costa occidental de Africa, *suspeita* a terra da America (Est. iv):

..................que á direita
Não ha certeza d'outra *(terra)* mas suspeita.

Porém esta ordem de suspeitas tem fundamento: todos confiam, todos esperam a solução (Est. XIV):

> ...o Polo fixo onde inda se não sabe
> Que outra terra comece ou mar acabe.

*Ainda se não sabe,* isto é, saber-se-ha.

Considerando sobre o extraordinario de todas estas cousas novas que cada dia vinham mais uma vez desnortear o espirito humano, podemos descobrir a razão da duvida em Camões. A duvida é um phenomeno commum a todos os grandes espiritos contemporaneos. Justamente porque comprehendiam o passado e percebiam o presente é que duvidavam do primeiro, sem que encontrassem tambem no segundo uma concepção transcendente que viesse substituir a anterior e decaída. A falta de definição e fixação do espirito transcendente da Renascença no Meio-dia, que é o naturalismo idealista, é a causa porque os espiritos mais puramente contemporaneos, Miguel Angelo, Camões, o Tasso, se voltam para o passado e apoiam a reacção da Egreja, effectuada no concilio de Trento.

Entre a primeira epocha, a do progresso, que estudámos já, e a da reacção em que entraremos breve, apresenta-nos a Renascença, da mesma fórma que o auctor dos *Lusiadas,* o parenthesis sombrio da duvida, da lucta. É aos seus sonetos, onde encontramos a nú o seu pensamento, que iremos buscar a prova. Diz elle (Son. CCXXXVI):

> Verdade, amor, rasão, merecimento
> Qualquer alma farão segura e forte,
> Porem fortuna, caso, tempo e sorte
> Tem do confuso mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento
E não sabe a que causa se reporte:
Mas sabe que o que é mais de vida e morte
Não se alcança de humano entendimento.
Doctos varões darão razões subidas;
Mas são as experiencias mais provadas
E portanto é melhor ter muito visto.
Cousas ha hi que passam sem ser cridas
E cousas cridas ha sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo é crer em Christo.

Eis-ahi toda a elaboração moral do poeta: a experiencia é a grande mestra; mas o *melhor de tudo* é crêr em Christo. Compare-se este estado de espirito com a lucta medonha da alma de Luthero, revelada por elle mesmo, e d'ahi se inferirá a distancia que separa o genio germano do latino, a Reforma do concilio de Trento. Camões repete exactamente Pomponacio, que repousa cegamente na crença de S. Thomé, ainda que ella lhe pareça tão falsa, tão illusoria, como absurda. Porque o *melhor de tudo* é crêr em Christo é que Camões, como veremos, préga a cruzada pela Egreja, de mão dada com o Tasso: não porque esteja animado d'uma visão divina, illuminado, como os martyres; não, porque para elle é necessario ter baixa a phantasia para crêr em Deos (Epist. I):

Quem tão baixa tivesse a phantasia
Que nunca em mores cousas a metesse
.................................
Em Deos creria simples e quieto
Sem mais especular algum secreto.

Será isto uma profissão de atheismo? Não é, de certo; não póde ter similhante interpretação, pois que todo Camões respira um sentimento absolutamente opposto. Será porém uma refutação do Deos de Trento

e do catholicismo refundido? Creio que sim. Entretanto o seu espirito meridional não vacilla, não comprehende, não quer nem póde, o que vae pelo Norte nevoento e sombrio, por isso o fulmina e se lança de braços abertos no movimento que deu de si a perdição politica e social da Italia como da Hespanha.

O espirito camoniano revelado nos *Lusiadas,* manifesta, como veremos, cabalmente esta asserção; entretanto, um fundo de reacção interior, um espinho que lhe ficára cravado na alma, não pôde deixar de produzir uma lagrima de sangue: Venus contou ao Gama o martyrio de S. Thomé, e, apressando a conclusão da narrativa, diz (C. x, Est. cxx):

> Mas passo esta materia perigosa.

Materia perigosa! sim; materia perigosa é já accusar o clero; materia perigosa é já pensar, crêr, sentir, vêr, ouvir, viver! Ignacio de Loyola fez já do Meio-dia um sepulchro immenso; dos homens, dos artistas, cavalleiros sombrios, armaduras que cobrem esqueletos e passeiam lugubremente, tirando do estalar dos ossos as maximas de uma doutrina de morte, creando á luz soturna da lua que se reflecte na alvura das mortalhas um delirio de loucura amorosa, uma vertigem de absurdo phantastico, e pisando um chão de cemiterio coalhado de sangue, de podridão, de impudicicia!

Eis-ahi onde a Renascença, não comprehendida, levou os povos meridionaes. O espirito positivo e naturalista da Italia, da Hespanha, não podia acompanhar o Norte nas suas abstracções metaphysicas: reuniu a sua crença no dogma, immobilisou a idêa no symbolo,

concebeu a religião, identificou-a com a Reforma de Trento, e, encontrada a verdadeira via, lançou-se n'ella com todo o ardor, com toda a energia que constitue o traço distinctivo do seu caracter. Que este movimento, pelo qual se materialisava a idêa transcendente amarrando-a á creação politica do papado, era sincero, são-n'o prova Miguel Angelo, o Tasso e Camões. Vamos em seguida examinar como o ultimo julga a Reforma germanica, como abraça a Reforma meridional, a religião de Trento. Camões escreve (Eleg. XI):

> O falsissimo hereje que carece
> De graça e com damnado e falso esprito
> Perturba a Santa Egreja que floresce.

O falsissimo hereje que carece de graça, é o *protestante,* que se insurge contra o naturalismo, o paganismo da Egreja latina em nome da propria *graça,* do mysticismo transcendente introduzido por S. Paulo na egreja incipiente! Eis-ahi como o poeta julga a Reforma. Por outro lado a Egreja de Trento, com o papa infallivel, os homens de Santo Ignacio por espirito, a inquisição por arma, é a santa Egreja que floresce. Entremos nos *Lusiadas,* e ahi encontraremos o mesmo espirito (C. VII, Est. IV e seg.):

> Vede-los Alemães, soberbo gado,
> Que por tão largos campos se apascenta,
> Do successor de Pedro rebellado,
> Novo pastor, e nova seita inventa:
> Vede-lo em feias guerras occupado,
> (Que inda co'o cego error se não contenta!)
> Não contra o superbissimo Othomano,
> Mas por sahir do jugo soberano.

Vede-lo duro inglez, que se nomeia
Rei da velha e santissima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia:
(Quem vio honra tão longe da verdade?)
Entre as Boreaes neves se recreia,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defendel-o nem guardal-o,
Mas para ser contra elle e derribal-o.

É d'esta maneira que Camões, inspirado pelo genuino espirito do Meio-dia, fulmina o movimento religioso do Norte. Se porém as suas palavras são desapiedadas contra os que se insurgem contra o *successor de Pedro,* a sua cólera se manifesta de egual modo contra a Italia que seguia a Renascença, rebelde a dar o braço ao movimento tridentino (Est. VIII):

Pois que direi d'aquelles que em delicias
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastão as vidas, logrão as divicias,
Esquecidos do seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Comtigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

Qual é pois a empreza verdadeira, o grande trabalho commettido á christandade, e cujo abandono obriga o poeta a fulminal-a? É a conquista de Jerusalem, é o pensamento do Tasso, é a grande obra proposta pelo novo mysticismo nascido de Trento e que pretendia fazer voltar o mundo dois seculos atraz.

Se o poeta fulminou a Allemanha e a Inglaterra como protestantes, a Italia *em vicios mil submersa,* a vez de Portugal, da sua terra, da propria empreza que canta, vae chegar (Est. XI):

> Se cobiça de grandes senhorios
> Vos faz ir conquistar terras alheias,
> Não vêdes que Pactolo e Hermo rios
> Ambos volvem auriferas areias?
> Em Lydia, Assyria, lavrão de ouro os fios;
> Africa esconde em si luzentes veias;
> Mova-vos já se quer riqueza tanta,
> Pois mover-vos não pode a Casa Santa.

Esta é a accusação manifesta, ainda que indirecta: porque ides á India? a Africa encerra outras tantas riquezas, e além de todas estas ha no mundo uma que é thesouro unico em todo o universo — Jerusalem, os santos logares, o sepulchro santo! Eis-ahi o ideal que á Hespanha como á Italia, Camões e o Tasso propunham, tentando afastal-as do espirito da Renascença, manifestado na primeira pelo naturalismo artistico, na segunda pelo genio aventureiro, humano, descobridor. Mas a empreza era tão falsa, tão superficial, era tanto um pensamento momentaneo, exterior e politico, que o Tasso, prégando as Cruzadas, é naturalista e é artista como toda a Italia; que o nosso épico, apontando para Jerusalem, faz a apotheose do movimento que leva para outro lado a nação portugueza. O Tasso quer ser mystico e é sensual, quer fazer volver o christianismo ás suas austeridades primitivas e entrega-se todo aos extasis da belleza visivel: sob o seu christianismo encontra-se sempre a alma do paganismo: o seu Deus partilha-se entre o Logos de Platão e o Jupiter do Monte

Ida. (1) Fôra o primeiro que na Italia trouxera para a lingua vulgar o verbo tridentino; esta sua tarefa anti-protestante é um *parti-pris* com o qual elle imagina vencer o fundo de raça, o fundo da Renascença que transparece a todos os momentos. Desesperado, louco pela impotencia que encontrava na penna, escreve a segunda *Jerusalem;* refina, subtilisa a primeira, imaginando approximar-se assim da idêa christã, porém o tempo do Dante já passou e, em vez da cidade de Deos, elle consegue sómente descobrir, descrever a cidade ideal de Platão. Este movimento religioso abraçado por Camões, não constitue porém n'elle o caracter predominante como no Tasso; é comtudo, verificando a sua historia no poeta italiano, que podemos estudar esta face do portuguez que lhe segue as pisadas.

Vimos pois qual era o movimento politico, exterior, que se dava na sociedade catholica, vimos como Camões o abraça, o defende; mas tambem vimos como, filho verdadeiro da Renascença, sob esse exterior voluntario, quasi forçado, transparece o que é fundamental, fixo, profundo — o sentimento da natureza, a idealisação d'ella.

Já vimos como é que, partindo da primeira epocha da Renascença, a epocha que póde denominar-se instinctiva, se deram os phenomenos que produziram, dentro da sociedade organisada, a reacção. Examinámos esta ultima na Egreja, vêl-a-hemos agora na politica. O movimento é o mesmo e correlativo. A Egreja de Trento é a cidade de Machiavel: a auctoridade. Religiosa ou politica, é uma e a mesma. Na primeira chama-se a lei escripta, o dogma, a doutrina; na segunda chama-se a

(1) Vid. Quinet, *Rev. d'Italie* — Tasse.

força, a astucia. Na primeira condemna-se a liberdade moral, na segunda a liberdade material; na primeira a mente não pensa, na segunda o braço não move. Uma como a outra conduziam ao atrophiamento completo do Meio-dia, se o Meio-dia não tivesse guardado, não obstante ambas, o seu espirito fundamental e eterno.

Se Camões quebra lanças pela Egreja de Trento, a sua sociedade é machiavelica. O povo é (C. II, Est. LXXIX):

> ......... o soberbo povo duro

que é mister refrear; é *ignaro* e *ingrato* (Ep. I). E o rei, o *tyranno,* segundo o pensamento do celebre secretario florentino, é o mesmo que se apresenta a Camões, absoluto (C. VIII, Est. LXXII):

> ...aquillo que os Reis já tem mandado
> Não pode ser por outrem derogado.

É *Senhor supremo* de seus subditos (C. I, Est. X). Deve ser *temido* e amado (C. X, Est. CXLIV). Os vassallos são os membros de uma cabeça que é elle (C. II, Est. LXXXIV):

> ...porque he de vassallos o exercicio
> Que os membros tem regidos da cabeça.

Eis-ahi a politica concisa e clara que corresponde ao concilio de Trento. É a camoniana. Porém atraz e além da religião tridentina encontramos outra alma: não succederá que atraz da cidade machiavelica encon-

tremos outra mais humanamente verdadeira? Com effeito, encontramos; porque poucas palavras servem a refutar o manto de auctoridade que a reacção deitava aos hombros do poeta. É a historia nacional quem descobre a Camões que o rei não póde ser senhor supremo, temido, porque em Portugal (C. III, Est. XCIII):

> ...o reino, de altivo e costumado
> A senhores em tudo soberanos,
> A rei não obedece nem consente
> Que não fôr mais que todos excellente.

E se o rei para sel-o é mister possuir a suprema excellencia, cumpre que não se embriague com o throno, que não (C. VIII, Est. LIV):

> ...se enleve n'um pobre e humilde manto
> Onde a ambição acaso ande encuberta.

N'um pobre e humilde manto: só a consciencia, a grandeza interior, são verdadeiramente dignas. É esta affirmação da soberania, não pela força, pela astucia, segundo Machiavel, mas pela justiça, pela dignidade, pela honra, segundo Erasmo, Bodin, Saavedra e todos os monarchistas racionalistas, que caracterisa o movimento fructifero da sociedade politica. É por ella que a sociedade franceza se fórma e constitue; é por se ter affastado d'ella, abraçando a monarchia da força, da astucia, que a Hespanha e Italia encontram como throno o sepulchro.

Eis-ahi como se determina o segundo periodo da Renascença, a reacção: vimos como Camões o reproduz: vamos examinar em seguida como existe n'elle

por debaixo d'este exterior de morte, uma camada interior de vida, da vida propria do mundo meridional. Quando a obra louca de fazer volver o mundo atraz houver esfriado, então, como de sob as crustas, que os gêlos do inverno seccaram, nos galhos das arvores rebentam os pimpolhos viçosos, assim debaixo das lages que cobrem os sepulchros do Meio-dia, Italia, Hespanha, resurgirão os cadaveres, rebentarão os botões ao sol d'uma primavera eterna.

## III

Do movimento moral anteriormente estudado vimos como os symptomas da revolução da consciencia collectiva da Europa, determinados principalmente pelo idealismo platonico, geram um estado de confusão e incoherencia, d'onde o Norte sáe pelo mysticismo espiritualista (de Luthero e Melanchton aos anabaptistas), o Sul pelo mysticismo naturalista (do concilio de Trento até aos jesuitas): o Norte pela liberdade, o Sul pela auctoridade. D'este movimento religioso sáem as philosophias que, pondo de parte o elemento de exaltação mystica, são espiritualistas em toda a corrente que leva até Kant, são naturalistas em toda a corrente que leva até aos encyclopedistas francezes. Se os encyclopedistas não são já auctoritarios como Hobbes ou como Machiavel, é mister não confundir a liberdade que concebem,

com a liberdade creada pela religião e pela philosophia d'além Rheno. A philosophia franceza do seculo XVIII é liberal, politica, e, socialmente, o animal-homem é senhor dos seus actos; porém a liberdade moral, o livre arbitrio, a autonomia da consciencia, era isso o que ella não admittia como descendente genuino do movimento que produziu Trento; era isso o que a philosophia allemã affirmava como successora da revolução lutherana. Este movimento simultaneo, determinado pelas reformações religiosas e pelas philosophias que emanavam d'ellas, desvia, durante tres seculos, a Europa do caminho definitivo que lhe fôra aberto na primeira epocha da Renascença: o pantheismo idealista do primeiro periodo da vida de Miguel Angelo sómente resurge na Italia com Vico, na França com Diderot, na Allemanha com Hegel; e Goëthe, escrevendo o *Fausto,* marca-lhe o logar definitivo e final, o laço de união e comprehensão reciproca, pelo qual nós, filhos d'uma mesma mãe, a India, germanos ou latinos, tornamos ao seio commum d'onde nascêramos.

Desappareceu porém de todo, sob as revoluções da religião, da politica, o espirito creador em que tinham sido embalados todos os homens da Renascença? Atraz das vestes lutherana ou tridentina, machiavelica ou communal, não existirá nos espiritos superiores o veio abscondito e explendido que constitue o fundo exacto do seu caracter? O Meio-dia, esmagado por uma reacção ferina e esteril, morre ás mãos d'ella, ou conserva sufficiente calor vital para o reanimar na hora da resurreição? É a esta questão que o estudo do espirito camoniano nos vae responder. Elle nos responderá que

sim: que não obstante a politica, de mãos dadas com a Egreja e com as academias, terem tentado matar o espirito forte, transcendente e imaginoso do povo meridional, elle conserva sob o aspecto exterior cadaverico uma centelha de vida que se tornará incendio; elle nos mostrará como pelo desenvolvimento do idealismo naturalista o Meio-dia tem de chegar a produzir Vico, da mesma fórma que pelo desenvolvimento do espiritualismo methaphysico o Norte chegará a produzir Hegel; elle nos apresentará Camões em Portugal conservando sob as roupagens reaccionarias o espirito fertil do Meio-dia, a comprehensão do Todo por meio da natureza, conservando sob as vestes auctoritarias, machiavelicas, a idêa da justiça, mantendo sob os ouropeis eruditos e academicos o espirito que anima Shakespeare em Inglaterra, o espirito da Renascença, a infusão dentro do naturalismo antigo do ideal transcendente descoberto pela Edade media.

É esta comprehensão do Todo por meio da natureza, que constitue o caracter do genio meridional, da mesma fórma que a sua comprehensão por meio do espirito constitue o do germanico; é isto que vamos encontrar em Camões. Quem é Deus (El. XI)?

> Hum saber infinito incomprehensibil;
> Huma verdade que nas cousas anda,
> Que mora no visibil e invisibil.
> Esta potencia emfim que tudo manda,
> Esta causa das causas.......

Eis-ahi a profissão de fé camoniana, segundo se conserva nas suas poesias intimas. O épico, o inter-

prete de uma sociedade inteira, falla de outro modo? Não. O remate da sua obra (falla de Thetys ao Gama, C. x), o momento em que resume, define e expõe todos os seus pensamentos, diz (Est. LXXX):

> Vê aqui a grande machina do mundo
> Etherea e elemental, que fabricada
> Assi foi do saber alto e profundo,
> Que he sem principio e meta limitada:
> Quem cerca em derredor este rotundo
> Globo e sua superficie tão limitada
> He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende;
> Que a tanto o engenho humano não se estende.

É assim que Camões encontra Deos no mundo, no *rotundo globo,* emquanto Luthero o encontrava nas hallucinações phantasticas do seu espirito. É esta divinisação do mundo material que lhe dá o fundo explendido, pantheista, da sua obra; é porque, se Deos está no *rotundo globo,* reside tambem no *saber infinito incomprehensibil,* que o pantheismo camoniano é idealista; é d'esta combinação fecundissima, d'este estado perfeitamente luminoso do seu espirito, que elle retira as joias com que fórma a sua corôa de immarcessivel gloria.

A natureza transubstancia-se, vive de uma vida interior e animada sob a penna do poeta; quando Affonso Henriques morreu (C. III, Est. LXXXIV):

> Os altos promontorios o chorárão,
> E dos rios as agoas saudosas
> Os semeados campos alagárão
> Com lagrimas correndo piedosas.

Quando Venus corre a preparar o premio aos portuguezes, a *ilha dos amores* (C. IX, Est. XXIV):

Em derredor da deosa já partida
No ar lascivos beijos se vão dando:
Ella por onde passa o ar e o vento
Sereno faz com brando movimento.

Assimilando a si as metamorphoses do naturalismo antigo, influe-lhes novo espirito, anima-as com uma alma nova; é o que póde verificar-se na historia de Adamastor; é elle proprio quem a conta (C. v, Est. LV e seg.):

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetys unica, despida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
D'este corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte
De aspero mato e de espessura brava:
Estando c'hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo
E junto d'hum penedo outro penedo.

A natureza morta que se anima, dá o braço á vida animal espiritualisada, fundem-se uma com a outra, reciprocamente se entendem, se comprehendem, são uma e a mesma cousa, um todo, *o todo;* na tempestade quando (C. vi, Est. LXXVI):

Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a machina do mundo,

é então que (Est. LXXVII):

> As Halcyoneas aves triste canto,
> Junto da costa brava levantarão,
> Lembrando-se de seu passado pranto,
> Que as furiosas agoas lhes causarão.
> Os delphins namorados entretanto
> Lá nas covas maritimas entrarão
> Fugindo á tempestade e ventos duros
> Que nem no fundo os deixa estar seguros.

E quando se allude ao naufragio de Sepulveda, desastre legendario das emprezas maritimas portuguezas, que, pelas circumstancias em que se deu, feriu a imaginação popular, Camões torna as pedras companheiras no chorar pelos desgraçados (C. V, Est. XLVIII):

> ... depois que as pedras abrandarem
> Com lagrimas de dor, de magoa pura,
> Abraçados as almas soltarão
> Da formosa e miserrima prisão.

Quando a natureza não tiver mais lagrimas para chorar sobre aquella parte integrante de si mesmo, sobre os dois amantes, elles soltarão as almas da *formosa e miserrima prisão,* do corpo bello e fraco: repare-se sobre o modo por que se qualifica o corpo, bello, fraco, miserrimo, e aqui se encontrará a prova da alma pantheista, da imaginação idealista que viviam em Camões.

Se a natureza é Deos: qual será o pagamento condigno dos trabalhos dos navegantes senão a posse d'essa natureza que em si tudo resume? Eis-ahi a serie de observações pelas quaes se define o episodio da ilha de Venus, pelas quaes essa ultima palavra do poema o co-

rôa logica e esplendidamente. Os portuguezes trabalharam, luctaram, soffreram mil privações, sem numero de perigos: foram a empreza e o poema effectuados dois seculos atraz, a morte coroaria a obra e com a morte a posse do paraiso phantastico, dantesco; na Renascença é a vida plena, o exercicio e o gôso, o amor sensual e todos os outros deleites dos sentidos, que o constituem para os homens luctadores, trabalhadores, não com o delirio mórbido da imaginação, mas com o exercicio forte e são da vontade, da razão, dos membros. Esta é a definição, a philosophia da creação poetica: se o objecto, a *ilha,* appareceu á imaginação camoniana em virtude de qualquer veio celtico que andasse envolvido no genio portuguez, é isso, parece-me, questão subtil de mais: pois que uma vez que o proprio facto era uma navegação, comprehende-se que, fóra de outra razão qualquer, o premio fosse encontrado em uma ilha, tanto mais que a critica parece ter provado não ser a ilha dos amores completamente um fructo da imaginação, mas sim a idealisação de uma verdadeira ilha, a de Zanzibar, onde o Gama na volta da India aportára. Conheçamos porém essa ilha, porque dos traços bellissimos com que se descreve, veremos accentuar-se o caracter que démos como fundamental no genio camoniano, o pantheismo idealista (C. IX, Est. LIV e seg.):

Tres formosos outeiros se mostravão
Erguidos com soberba graciosa;
Que de gramineo esmalte se adornavão
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes e limpidas manavão
Do cume que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa limpha fugitiva.

N'um valle ameno que os outeiros fende,
Vinhão as claras agoas ajuntar-se
Onde huma meza fazem que se estende
Tão bella quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao céo subindo,
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fruito lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão que está cahindo
A cidreira com os pesos amarellos:
Os formosos limões alli cheirando
Estão virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes que os outeiros
Tem com frondente coma enobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos;
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he posto o ethereo paraiso.

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produzio differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras que o nome tem de amores;
O pomo que da patria Persia veio
Melhor tornado no terreno alheio.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, c'huns cachos roxos outros verdes.
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregae-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

Pois a tapessaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobo-lo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu deosa Paphia inda suspiras.

Para julgar difficil cousa fôra,
No céo vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores côr a bella aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephiro e Flora
As violas da côr dos amadores;
O lyrio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vem-se as lettras nas flores Hyacintinas
Tam queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Chloris com Pomona,
Pois se as aves no ar cantando voão
Alegres animaes o chão povoão.

Ao longo da agoa o niveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo a philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella.
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata ou timida gazella:
Ali no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

Eis-ahi o paraiso camoniano; as arvores, as flores, as aguas por si só vivem e a sua vida mistura-se com a dos animaes: o homem não appareceu ainda, entretanto não faz falta; sem elle a creação é em si completa: ha um sopro de vida que anima tudo. Retire-se o grupo

humano do paraiso de Milton e ficará mudo; tudo ali vive á voz do homem; é uma creação interior, phantastica. A *ilha dos amores* é uma verdade da natureza: no seio d'aquelle quadro, o homem; o espirito não é o creador, é o creado, como o são as arvores e as aguas e os animaes. Entretanto será absorvido no grande seio da natureza-mãe, como as arvores, as aguas, as flôres, os animaes? Não; porque o pantheismo camoniano é idealista, porque é fertil, fecundo; não funde o homem com a natureza inanimada, porque dentro do homem existe uma força — a consciencia. Se Camões não cáe com os espiritualistas germanicos no exaggero de tornar esta força interior, livre e creadora, comprehende porém o que ella vale, a quanto monta, como illumina o proprio animal onde reside e com esse clarão empresta luz a todo o meio, dentro do qual está. Quando dentro da ilha apparece o homem não se dá uma revolução; o meio, a natureza, não se transforma; as nymphas sáem das aguas, logica, espontaneamente, como uma flôr sáe do botão, como da flôr sáe o fructo. É verdade que ellas não são ainda completamente humanas; são creações phantasticas, termo medio entre a natureza humana e a animal. O homem apparece na pessoa dos navegadores: mas como elles se encontram em paiz amigo, como completam e illuminam o quadro onde tão naturalmente entram! (C. IX, Est. LXIV e seg.):

> N'esta frescura tal desembarcavão
> Já das naos os segundos argonautas,
> Onde pela floresta se deixavão
> Andar as bellas deosas, como incautas.
> Algumas doces citharas tocavão,
> Algumas harpas e sonoras frautas,
> Outras co'os arcos de ouro se fingião
> Seguir os animaes que não seguião.

Assi lho aconselhara a mestra experta
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que vista dos Barões a preza incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
Do bello corpo estavão confiadas,
Posta a artificiosa formosura
Nuas lavar se deixão na agua pura.

Mas os fortes mancebos que na praia
Punhão os pés, de terra cubiçosos;
Que não ha nenhum d'elles que não saia,
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidão que sem laço ou redes caia
Caça n'aquelles montes deleitosos
Tam suave, domestica, e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

Alguns, que em espingardas e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavão,
Pelos sombrios matos e florestas,
Determinadamente se lançavão:
Outros nas sombras que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavão
Ao longo d'agua que suave e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

Começão de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias cores;
Cores, de quem a vista julga e sente,
Que não erão das rosas, ou das flores,
Mas da lan fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

Depois de um grito de espanto de Velloso, os companheiros

......... veloces mais que gamos
Se lanção a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixão ir dos galgos alcançando.

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e d'outra as fraldas delicadas;
Accende-se o desejo que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de industria cae, e já releva
Com mostras mais macias que indignadas
Que sobre ella, empecendo, tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

Então segue a bacchanal onde o sensualismo da Renascença, identificado no genio camoniano, funde pantheisticamente a natureza animada com a inanimada, os homens com as arvores, as flôres, as aguas, as nymphas, n'um delirio de amor, de comprehensão e unidade completa, d'onde sáe, pela vida dos sentidos, o côro harmonioso da vida universal e una!

Mas o espirito camoniano não pára aqui. Se o homem é um ser passivo que desapparece no grande seio do natureza-mãe, existe porém dentro d'elle uma força unica, á luz da qual a propria natureza se transforma; se o naturalismo da Antiguidade creava o Camões pantheista, a evolução espiritual da Edade media formava o Camões idealista, e, abraçando estas duas correntes, fundindo e comprehendendo em si estes dois elementos, é que os *Lusiadas* são o poema da Renascença, a primeira palavra do hymno da consciencia moderna, entoado a plena voz no *Fausto*.

A *ilha dos amores,* se apresenta a primeira face, não esconde a segunda, porque (C. IX, Est. LXXXIX):

.....as nymphas do oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não he que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites d'esta ilha;

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso...

Esta é a transfiguração da *ilha dos amores,* o *caminho da virtude alto e fragoso;* é a interpretação idealista da Antiguidade pela Renascença, por Camões: o gôso é a victoria, o premio; a vida é o fim, não a morte; porém o gôso chama-se virtude, a vida chama-se justiça: a *justitia Dei,* palavra que soava como trovões, diz Luthero, na minha consciencia!

Conhecemos, parece-me, a physionomia de Camões como homem da Renascença, da Renascença meridional, e determinámos os caracteres que o distinguem do genio do Norte, realisado n'este mesmo movimento.

Emquanto na Italia, na França, na Hespanha, no mundo latino, a Renascença determina a concepção do todo por via da natureza, da materia; na Allemanha, na Inglaterra, no mundo germanico, ella determina concepção analoga pelo espirito, pela força. D'estes dois movimentos moraes correlativos ficaram, como columnas de Hercules, entre as quaes passa o mundo moderno, duas creações gigantescas, o Sátan de Milton, o Adamastor de Camões. Transcrevamos o retrato do ultimo (C. v, Est. XXXIX e seg.):

....................huma figura
Se nos mostra no ar robusta e valida;
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida;
Os olhos encovados e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pallida;
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tam grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sette milagres foi do mundo.
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos só de ouvi-lo e ve-lo.

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha que guardo, e tenho
Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E não se acabará só nisto o damno
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que o meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

O que se segue é privadamente portuguez: é a prophecia dos naufragios dos futuros navegadores. Esta figura do Adamastor, o cabo da Boa-Esperança, sendo como é a creação maior e mais caracteristica do genio de Camões, é, como dissemos, com o Sátan de Milton, uma das duas columnas de Hercules em que assenta a civilisação moderna. Emquanto um significa a lucta com o inimigo moral: a graça, a predestinação, a illuminação phantastica e mórbida da Edade media, que tem de ser vencida pela justiça, pela razão,—o outro determina a lucta com o inimigo material: a força bruta, a fatalidade, a incomprehensão da vida abscondita da natureza inanimada, que tem de ser vencida, isto é, comprehendida pela consciencia do homem, feita perseverança, audacia e sciencia.

## CAPITULO QUINTO

# A NAÇÃO PORTUGUEZA

Da mesma fórma que o poeta quinhentista esquecia o Paraiso pelo Olympo, Deos pelos homens, os anjos pelas nymphas, coroava Sátan de pampanos, fazia-o empunhar o thyrso das bacchantes e lhe mudava o rosto phantasticamente feroz, assentando-lhe a mascara avinhada e carnal do satyro; da mesma fórma o historiador esquecia Rolando por Ajax, Roncesvalles por Troya, Carlos Magno por Alexandre, e, transformado o scenario moral que o educára, em vez de olhar para o Norte olhava para o Meio-dia, em vez de repudiar Roma, não obstante o saqueal-a, fazia-lhe a apotheose, vivia da sua tradição, inspirava-se com o seu espirito, animava-se com a sua alma, e, despindo a cotta de malha, largando o *frankisk,* vestia a toga romana, armava-se com o escudo e a lança da Pallas antiga, e emphaticamente dizia: *civus romanus sum.*

Portugal é, pois, segundo Camões, segundo os quinhentistas, uma nova Roma; os seus heroes são romanos, as grandes acções repetem-se; a historia deixou de ser original, copia-se; o filho reproduz todos os caracteres, todas as tendencias da mãe. Não se encontrará, porém, no fundo d'esta representação exacta do espirito contemporaneo, mais cousa alguma no genio camoniano? Não lhe dará a imaginação um veio profundo e rico que o distinga e o eleve acima dos copistas servís, que através do véo denso da preoccupação antiga lhe deixe vêr o exacto, o real, antigo como moderno? Que esse veio existia, provou-nol-o a philosophia do poema, da mesma fórma que nol-o vae provar a historia encontrada n'elle.

D'essa historia nasce um sentimento que é um phenomeno moral da sociedade contemporanea — a religião do patriotismo. Sentimento tambem antigo, religião tambem virgiliana, encontraremos aqui o que verificamos na philosophia: as mesmas causas produzindo effeitos eguaes, a mesma preoccupação realisando egualmente o *pastiche* litterario. Portugal repetia Roma, porque, como ella, não era uma nacionalidade etnographica nem geographica, mas sim politica: não vivia pela unidade de raça nem pela conformação do solo, mas sim pela união de sentimentos; não era uma nacionalidade natural, mas sim moral, e por isso as suas fronteiras como as suas tradições, todos os seus elementos de cohesão se encontravam resumidos n'um só sentimento, n'uma só palavra, o Deos de Virgilio como o Deos de Camões, o evangelho de Roma como o evangelho de Portugal, a rasão de ser da existencia nacional que, apagado o verbo, expira — o patriotismo.

# I

A preoccupação *romana* que nos *Lusiadas* como em todas as creações dos quinhentistas apparece, é o phenomeno que vamos estudar. Gil Vicente, o poeta popular, o ultimo e brilhante exemplo da litteratura medieval, que cedia o passo aos homens da Renascença, a Camões, a Sá de Miranda, Gil Vicente affirma com os romancistas o mesmo pensamento. É nas *Côrtes de Jupiter* que Marte diz:

> E mais eu tenho cuidado
> D'este reino lusitano,
> Deos me tem dito e mandado
> Que lh'o tenha bem guardado
> Porque o quer fazer romano.

Nos *Lusiadas* esta idêa é fundamental e apparece

a cada instante. Logo no canto I, Venus, respondendo a Baccho, era (Est. XXXIII):

Affeiçoada á gente lusitana
Por quantas qualidades via n'ella
Da antigua tam amada sua romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostrárão na terra Tingitana,
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he latina.

Mais tarde, o Thyoneo (C. VI, Est. VI):

Arde, morre, blasphema e desatina,

porque (Est. VII):

Via estar todo o ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma.

E ainda Venus, encarecendo ao filho os trabalhos dos portuguezes, lhe diz (C. IX, Est. XXXVI):

E porque tanto imitão as antigas
Obras de meus romanos...

Esta preoccupação romana, creada pelo movimento da Renascença e que se desmanda da mesma fórma que a renovação philosophica e litteraria, é, porém, como estas, uma volta fecunda e fertil á verdade da natureza, á verdade da historia. Portugal, com effeito, não era uma nova Roma, porque a historia não se repete; mas Portugal, que nascêra da civilisação romana, reproduzia dentro da nova atmosphera, creada pela ci-

vilisação, a indole, o genio dos antigos dominadores do mundo. Diz Guizot, o creador da historia da Edade media européa, que ao sopro da civilisação, da moral, da administração romanas, desappareceram as organisações informes que na Italia, como na Gallia, como na Hespanha preexistiam. Roma apresenta-se-nos, não como uma creação natural e espontanea, uma raça, adquirindo, do meio onde nasce, os seus caracteres, mas sim como uma creação moral e reflectida, que dentro de si e pela sua superioridade absorve e molda todos os povos espalhados na passagem conquistadora das suas legiões. O caracter romano, imposto assim a todo o Meio-dia da Europa, reapparece em todo elle logo que serena a tempestade produzida pela introducção de elementos alheios. Então, onde a civilisação romana encontrára já um como que rudimento de sociedade organisada, onde, depois da sua queda, o barbaro assentou arraiaes e se fixou, onde a conquista germanica o foi na plena accepção da palavra; ahi, ao lado da formação *civilisada,* apparece o fundo anterior de raça, o sedimento posterior da invasão: é este o phenomeno que se dá na França, onde a civilisação romana não é bastante forte para abafar o espirito gaulez redivivo em Rabelais, onde a immigração germanica tem a energia bastante para fixar caracteres, produzir individualidades; e onde, a par d'estes dois elementos, o veio romano se conserva por fórma que chega a produzir a côrte de Luiz XIV. — Porém, onde a civilisação romana pela sua força de localisação, de foco e permanencia, consegue, pelo poder de absorpção, fundir em si, formar-se, de todos os elementos que encontra em volta, ahi desapparece completamente todo e qualquer cara-

cter anterior, ahi o *barbaro* destruidor do imperio é arrastado, é convertido pela força que ainda têm as ruinas, e, sem voz anterior, sem posterior renovação, a Italia apresenta o aspecto permanente do imperio caído, d'uma civilisação morta. — Caso differente é o da Hespanha, a terceira provincia do mundo latino; ahi os vestigios anteriores ao periodo romano póde dizer-se que desappareceram sob elle; os romanos encontraram, não, como na Gallia, um rudimento de sociedade constituida, mas sim especies de tribus, apenas saídas do estado selvagem, a quem educaram, a quem deram instituições, lingua, religião: por isso é a Hespanha quem, depois da Italia, apresenta um typo mais completo da sociedade romana: tão completo, que nas manifestações superiores da civilisação, nas lettras, na politica, os hespanhoes produzem muitos dos caracteres genuinamente romanos, Trajano, Adriano e Theodosio, entre os imperadores; Seneca, Lucano, Marcial, Quintiliano, Silio Italico, Pomponio Mela, Columella, entre os poetas, os philosophos, os sabios. Com a queda do imperio, o phenomeno social que se deu na Peninsula, é em muitos pontos analogo ao que succedeu na Italia, completamente differente do que aconteceu em França. Ahi a conquista estabeleceu duas sociedades oppostas, inimigas; na Hespanha, os godos vem, em nome do imperio, varrer as hordas de alânos suevos que a invadiram. Os frankos, os longobardos, têm leis suas; os romanos que conquistaram, possuem outras; na Hespanha, os godos adoptam para si a legislação dos vencidos. O clero hespanhol mantem a organisação municipal, e o christianismo e o municipalismo, as duas creações definitivas do mundo romano, abraçados pelos

godos, provam a sua romanisação; e quando, pela liberdade de casamento entre vencedores e vencidos, a sociedade se apresenta completamente unificada, a obra social do clero christão terminou: vencer os vencedores. A invasão arabe determina depois á Hespanha uma vida differente da da sua irmã, a Italia, e este facto é a sua salvação, a sua revivificação: ao choque d'uma força estranha os elementos sociaes reacordam e, d'um mundo que parecia acabado, surge uma nação moderna. A Hespanha de Leão, de Aragão, de Castella, de Portugal, forçosamente tem de acompanhar o mundo moderno na sua vida moral e politica. É por isso que os governos copiam as creações da Europa feudal, que os artistas repetem os *gesta* dos modernos heroes, os milagres dos *santos* christãos. Mas que a Hespanha se não germanisou, tudo o prova; que os arabes não passaram em vão, dizem-n'o a poesia, a lingua, a architectura; que o fundo romano da nação se conservára através essas successivas revoluções, dizem-n'o as instituições municipaes, dil-o a lingua, dil-o sobre tudo a poesia, porque a Hespanha que fôra esteril em todo o periodo germanico, que se limitára a reproduzir, a repetir as creações dos bardos e dos mennesingers, acorda, recobra a voz, respira, solta o canto, quando o genio da poesia antiga reapparece na Europa.

Da lingua e da poesia provençal, diz Fauriel, que a primeira é uma ressurreição do latim, que a segunda é uma depuração e modificação cavalheiresca de certos generos populares de poesia antiga, cujo motivo e idêa a tradição conservára.—É d'esta ressurreição antiga que a Hespanha se inspira, é d'ella que nascem as suas litteraturas, é então que ella volta a possuir uma vida

original e propria, ella que até alli mais não podéra do que repetir as canções filhas d'um genio alheio ao seu. Com os *cancioneiros* nasce a litteratura portugueza, porque já então Portugal formava politicamente um corpo isolado dos outros grupos nacionaes da Hespanha; e é esta corrente, que vem da Antiguidade pelo provençalismo, quem produz a esplendida constellação d'uma litteratura nacional nos quinhentistas; é a corrente que vem de Virgilio e recebe a Petrarcha em seu seio que produz o capitel esplendido d'esta columna de grandes homens — Camões. É a mesma corrente, agora não litteraria, que produz o genio perfeitamente antigo, os caracteres romanos do seculo XVI em Portugal. Eis-ahi como é que nos *Lusiadas* a preoccupação romana é mais alguma cousa do que um *pastiche* litterario, é a manifestação de um sentimento acordado pela verdade da historia. Com effeito, Camões é, mais do que nenhum outro dos seus contemporaneos, *provençal*, isto é, sente a Antiguidade (1), a natureza, illuminada, espiritualisada pelas conquistas do genio germanico durante a Edade media; reune em si Virgilio e Petrarcha (Canção V):

De amor escrevo, de amor trato e vivo.

(1) Vem aqui a proposito dizer algumas palavras sobre a doutrina apresentada pelo moderno historiador da litteratura portugueza o snr. Theophilo Braga, sobre o seu *systema* (vid. *Introducção á Historia da Litteratura Portugueza).* A theoria sobre que assenta a sua historia e cujo nascimento eu tive occasião de observar, estudar e refutar (vid. *Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez,* folheto, Porto, 1869), consiste em considerar o facto social que se deu na Peninsula e é conhecido pelo *mosarabismo* como um facto ethnographico, como a creação de uma nova raça que teria sido formada de um lado com o elemento arabe, do outro com os servos godos (o godo *lige,* segundo diz); estabelecendo portanto como philosophia da historia posterior a lucta entre o *mosarabe* fecundo, original e bom, o m[illegible] anjo, de um lado,

Porém da mesma fórma que a Renascença lhe dá um Olympo litterario frio e absurdo, dá-lhe uma historia portugueza até certo ponto falseada, litteraria, e muda. A historia antiga, os grandes vultos da Grecia, de Roma, atordoam-lhe a cabeça, e se, como já disse, o typo do Gama é uma cópia do Eneas virgiliano, tão fraca em geral que lhe dá este verso (C. I, Est. XCVI):

O capitão que não *cahia em nada*,

Camões, que em geral não é muito fertil em qualidades dramaticas, na creação de caracteres, percorre a galeria dos reis de Portugal e de todos elles não sobresáe, não vive senão um vulto — o guerreiro.

O primeiro d'elles, o maior, que domina a serie in-

e do outro o aristocrata godo romanisado, esteril e máo, o autocrata demonio. O provençalismo primeiro, depois a serie de phenomenos conhecidos e avaliados que levam á cova a litteratura como a nação portuguezas, são a obra do aristocrata romanisado, o martyrio do pobre mosarabe.

Este systema é, como o proprio auctor diz, a implantação, entre nós, da critica litteraria do romantismo, do systema schlegeliano, pelo qual a renovação litteraria d'este seculo é considerada como o acordar das nacionalidades, abafadas pela restauração antiga iniciada no seculo XIV. Este systema, exacto para os povos de origem germanica, é inacceitavel para a Europa latina. O romantismo que creou litteraria e politicamente a Allemanha, não deu ás nações neo-latinas mais do que uma litteratura ephemera e mórbida, uma philosophia inconsistente e absurda, e uma politica de que são representantes a monarchia constitucional, a Republica de 1848, e o systema das nacionalidades. Para o affirmar na historia litteraria, o auctor necessitava de uma raça opprimida e transformou n'ella um phenomeno social. É assim que os *Lusiadas* são para elle um *milagre* (*Introducção á Hist. da Litt. Port.*), e que o ponto culminante da sua historia é Gil Vicente. Dentro do systema romantico, Camões não se explica na litteratura portugueza, porque a fria imitação classica nunca seria capaz de o produzir: é por isso um *milagre;* Gil Vicente, ao contrario, que é o ultimo representante do periodo germanico, do espirito medieval, é considerado, é claro, a expressão genuina do caracter portuguez. Onde nos dará elle Castro, Albuquerque ou Pacheco?

A nascença d'esta theoria, que, como disse, eu tive occasião de estudar já,

*

teira, é o conquistador Affonso Henriques, de quem as façanhas inspiram a sua tuba guerreira, de quem a morte lhe proporciona um cantico esplendido. Sancho I, que tem uma physionomia sua, de quem as emprezas da paz, a colonisação, a formação do povo, são o melhor titulo de gloria, é tão sómente um guerreiro, outro guerreiro sombra do primeiro, do *heroe*. Encarando Affonso II é o mesmo typo que se encontra, e o rei avarento de poder e de dinheiro, aquelle que levantou o pendão contra o fidalgo, contra o clerigo, esconde-se completamente na sombra. A quéda de Sancho II é attribuida ao povo que (C. III, Est. XCIII):

> A rei não obedece nem consente
> Que não fôr mais que todos excellente

parece que se fixou e determinou na mente do auctor por analogia supposta com o movimento perfeitamente dualista da sociedade e das lettras inglezas, movimento tão proeminentemente estudado por Taine. Entretanto, a propria Inglaterra nos dará a refutação do systema mosarabico do snr. Theophilo Braga. A occupação ingleza da Irlanda é em muitos pontos analoga á occupação arabe da Peninsula; vive até certo ponto da tolerancia, aquenta-se principalmente pela superioridade da civilisação ingleza; poderá alguem esperar um facto ethnographico, produzindo concepções transcendentes, novas, d'este phenomeno social? Creio que não. Poderá alguem negar que elle é porém um elemento indispensavel para avaliar o movimento economico e moral da Irlanda? que nas creações do povo irlandez a influencia ingleza terá actuado proeminentemente? Creio tambem que não. Diz o snr. Theophilo Braga que os mosarabes são uma verdadeira raça, porque apresentam uma liturgia differente, um typo especial de architectura, uma sociologia (os foraes): parece-me que não basta isto para provar a existencia de uma raça, ainda que baste e prove o que é exacto, a influencia arabe na população hispano-romano-goda.

O phenomeno analogo á saxonisação da Inglaterra é na Hespanha a sua romanisação: n'uma como n'outra parte, são essas as duas primeiras epochas que podem historicamente estudar-se. A falta de vida, a ausencia de caracter definido, que o observador encontra hoje no portuguez, não creio que seja o resultado da *cretinisação do mosarabe*, porque egual facto, isto é, o atrophiamento da nação, aconteceu no resto da Hespanha, e ninguem dirá, o castelhano, o catalão, o biscainho, typos sem colorido, como é de feito o portuguez;

e a conspiração clerical não se descobre tambem. Diniz é o *lavrador*, com effeito; assim como Pedro I o *crú*; porém D. Fernando, o (C. III, Est. CXXXVIII):

> ...... fraco rei que faz fraca a forte gente,

se não encontra para Camões a attenuante que a historia descobriu á sua desgraçada politica, acha a remissão de seus peccados no amor (C. III, Est. CXLII):

> ...... quem póde livrar-se por ventura
> Dos laços que amor arma brandamente
> Entre as rosas e a neve humana pura,
> O ouro e o alabastro transparente?

antes creio que resulta da exiguidade territorial da nação, da sua posição geographica e da sua historia.

Se o *pobre mosarabe*, o typo, a raça portugueza, se cretinisou n'este pedaço da Hespanha pela Renasnença provençal, pela Reforma dos foraes, pela Inquisição, como é que phenomeno egual se não deu no resto d'ella, sujeita a todas estas e a muitas outras e maiores revoluções?

Quanto a mim, se algum dia intentasse escrever a historia portugueza, litteraria, politica ou social, o principio que havia de presidir a esse trabalho, o que tenho como a verdadeira comprehensão d'este povo, é que elle não é uma nação natural (geographica, ethnographica), mas sim uma nação moral; não é uma creação da natureza, mas sim uma creação da consciencia. É este o pensamento que sairá d'este livro que escrevo. Portugal é como Roma. O hespanhol, o gaulez, o latino, todos eram *romanos*, porque ser romano não importa uma nacionalidade, importa sim um estado mental que abraça uma concepção commum. Se se não repete isto com os portuguezes, é porque a sua acção no mundo nunca foi tal que preponderasse á de outros povos; mas o phenomeno da falta de caracter, da aptidão de os assimilar todos, o cosmopolitismo do genio portuguez, provam, parece-me, a doutrina: nas nações que representam raças, encontramos tendencias; nas nações como a romana e a portugueza, encontramos pensamentos. A Inglaterra não é industrial, a Italia artistica, a Allemanha pensadora, em virtude d'um pensamento reflectido; ao passo que as conquistas portuguezas como romanas, Ceuta e Carthago, a affirmação das duas nacionalidades, o são.

Com o canto IV rompe a figura altiva do Mestre de Aviz, nova consubstanciação do *heroe,* typo legendario tão alheio á verdade da historia. Se ao lado de João I encontramos Nuno Alvares, não se vê alli João das Regras nem Alvaro Paes, as outras duas columnas da monarchia de Aviz. D. Duarte é tão sómente o *infeliz* e Affonso V o *rei terribil.* João II foi quem mandou os emissarios á India por terra, mas não se sabe que foi elle quem esmagou a aristocracia com o cadafalso e o punhal; e finalmente D. Manoel não é o que expulsa os judeus, é sómente aquelle a quem em sonhos o Ganges e o Indo, diante das populações do Indostão, vaticinam (C. IV, Est. LXXIV):

A quantas gentes vês porás o freio.

Camões encontra na historia portugueza tres monumentos, tres heroes e um só pensamento — a guerra.

Affonso Henriques, depois o Mestre de Aviz, depois D. Manoel. Serão porém estes heroes, estes typos, reproducções homericas? Se a narrativa que percorremos pecca diante da verdade scientifica, peccará egualmente diante da verdade épica? Pecca, porque nos quatro seculos decorridos desde o inicio da monarchia portugueza até ao tempo de Camões, a nação viveu de muitos outros sentimentos alheios á guerra, viveu principalmente do movimento economico da formação das populações livres, viveu do espirito de emancipação da tutella ecclesiastica, viveu da revolução destruidora da aristocracia, e todos estes elementos de vida, Camões ou os ignora ou os esconde, ou — o que é a verdade — des-

lumbrado pelo vulto antigo do heroe, aprecia-os em mui pouco diante do grande facto — a guerra, do grande elemento — a força. Porém nem a guerra nem a força cantadas nos *Lusiadas* são *pastiches* antigos, são ao contrario modernos, vivem: Affonso Henriques approxima-se muito mais do Rolando ou de Bayardo do que de Ulysses ou de Achilles; D. João I vive com a vida da legenda cavalheiresca e D. Manoel, o actual, o presente, é a representação do espirito de guerra aventureira.

Se nós já verificámos quanto e como o espirito de reproducção antiga é fertil, seguro e exacto, na historia, iremos vêr em seguida como Camões, dando por sobre o oceano mais uma vez o braço a Shakespeare, sabe como elle retirar da alma portugueza, viva em seu corpo, todas as vozes, d'esse instrumento todas as notas; como elle encontra os sentimentos graves que são a realisação do genio romano no Portugal do seculo XVI, mas como encontra tambem nas lendas, nos caracteres o veio profundo do genio autochthone, o producto do clima, da geographia.

Em parte alguma nós encontraremos comprehendido o genio do povo-rei, como no seu evangelho humano — a *Eneida;* é alí, é no typo de Eneas, que o genio de Virgilio soube personificar o stoicismo e a grandeza alliados a um como que scepticismo melancholico, estado espiritual de indifferença superior que resalta na phrase: *multa dies varius que labor,* experiencia e saciedade das vicissitudes da vida, elevação consciente e amiga do espirito sobre ellas. São estes os sentimentos que os *Lusiadas* dão ao Gama, não por via de imitação pensada, mas por causa da comprehensão fiel do genio portuguez; são estes os sentimentos, a dignidade alliada á

força e á tristeza, que inspiram as palavras do heroe ao rei de Melinde (C. II Est. CIV):

> Ó tu que só tiveste piedade,
> Rei benigno, da gente Lusitana,
> Que com tanta miseria e adversidade
> Dos mares experimenta a furia insana;
> Aquella alta e divina Eternidade
> Que o céo revolve e rege a gente humana,
> Pois que de ti taes obras recebemos,
> Te pague o que nós outros não podemos.

A dignidade conduz o heroe á modestia (C. III, Est. IV):

> Que outrem possa louvar esforço alheio
> Cousa he que se costuma e se deseja;
> Mas louvar os meus proprios arreceio
> Que louvor tão suspeito mal me esteja.

Tanto a réalisação d'estes sentimentos, na pessoa do Gama, não é em Camões o resultado d'uma imitação litteraria, mas sim a comprehensão do espirito que animára a Albuquerque o *terribil* e a Castro o *forte*, leva a sacrificar em Dio os filhos, a triumphar imperialmente em Gôa, que a todo o momento, sempre que o genio portuguez o inspira, lhe ensina o canto, são estes sentimentos que se manifestam; é (C. V, Est. LXXII):

> .... aquella portugueza alta excellencia
> De lealdade firme e obediencia;

é a (C. III, Est. XLI):

> ........ grão fidelidade portugueza,

exclamação que solta ao referir a lenda de Egas Moniz; é o sentimento do dever, não transcendente, mas humano, do dever, religião natural, respeito do homem por si proprio, lei suprema do immenso codigo lavrado pelo pensamento, no livro da consciencia humana. Nem o heroe, o santo, foge á sentença infallivel: violar os laços naturaes é o maior dos crimes; Camões põe de parte a historia, encontra o delicto; Affonso Henriques levantou-se em armas contra sua mãe, tem-n'a presa, por isso soffre o desastre de Badajoz, é esse o seu castigo; toda a força, toda a virtude do heroe, desapparecem, se anullam diante da (C. III, Est. LXIX):

.... maldição da mãe que estava preza.

Mas se estes caracteres do homem civilisado, do homem-consciencia, adquiridos, para os peninsulares, da educação latina, se encontram proeminentemente em Camões, o fundo autochthone, o producto natural do clima, e da historia, o homem-natureza, descobrem-se egualmente, e, da combinação dos dois, nasce a harmonia e a superioridade absoluta do espirito que estudamos. Esta segunda feição do genio camoniano era a unica de Gil Vicente; elle via tãosómente uma das faces do homem, do portuguez; representava o espirito burguez da Edade media, não concebia o espirito heroico da Renascença; a sua moral, a sua philosophia, não tem o cunho genial das dos *Lusiadas,* são unicamente o resultado das faculdades instinctivas, reunidas sob um unico aspecto: o bom-senso folgasão, o lyrismo primitivo. Camões, como se disse, abraça de mais largo o phenomeno humano, e veremos em seguida como

é que elle comprehende tão exacta, tão seguramente o genio lyrico, aventureiro, descuidado e folgasão, do portuguez de Gil Vicente, como o proprio auctor da farça de *Ignez Pereira*.

É nos typos de Velloso e de Leonardo, de D. João I, de Nunalvares, de Magriço; é nos episodios dos *doze de Inglaterra*, da *ilha dos amores*, nas lendas nacionaes, que encontraremos a prova do que se affirmou. Se em Velloso encontramos o atrevimento folgasão e descuidado, a reproducção do escudeiro da farça de *Quem tem farellos* (Gil Vicente), em Leonardo topamos com o outro polo d'esta ordem de caracteres, o Bernardim Ribeiro, o amor lyrico infelice e triste, mas não inerte, antes astucioso e sagaz; Leonardo é (C. IX, Est. LXXV):

> ......... soldado bem disposto,
> Manhoso, cavalleiro e namorado.

Quando na viagem, para matar as horas da monotonia do mar, *um* reclama que alguem contasse um *conto de alegria,* responde Leonardo (C. IV, Est. XL):

> ..................... que trazia
> Pensamentos de firme namorado:
> Que contos poderemos ter melhores,
> Para passar o tempo, que de amores?

Leonardo é quem na *ilha dos amores* (C. IX, Est. LXXVI e seguintes):

> ....................... corria
> Após Ephyre, exemplo de belleza,
> Que mais caro que as outras dar queria
> O que deu para dar-se a natureza.
> Já cansado correndo lhe dizia:
> O' formosura indigna de aspereza,
> Pois d'esta vida te concedo a palma,
> Espera um corpo de quem levas a alma.

Todas de correr cansão, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo:
Tu só de mim só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh não na creas porque eu quando a cria
Mil vezes cada hora me mentia.

Não canses que me cansas: e se queres
Fugir-me porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal, que inda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te:
E notarás no fim d'este successo,
« Tra la spiga e la man qual muro é messo. »

Oh não me fujas! assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei me vai seguindo?
O que tu só farás não me fugindo.

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraquesa é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-m'o e correrás mais levemente.
Não te carrega esta alma tão mesquinha,
Que n'esses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou depois de presa
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

N'esta esperança só te vou seguindo
Que ou tu não soffrerás o peso d'ella,
Ou na virtude do teu gesto lindo
Se lhe mudará a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais que espere.

Já não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

Eis-ahi quem é Leonardo: manhoso, cavalleiro e namorado. A sua prece é como a da Sereia; sabe dar-lhe o encanto da tristeza, porém sabe egualmente envolver com ella a astucia; interiormente não é cynico, não se rí, é manhoso e namorado. O outro rapaz é Velloso, caracter differente, folgasão e temerario; em Africa foi o primeiro a internar-se no sertão e *mais depressa desceu do que subiu;* quando a bordo Leonardo pede historias de amores, Velloso objecta (C. VI, Est. XLI):

Antes de guerra fervida e robusta
A nossa historia seja.......

Chegado á ilha, não espereis que a sua nympha se esquive d'elle e a vá perseguindo com as trovas manhosas e namoradas de Leonardo, não; desembarcado, entrevê as deosas entre a verdura, e espantado, gritando (C. IX, Est. LXIX):

Senhores! caça extranha, disse, he esta!

E, emquanto o seu companheiro trova, elle vae glossando o verso do poeta:

Melhor he experimenta-lo que julga-lo.

Ora uma vez que conhecemos os vinte annos, busquemos agora o homem forte e heroico, como os portuguezes da Edade media se revelaram, o fundo de cavalheirismo, de abnegação. É o que encontraremos no episodio que, pela sua belleza, transcrevo; é o que nos mostrará o typo de Magriço (C. vi, Est. xliv):

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou Discordia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infamia ou morte crúa.
A feminil fraquesa pouco usada,
Ou nunca, a opprobios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes nem fervidos amantes
A sustentar as damas como devem.
Com lagrimas formosas e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o céo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Este que soccorrer as não queria
Por não causar discordias intestinas
Lhes diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não érro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Já chega a Portugal o mensageiro,
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o rei sublime ser primeiro
Mas não lho soffre a regia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com fervida vontade;
E só fica por bem aventurado
Quem já vem pelo duque nomeado.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Já do seu rei tomado têm licença
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Forão do duque inglez experimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou exforçado,
Mas um só, que Magriço se dizia,
D'est'arte falla á forte companhia:

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras extranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que he devido;
Mas se a verdade o esprito me advinha,
Rios, montes, fortuna ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.

Assi diz: e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares que ganhára o patrio Marte;
Navarra co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte:
Vistas emfim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

Alli chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortão do mar do norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos e animados.

Chega-se o prazo e dia assignalado
De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinhão segurado:
Armam-se de elmos, grevas, e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente e armado
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de côres e de sedas,
De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro n'esta empreza:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Será o negocio assi na corte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheção,
Postoque dous ou tres dos seus falleção.

Já n'hum sublime e publico theatro
Se assenta o rei Inglez com toda a corte:
Estavam tres e tres e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

Mastigão os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante!
Estava o sol nas armas rutilando
Como em crystal ou rigido diamante.
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Virão todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao rei e ás damas falla; e logo se hia
Para os onze, que este era o grão Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

A dama como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma;
Picão de esporas, largão redeas logo,
Abaixão lanças, fere a terra fogo.

Depois se combate e ficam desaggravadas as damas inglezas. Que perfume medieval! que comprehensão do espirito que presidiu ao periodo feudal e cavalheiresco! Quem dirá que é o mesmo homem que assim comprehende a Edade media pela sua creação mais original — a côrte d'amor — aquelle que é ao mesmo tempo Virgilio, ao mesmo tempo Raphael! Imaginação immensa, dentro da qual cabem e se reunem e se fundem a Antiguidade e a Edade media e a Renascença!

Eis-ahi a segunda edade do homem portuguez, segundo a natureza o produziu; foi estouvado na juventude, é cavalheiro depois; e este cavalheirismo heroico, posto primeiro ao serviço da fraqueza, da mulher, eleva-se mais tarde a mais alto objecto, á patria: Velloso e Leonardo, depois de serem Magriço, são Nunalvares; Nunalvares, o heroe que aos timidos objurga assim (C. IV, Est. XIV e seg.):

A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

Como? da gente illustre portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sugeito?

Como? Não sois vós ainda os descendentes
D'aquelles que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencêrão esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzerão em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxerão
Presos, afora a presa que tiverão?

Com quem forão contino sopeados
Estes, de quem o estaes agora vós,
Por Diniz e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes paes e avós?
Pois se com seus descuidos ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o rei novo,
Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atae as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só com meus vassalos e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada.
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Taes são os sentimentos que animam o cavalleiro. É pela transformação logica e exacta do caracter, conforme fica apontado, que o portuguez chega no ponto culminante da vida a ser Affonso de Albuquerque, ou João de Castro, ou Affonso Henriques, e no momento da morte, ou a escrever a celebre carta do conquistador de Malaca, ou a não possuir com que enterrar o corpo, depois de ter triumphado em Goa, ou a inspirar ao poeta que a todos reune e resume em si, a estrophe esplendida do seu cantico (C. III, Est. LXXXIV):

Os altos promontorios o chorárão,
E dos rios as agoas saudosas
Os semeados campos alagárão,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargárão
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Affonso, Affonso, os eccos: mas em vão.

## II

Nós já conhecemos qual é o caracter nacional, o moral e o instinctivo: além dos typos que estudamos nos *Lusiadas*, outro elemento tem o poeta por meio do qual sente o palpitar da nação: são as lendas populares. Camões não podia esquecer isto; com effeito, percorrendo os *Lusiadas*, além da historia de Magriço, que estudámos, podemos encontrar as lendas heroicas, a de Egas Moniz, a de Giraldo sem-pavor, as lendas messianicas do tempo do Mestre d'Aviz, representadas na

da creança que nasceu acclamando-o rei; as lendas religiosas, a de S. Vicente e a de Ourique (C. III, Est. XLV):

> A matutina luz serena e fria
> As estrellas do Polo já apartava,
> Quando na cruz o filho de Maria,
> Amostrando-se a Affonso, o animava.
> Elle adorando quem lhe apparecia,
> Na fé todo inflammado assi gritava:
> Aos infieis, Senhor, aos infieis,
> E não a mi que creio o que podeis!

Pois bem: a que descoberta nos leva o estudo d'estes caracteres instinctivos do povo portuguez? Qual é o traço original, a nota sua, que no grande concerto da humanidade, na historia, se ouve? Nenhuma. O portuguez apresenta-se-nos como se nos apresentam todos os povos que existem em virtude de uma nacionalidade moral e politica: partilhando, em virtude de uma aptidão universal, dos caracteres communs aos adjacentes, historica e politicamente fallando. A nação portugueza é uma e a mesma, aquella que na Edade media apropria a si o espirito europeu e nos dá em Magriço, e litterariamente no *Amadis de Gaula,* provas de uma comprehensão perfeita do espirito que copiava; é aquella que no movimento de aventura descobridora, conquistadora, encetado pelas Cruzadas, o acompanha, e consegue ser uma entre as primeiras; é a mesma que depois, nas epochas quasi contemporaneas, se ri do passado cavalheiresco, do passado descobridor, e insensatamente se lança no caminho aberto por outros povos, o caminho do burguezismo industrial. A nação portugueza é franceza desde o conde D. Henrique até ao

Mestre de Aviz; ingleza d'então até D. Manoel; de D. Manoel a D. João IV hespanhola; de D. João IV até á revolução de 1820 outra vez ingleza, e de então para cá, voltando ao ponto de partida, outra vez franceza. Dentro da historia portugueza não se encontra uma linha firme que só traçam a etnographia ou a geographia; vivendo da politica, segue-lhe as evoluções tortuosas; pequeno satellite do systema solar da Europa central, segue-lhe as commoções, acompanhando o sol emquanto demora no horisonte, e recebendo d'elle a luz, vivendo pelo seu pensamento, crendo no seu ideal. Dir-se-ha pois: como é que um ser politico, uma nação, tão pouco consistente, consegue atravessar, durante sete seculos, a historia, sem que em um dos seus terramotos, seja para sempre absorvida? Porque o systema politico se compõe, assim como o planetario, de astros e de satellites, porque os primeiros não poderiam existir sem os segundos, que em sua volta fazem o equilibrio de forças, mantêm a harmonia do todo. Esta explicação não basta, porém: demonstra sim a razão de ser da existencia da nação portugueza sob o ponto de vista da tolerancia estranha; não demonstra porém como é que um povo, tão destituido de caracteres proprios, naturaes, soube constituir-se, affirmar-se, defender-se, engrandecer-se. Com effeito, esse outro phenomeno tem uma outra razão de ser. Para os povos, a quem a natureza não lavrou a carta de existencia, quando queiram viver, crescer, existe um recurso unico, a cohesão, a substituição do facto natural pelo phenomeno moral, a creação de um ideal humano que preencha o logar vasio do ideal divino, transcendente, primitivo; o patriotismo, em vez da religião, a unidade espiritual da

nação, a *patria,* em vez do Olympo. Esta doutrina, que é incontestavel depois de Roma, é quanto a mim a unica philosophia da historia nacional portugueza, como o é da romana. Quando a *patria* romana se alargou da cidade ao mundo, a idêa, que dava cohesão áquelle todo, afroixou e a civilisação romana caíu; quando a *patria* portugueza se alarga da *occidental praia* europeia pelo mundo, por mundos novos, succede outro tanto do que succedêra em Roma, e a nação portugueza egualmente cáe. Se Virgilio apparece em Roma, quando o mundo romano tocando o apogeu tocava o fim, a affirmar o *patriotismo*, da mesma fórma que o sol affirma a sua luz nos clarões enormes do ponente; Camões apparece em Portugal na mesmo hora, representando o mesmo facto, sagrando o mesmo tumulo.

Significará isto que ás grandes nações representantes genuinas do ideal de uma raça, á Inglaterra representante dos saxões, á França dos gaulezes, á Allemanha dos germanos, á Italia dos latinos, á Hespanha dos iberos, á Russia dos slavos, seja desconhecido o sentimento representado por esta palavra *patriotismo?* Não e sim. Não, porque além de todos os outros elementos de cohesão existentes n'ellas e determinados pela communidade de origem, vem juntar-se o sentimento de cohesão politica quando a historia o tem permittido: é isto o que, para dar um exemplo actual e proeminente, succede desde Napoleão I na Allemanha. Sim, porque representam idêas differentes — o amor da *patria* e o amor da *terra;* a patria é o individuo moral, a terra o individuo natural: todo o italiano, fosse austriaco, hespanhol ou francez, amava a Italia; como todo o allemão, fosse dinamarquez, russo, francez ou hollandez,

amava a Allemanha. Este amor da *terra*, que nas regiões occupadas por uma raça, é mystico e transcendente, existe n'outro gráo, naturalistamente, para as nações como Portugal, bem como para os homens. O camponio ama a sua aldeia, o cidadão o sua cidade, o provinciano a sua provincia, o portuguez a terra que fica entre o Minho e o Guadiana, a terra de seus paes. Comprehender-se-ha porém facilmente que distancia vae d'aqui ao sentimento abstracto, filho, não da natureza, mas da consciencia, ao sentimento que cria e sustenta as nações politicas, religião e orgulho pelas crenças, pelas instituições, pela moral da sua patria, sentimento que tinham os romanos do tempo de Augusto e já haviam perdido os do Baixo imperio, que tinham os portuguezes do seculo XVI e perderam os do seculo XIX. Disse-se, repete-se e repetir-se-ha, porque é esta uma das observações das quaes saíu toda a doutrina d'este livro, que Virgilio, orgão da sociedade romana no apogeu, é o antecessor de Camões, orgão da sociedade portugueza tambem no seu mais elevado periodo: o sentimento fundamental do genio virgiliano é como o do auctor dos *Lusiadas*, o patriotismo, o amor da *patria*, não o amor da *terra*, segundo a definição feita. Camões o diz, quando exclama (C. I, Est. V):

> ..... eu canto o peito illustre luzitano
> A quem Neptuno e Marte obedecerão:
> Cesse tudo o que a musa antiga canta,
> Que outro valor mais alto se alevanta.

Tal é a patria; não os campos, o sol, o azul do céo, a frescura das aguas e a sombra das arvores; porém

sim a excellencia moral representada aqui pela força, pela arte, Neptuno e Marte, o *peito luzitano*. É ella que lhe dá um orgulho immenso; os seu feitos, excedem *tudo o que a musa antiga canta;* o poeta confessa-o (Est. x):

> Vereis amor de patria, não movido
> De premio vil, mas alto e quasi eterno.
> Que não he premio vil ser conhecido
> Por hum pregão do ninho meu paterno.
> Ouvi, vereis o nome engrandecido
> D'aquelles de quem sois senhor superno;
> E julgareis qual é mais excellente
> Se ser do mundo rei, se de tal gente.

O sentimento que tal segurança dá ao poeta tem de ser uma religião: da mesma fórma que o christão ambiciona para o cadaver o recinto sagrado da egreja, o portuguez ambiciona como ultima dadiva o morrer no meio dos seus; é o que o Gama confessa (C. III, Est. XXI):

> Esta é a ditosa patria minha amada,
> A' qual se o céo me dá que eu sem perigo
> Torne, com esta empreza já acabada,
> Acabe-se esta luz alli comigo.

Trata-se porém aqui tãosómente já da patria moral politica? Oh! não. O Gama reune n'uma só esperança, abraça com um mesmo desejo a patria, a terra e a familia. Com effeito, assim como o amor da *terra* não exclue o da *patria,* antes se affirma por elle, reciprocamente succede outro tanto. Os portuguezes n'um mesmo grito diziam adeus ao meio moral que de bordo das suas náos o horisonte fechava a oriente, como ao solo, ao céo, ao sol, á mãe, ao pae, á cidade como ao burgo, á choupana como ao palacio. Camões vivêra em Lisboa,

como em Lisboa vivia Portugal; Lisboa é portanto nos *Lusiadas* o symbolo sob o qual se representa o amor da *terra;* Lisboa é a *nobre no mundo, facilmente é princeza* das mais cidades, a ella *obedece o mar profundo* (C. III, Est. LVII). Quando o navegador começa a alongar-se pelo mar (C. V, Est. III):

Ja a vista pouco e pouco se desterra
D'aquelles patrios montes que ficavão:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra; e n'ella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração que as magoas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e céo.

A estrophe é monotona e triste: quando se anima o verbo, scintilla a phrase, é quando (C. IX, Est. XVII):

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação; os varios céos e gentes;
Vir a lograr o premio que ganhára
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito
Que o coração para elle é vaso estreito.

D'este modo se manifesta em Camões, isto é, como fundo constante, a Lisboa amada no fim de cada pagina, segundo Quinet diz, a cidade das idêas, a terra e a familia; d'este modo, digo, se manifesta em Camões o sentimento que, predominante nos *Lusiadas*, é o predominante em Portugal, é a prova brilhante da sua existencia intensa como nação. Os portuguezes, realisando idealistamente a concepção do direito internacional,

levavam a patria nas esquadras, da mesma fórma que os romanos a levaram pelo mundo nas suas legiões.

Diante do movimento universal da humanidade, o amor da patria moral, da patria natural, é o penultimo termo da escalla ascendente dos elementos de cohesão natural. A cidade reune os homens; a nação reune as cidades e os homens; a humanidade reune as nações e as cidades e os homens todos. Reune, liga, não funde, não absorve. Cada nação, cada indole, cada caracter naturalmente determinado, é uma nota indispensavel no concerto universal. Este caminhar, subindo, para o completo, para o todo, concebe-se e comprehende-se com o tempo. Nos periodos inorganicos o homem nada vê, nada sente, além de si; na Edade media, por exemplo, já concebe a communa, mas não comprehende o que seja a nação; as cidades dilaceram os corpos nacionaes legados pela Antiguidade; com a Renascença alcança-se a comprehensão do paiz, do reino; mas os paizes, os reinos, as nações, são para a humanidade o que as cidades eram na Edade media para ellas: dilaceram-n'a. É d'esta maneira que eu comprehendo a estreiteza do espirito camoniano n'este ponto: elle não concebe as descobertas como um facto humanitario; sómente as encara debaixo do ponto de vista nacional pela gloria; porém a verdade diz-lhe que esta gloria, nacional, é falsa, porque se baseia na miseria (1), mas não lhe diz que a universal é explendida, porque a morte é um holocausto; vendo a miseria insurge-se contra a gloria, e a comprehensão das conquistas como um facto nacional, errada que é, produz uma contradição immensa, é a

(1) Vid. Capitulo III — A EPOCHA DAS CONQUISTAS.

causa por que o poeta toma a lyra para condemnar o facto proprio que canta. Vejamos o momento: a esquadrilha de Vasco da Gama vae largar vellas da praia do Restello; choram as mães, as irmãs, as noivas, quando (C. IV, Est. XCIV e seg.):

...... um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

Oh gloria de mandar! Oh van cubiça
D'esta vaidade, a que chamamos fama!
Oh fraudulento gosto que se atiça
C'huma aura popular que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades n'elles experimentas!

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios!
Chamão-te illustre, chamão-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamão-te fama e gloria soberana,
Nomes com que se o povo nescio engana.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

Mas ó tu, geração d'aquelle insano,
Cujo peccado e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te poz n'este desterro e triste ausencia,
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia
Da idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou;

Já que n'esta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza e feridade
Pozeste nome, esforço e valentia;
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Tremeo tanto perdel-a quem a dá;

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do arabio a lei maldita
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não teem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riquesa mais desejas?
Não é elle por armas esforçado
Se queres por victorias ser louvado?

Deixas crear ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo
Se enfraqueça e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia?

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em sêcco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e facundo,
Nem cythara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memoria,
Mas comtigo se acabe o nome e a gloria.

Taes são as palavras, memoraveis palavras, com que Camões pela bocca do *velho d'aspeito venerando*, acompanha a frota que vae partir, a frota que ha de voltar com uma das maiores conquistas da civilisação moderna, tão grande que o proprio Camões toma a lyra para a cantar! Contradição profunda, cuja razão de ser me parece ter descoberto. Quem é este velho que vem com a voz do propheta rasgar a Portugal o futuro, não da gloria, mas da ruina? É a antiga nação de Affonso v, é o Portugal da historia da meia edade, é o Portugal, nação obscura, mas povo rico, feliz e forte. É o sentimento patriotico, o sentimento vivo da nação que não póde comprehender ainda o que é, quanto importa, cada serviço, cada holocausto feito por um povo á humanidade inteira.

Para Portugal, nação, o seu momento culminante é quando João I prega o pendão portuguez nos muros de Ceuta. A Africa é para nós outros o que foi Carthago para Roma. As guerras da Barberia são as nossas guerras punicas; o poema stricta, exclusivamente nacional seria o que as cantasse, como Virgilio, em Eneas, em Dido, no seu amor, na sua separação, desenhou com traços geniaes o passo definitivo da sociedade romana. Para esta, a conquista do mundo que succede á de Carthago é a gloria e a ruina, para nós a conquista da India que succede á de Ceuta, á de Arzilla, á de Azamor, é tambem a gloria, é tambem a morte.

## III

A conclusão necessaria d'este livro é a explicação, a classificação da nação portugueza entre a serie d'esses organismos moraes de que se compõe o mundo, porque é o grande caracter dos *Lusiadas* o explical-o esplendidamente.

Affirmámos já n'este mesmo capitulo o caracter latino da Peninsula, a acção da civilisação romana continuada pelo clero christão sob o dominio dos godos, e dissemos que foi a conquista arabe quem fez entrar a Hespanha no grupo das nações modernas, separando-a da Italia, no caminho que ambas até alí seguiam juntas, protrahindo, dentro da Edade media, a Antiguidade. A invasão arabe destruindo, não o paiz, mas o governo wisigothico, deu logar a dois phenomenos historicos que serviram conjunctamente a modernisar a Hespanha. A reacção asturiana de Pelagio, em volta do qual se reunem os destroços da velha nobreza goda, é um; a transformação dos municipios, que depois da queda do imperio foram mantidos como instituição pelo clero, em communas burguezas, é outro. Do primeiro resulta que os grandes, foragidos nas serras, forçados a levar uma vida de combates sem descanço, obrigados a trocar o palacio esplendido e bizarramente luxuoso, pela gruta asperrima, pelas brenhas, pelas florestas, barbarisaram-se, e se os godos anteriores a Ruderik se assemelham muito aos Cesares, os godos posteriores a Pelagio tem muito mais similhança com os chefes me-

rovingianos: a ruina d'uma civilisação hybrida produziu na sociedade wisigothica uma volta aos instinctos primitivos. Do segundo resulta que o povo, não exterminado, mas judiciosamente protegido pelos conquistadores arabes, se encontrou, destruida a tutella do clero, que a recebera dos imperadores romanos, entregue a si e com as suas tradições, os seus *costumes,* lavrou os codigos por que se regia, os seus *foraes,* onde as instituições, os usos, se afastam dos principios e das instituições lavradas nos grandes codigos que o mundo godo, copiando o imperio, lavrou na Hespanha; onde principalmente os burguezes se regem a si, em nome de si proprios, não como representantes d'um poder exterior, superior. A volta, portanto, da aristocracia goda á barbarie, e a transformação do municipio romano em communa moderna, são os dois factos que obrigam a Hespanha a entrar no novo mundo: com a invasão dos arabes começa para ella a Edade media.

Mas a Edade media, que na Europa central provém de elementos fixos e que o tempo tornou definitivos, resulta na Hespanha de uma conquista que tem de ser transitoria. Com a expulsão gradual dos arabes e com a formação das monarchias peninsulares que a acompanhava, o antagonismo levantado pela invasão vae desapparecendo com ella. Como não tinha exterminado o povo, os vencedores asturianos voltam a encontral-o, não arabe, escravisado e pobre, mas christão, livre e forte, pelas suas associações foraleiras, pelo seu genio, pelo seu numero, pela sua riqueza. O que fizeram os godos diante d'essas populações? qual foi a sorte dos mosarabes?

Entre os foragidos das Asturias, da mesma fórma

que entre todas as hordas de barbaros que invadiram a Europa e assentavam n'ella, existia uma instituição — a realeza. As condições sociaes da aggremiação, em que o unico objecto era a guerra, portanto á primeira lei a força, rei era o mais destro, o mais forte, o mais feliz; mas, se dentro da Europa central a tradição antiga se introduz tão fortemente nos reis barbaros que chega a produzir Carlos Magno, que admirará que entre os barbaros das Asturias a tradição da sua propria monarchia, a lembrança do throno despedaçado de Ruderik, fosse o pensamento constante d'aquelle a quem os azares da guerra haviam coroado rei? Porque racionalmente se póde dizer que, a não ter sido esta tradição, esta lembrança, os mosarabes estariam para os guerreiros asturianos da mesma fórma que os gaulezes para os filhos de Merowig, ou os saxões para os companheiros de Guilherme-o-normando, é que, uma vez que uma e outra existem, a historia confirma a logica dizendo que se a Edade media tinha começado na Hespanha com a invasão arabe, foi na Hespanha acabando com a gradual expulsão dos filhos de Mafoma. A organisação aristocratica que sáe em França e em Inglaterra naturalmente da conquista franka ou normanda, não sáe na Hespanha da conquista asturiana, porque a monarchia renasce apoiando-se sobre essas populações, sobre essas instituições que, legadas do mundo romano, poderam entrar no mundo moderno á sombra do dominio tolerante dos arabes.

Portugal nasce politicamente um momento antes que esta revolução, que era o primeiro passo para a Renascença, fosse um facto geral e predominante. Se o conde Henrique, se o primeiro rei portuguez são ex-

clusivamente guerreiros e os municipios burguezes exigem que o rei, confirmando-lhes a carta dos seus usos, o seu foral, os isente da contribuição de sangue; se este antagonismo de aspirações, o traço caracteristico da Edade media, se manifesta ainda, o segundo rei entrará francamente no terreno da constituição social, coalhará o territorio portuguez de instituições municipaes, e o terceiro, realisando a segunda phase da revolução, cortará pela raiz os elementos de creação feudal, da mesma fórma que seu pae estabelecera sobre bases solidas os elementos de organisação popular.

Taes são as origens da sociedade peninsular, origens que necessariamente deviam leval-a a subir ao mais elevado grau da sua existencia no momento em que a Renascença antiga se tornou o ideal da Europa inteira; origens que, se a fizeram emmudecer na Edade media e a fazem pequena, fraca e sem influencia n'este periodo que atravessamos de grosseirismo utilitario, tem de chamal-a de novo a um logar proeminente quando a Europa, continuando a Renascença, abraçar as conclusões entrevistas pelos grandes homens contemporaneos e mal comprehendidas pelas massas opprimidas, ignorantes e exploradas.

Taes origens, tal futuro, determinado á Peninsula, pertencem a Portugal como parte integrante d'ella. Mas além d'isso, diante do resto da Hespanha que se unificou, Portugal apresenta-se ainda como uma nação independente. É esse phenomeno politico da sua formação, da sua historia, que examinaremos, pois.

É no seculo XII da nossa era que o nome de Portugal apparece pela primeira vez na historia; é então que

este condado cabe em dote a Henrique, e Portugal (C. III, Est. XXV):

> .................... no mundo
> Então não era illustre nem presado.

O condado de que era suzerano o rei de Leão, a monarchia neo-goda da Hespanha, proclama a sua independencia politica da mesma fórma e seguindo impulso egual áquelle que produziu o desmembramento feudal do imperio de Carlos Magno. A multidão de pequenos estados que se talharam no manto do grande imperador foi com o tempo desapparecendo para formar as nações europeas, como as vêmos no seculo actual, e a cujo agrupamento preside uma rasão de ser mais ou menos natural, politica, commercial, geographica ou ethnographica. Da mesma fórma que os reinos, condados, senhorios da Europa central no seculo XII, Portugal devia a sua existencia a esse movimento momentaneo de desaggregação politica e economica, causado pela desorganisação do mundo latino; Portugal não correspondia a nenhuma circumscripção politica anterior, não representava nenhum grupo especial de raça no meio da Hespanha, não significava expressão geographica de fórma alguma: as suas fronteiras podiam dizer-se indefinidas, porque a cada momento a guerra constante as alterava. Da antiga divisão da Hespanha, Portugal tomava parte da Gallecia, parte da Lusitania dos romanos. Assim o phenomeno da sua formação não é, nem unico, nem estranho, antes é a reproducção d'um facto commum a toda a Europa, facto repetido e realisado em toda a Hespanha.

Quatro seculos porém depois, na Renascença, já as causas efficientes d'esse movimento de desaggregação haviam desapparecido, já a Europa apresentava um systema de formações nacionaes, se não completo, pelo menos encetado, e mesmo adiantado no caminho da constituição. Dos pedaços rasgados do manto de Carlos Magno tinham-se formado completamente a França, incompletamente a Allemanha, e a Italia se de facto era o pomo de discordia d'estas duas nações, o cadaver ainda truncado d'um gigante que existira, vivia já como nação moderna no espirito de todos os seus grandes homens e personalisava Machiavel. Os saxões tinham formado uma nação, a ingleza, e os hespanhoes outra, a monarchia de Fernando e Isabel. Qual é pois a razão por que Portugal resiste á attracção que, em virtude d'este movimento, o arrasta para o fóco, para o centro nacional? porque é que diante da unificação da Peninsula elle fica em pé, exemplo caduco e unico d'um momento politico desapparecido já da vida das nações europeas?

A Hespanha representa sobre a carta uma figura quasi quadrangular: duas das suas faces banha-as o Mediterraneo, duas o Occeano. As primeiras são as do sul e de leste, as segundas as do norte e de oeste: ao longo d'esta ultima facha estendida sobre a praia, é que assentou Portugal. Uma tal situação geographica determinava logo a um povo um caracter necessario, o maritimo: maritimo, não como a Grecia em que o mar pequeno e insinuando-se por entre as ilhas, as bahias e os canaes, produz o instincto da curta navegação, da cabotagem, mas sim larga e aventureiramente maritima porque, apertados n'uma facha de terra, os portugue-

zes tinham diante de si a vastidão immensa do oceano a tentar-lhes a imaginação, a audacia. Esta causa, que teria feito d'este grupo de hespanhoes, ainda quando se não chamassem portuguezes, os descobridores do seculo XVI, era ajudada, augmentada pela politica: era ella quem isolava e tornava inimiga do resto da Hespanha a nação portugueza, e d'esta inimizade nascia o pensamento de affirmar além-mar um poder sempre ameado, sempre em perigo; a attracção natural para o mar conformava-se com a necessidade da politica e estas duas causas produziam o movimento genuinamente nacional que levou D. João I e D. Affonso V a Africa. Além d'isto, para a Europa central, Portugal era o calcanhar de Achilles da Hespanha; conservar-lhe a existencia era conservar um cravo pregado no dorso da Hespanha, cujo retirar, quando necessario, podia produzir uma hemorragia; é debaixo d'este ponto de vista que os francezes, os inglezes nos apoiam, nos defendem e nós apoiados, defendidos por elles, inimigos da Hespanha, damos-lhes as mãos, cruzamos-nos, aprendemos com elles, e com o tempo chegamos a formar *contra-naturam* um corpo hybrido distincto da Hespanha, cuja indole renegamos até certo ponto, para assimilar em nós a indole dos povos com quem tratamos. Este phenomeno, sensivel hoje, não o era, é claro, no seculo XII, não o era ainda, como agora, no seculo XIV, quando, com a morte de D. Fernando, rompe de novo a questão da independencia; não podia ser elle pois a razão que tornou impossivel realisar para com Portugal o facto que se dera com outros principados livres da Peninsula.

*

Percorrendo a historia portugueza vêmos em dois momentos, ao terminar de duas dynastias, firme o pensamento politico de realisar a entrada de Portugal no corpo na nação hespanhola. Tal era o pensamento de D. Fernando pelo casamento de sua filha: essa politica originou a guerra civil e a guerra estrangeira; a nação dividiu-se e os castelhanos vieram reclamar os seus direitos. Ainda então o pensamento que determinára a constituição de Portugal não tinha desapparecido: ainda meio seculo mais tarde Carlos–o–Temerario se levantaria em armas contra Luiz XI; ainda o nucleo de formação nacional da Peninsula não era bastante forte para esmagar o espirito de resistencia do reino portuguez. Portugal saíu pois d'essa tormenta incolume e regenerado: crescera em força pela victoria, melhorára em sangue por uma dynastia nova. Depois d'essa tentativa de absorpção, a nação portugueza, regenerada, comprehende quão precaria é a sua existencia, quanto ella necessita affirmar-se fóra da Europa. No momento em que os portuguezes conquistam Ceuta, se estabelecem em Africa, a sua posição diante da Hespanha mudou politicamente; é um novo reino, já não é o troço de terreno enfeudado e rebelde: é d'esta fórma que Portugal com a dynastia de Aviz conclue, sob este ponto de vista, a Edade media, e consegue fazer de si uma nação moderna. A dynastia de Aviz é a creadora da nossa independencia, porque com a anterior a nossa posição era analoga á de dezenas de estados europeus que desappareceram da carta da Europa, porque D. Fernando, segundo a logica da historia, devia ser para Portugal o que foi Carlos–o–Temerario para a Borgonha.

No reinado de D. Manoel de novo parece dever realisar-se, agora não já a submissão do vassallo rebelde, segundo o pensamento da Edade media, mas sim a união dos dois reinos, segundo o pensamento da Renascença. Se o movimento fecundo do seculo XVI na politica é a constituição natural das nações, a tradição antiga, rediviva nas artes, nas lettras, na philosophia, na religião, reapparece na politica com tal energia que Carlos V póde reproduzir Carlos-Magno. É pois a este movimento, creio eu, que o pensamento da unidade politica da Peninsula se liga no seculo XVI, é por este movimento que parece chegar a realisar-se. Com effeito, durante meio seculo, a Europa viu a Peninsula unificada, mas ainda esta vez a independencia nacional do povo portuguez saíu livre da nova tentativa. Porque? porque tanto era logica a submissão do vassallo rebelde na Edade media, como illogica a fusão das duas nacionalidades no seculo XVI; pois que tão seguro e definitivo fôra o movimento que dos principados feudaes formára as nações, como falso e transitorio o movimento que, copiando o passado, das nações queria fazer os imperios. Porque, uma vez falhada a tentativa do seculo XIV, uma vez transformado o condado portuguez no reino d'aquem e d'além mar, a nova nação tinha de affirmar-se por uma negativa, a opposição ao que fôra suzerano, e a união tornava-se impossivel de realisar pelas successões dynasticas, porque o povo protestava contra ellas. Porque depois de se affirmar nação em Africa, Portugal, seguindo o impulso natural do genio, da politica, lança-se além, descobre novos mundos, funda novos imperios, engrandece-se com as conquistas,

fixa a lingua, fórma uma litteratura, affirma a sua existencia pela comprehensão profunda e pelo sentimento de uma abstracção moral, a *patria*, e consegue pela energia tornar, contra a logica natural, o condado portucalense n'uma das primeiras nações europeias; e não é na hora em que o sol ainda está no firmamento, não obstante encaminhar já ao poente; não é n'esta hora em que o pensamento imperial da Renascença já decae, em que o manto de Carlos v já começa a descozer-se nas mãos ferozes d'um Filippe II, não é n'essa hora que a nação portugueza poderá ser forçada a desapparecer da carta da Europa. Estas são as razões porque o governo dos hespanhoes é occupação e, como tal, não dura mais de sessenta annos. Durante elles e depois d'elles, Portugal perdeu, póde dizer-se, o que o tornava uma nação. Pela India esqueceu-se a Africa; a Africa perdeu-se, e do imperio oriental ficaram-nos troços dispersos sem cohesão, nem força; substituindo a colonisação á conquista, o Brazil representou ainda o que a Africa primeiro, a India depois, tinham representado, o ponto de apoio extra-europeu da nação que na Europa não tinha razão bastante para existir. É assim que encarando em globo a historia portugueza desde a restauração de 1640, encontramos que Portugal, cerrado o periodo nacional circumscripto á dynastia de Aviz, volta a representar no mundo moderno papel analogo ao que tivera para com a Europa na Edade media: volta a ser o ponto de apoio da politica franceza ou ingleza para com a Hespanha, o cravo que arrancado póde produzir a hemorragia; volta a ser uma nação vivendo não de si propria, mas da necessidade da utilidade estranha; ap-

parece como uma das pequenas creações nacionaes, effectuadas pelo systema de equilibrio, uma Belgica, um Luxemburgo, uns Principados Danubianos. Considerada assim (e creio que, friamente, sem espirito de partido, sem patriotismo ignorante ou mau, tem de ser assim concebida) a existencia nacional portugueza é precaria.

Lançando os olhos pela carta politica da Europa podemos classificar as nações em tres grupos: as que representam uma raça, as que resultam de uma situação geographica, as que provém de uma necessidade politica. Um d'estes caracteres é sempre o predominante ainda que, é claro, as mais das vezes appareçam simultaneamente. Se a Allemanha, a Hungria, a Italia, a Russia e a Hespanha entram na primeira cathegoria; se a Inglaterra, a Dinamarca, a Suecia, a França partilham do primeiro e do segundo dos caracteres, se a Suissa é o unico estado europeu que exclusivamente entre na segunda classe, a Austria, a Turquia, a Belgica, a Hollanda, a Grecia, os Principados Danubianos, o Luxemburgo e Portugal entram completamente na ultima cathegoria, isto é, vivem do equilibrio politico, estão sujeitos ás suas commoções, terão de desapparecer no momento em que o determine qualquer alteração no organismo nacional da Europa. A estabilidade das nações póde comparar-se á estabilidade das camadas que formam a crusta solida do globo. Quando uma raça na sua fixação consegue abraçar um trato de terreno naturalmente delimitado, convenientemente cortado pelos rios e pelos valles, aberto ao mar para poder vasar a força de expansão, separado do visinho para não perder a força de cohesão, póde dizer-se que esse phenomeno natu-

ral e moral reproduz as camadas primitivas e fundamentaes do granito eterno. D'ahi até ás formações transitorias e facticias formadas pela politica e que duram um dia na historia, ás formações recentes e movediças como as alluviões, póde formar-se a escala inteira de correlação entre as constituições geologicas e as constituições nacionaes.

Portugal, a nação muda, ignorada, e copia de tantos centenares de pequenas nações que viveram um dia na historia da Europa, Portugal o feudo sublevado da Edade media, consegue affirmar-se como nação, quando no mundo começa a resurgir a antiguidade; é d'ella que com o provençalismo cria a sua litteratura, é d'ella que com o direito romano fórma a sua constituição interna, —João das Regras dá o braço ao mestre d'Aviz, e supplanta Nunalvares—; reproduzindo, nação formada por um movimento moral, não por uma descendencia natural, as qualidades, os caracteres de outra nação congenere, e sua mãe, a romana, consegue, pela comprehensão e pelo sentimento elevado da sua missão, formar-se, e extinguir-se por uma grande dedicação ao mundo, da mesma fórma que Roma se formára, da mesma fórma que se extinguira. Resurge é verdade depois, mas a resurreição é um facto contra a natureza, porque o sentimento que produzira o Portugal-Roma do seculo XIV ao seculo XVI já não existe; a insurreição volta a collocar Portugal diante do seculo XVIII, do seculo XIX, de modo analago ao que a sublevação de Affonso Henriques o collocara diante do seculo XII, e do XIII; e da mesma fórma que a philosophia da historia ordenava que o vassallo sublevado se submettesse, da mesma fórma

a philosophia da historia ordena que esta, com todas as nações formadas contra a natureza, desappareçam para cederem o logar ás constituições, aos organismos normaes, naturaes dos corpos definitivos, que tem como alma o fundo de raça, como esqueleto a configuração geographica, como nervos, como sangue, como vasos, como musculos, a unidade de interesses, de aspirações, a unidade superior e que resulta das variedades locaes, não o amalgama violento e torpe que resulta das organisações actuaes.

Invocar a historia para sustentar a nacionalidade portugueza é invocar justamente o argumento que a condemna. O Portugal da historia foi uma nação extra-europea, o Portugal de hoje não o é. O Portugal da historia viveu pelo patriotismo, por um sentimento agora morto. Onde temos nós a força que nos davam as conquistas d'além-mar, onde temos esse sentimento de cohesão moral, esse orgulho, essa consciencia do merito do *peito illustre lusitano,* que é a affirmação da nacionalidade e que foi a alma de Camões?

O teimarmos em continuar uma época historica concluida é a razão do profundo abysmo de miseria em que nos immergimos cada dia mais. Quando tivermos força, se a tivermos, para affastar da idêa este falso ponto de vista, quando deixarmos de nos imaginar a continuação do Portugal que foi Roma, então viremos a ser um povo dentro dos povos contemporaneos. Com ou sem a Hespanha?

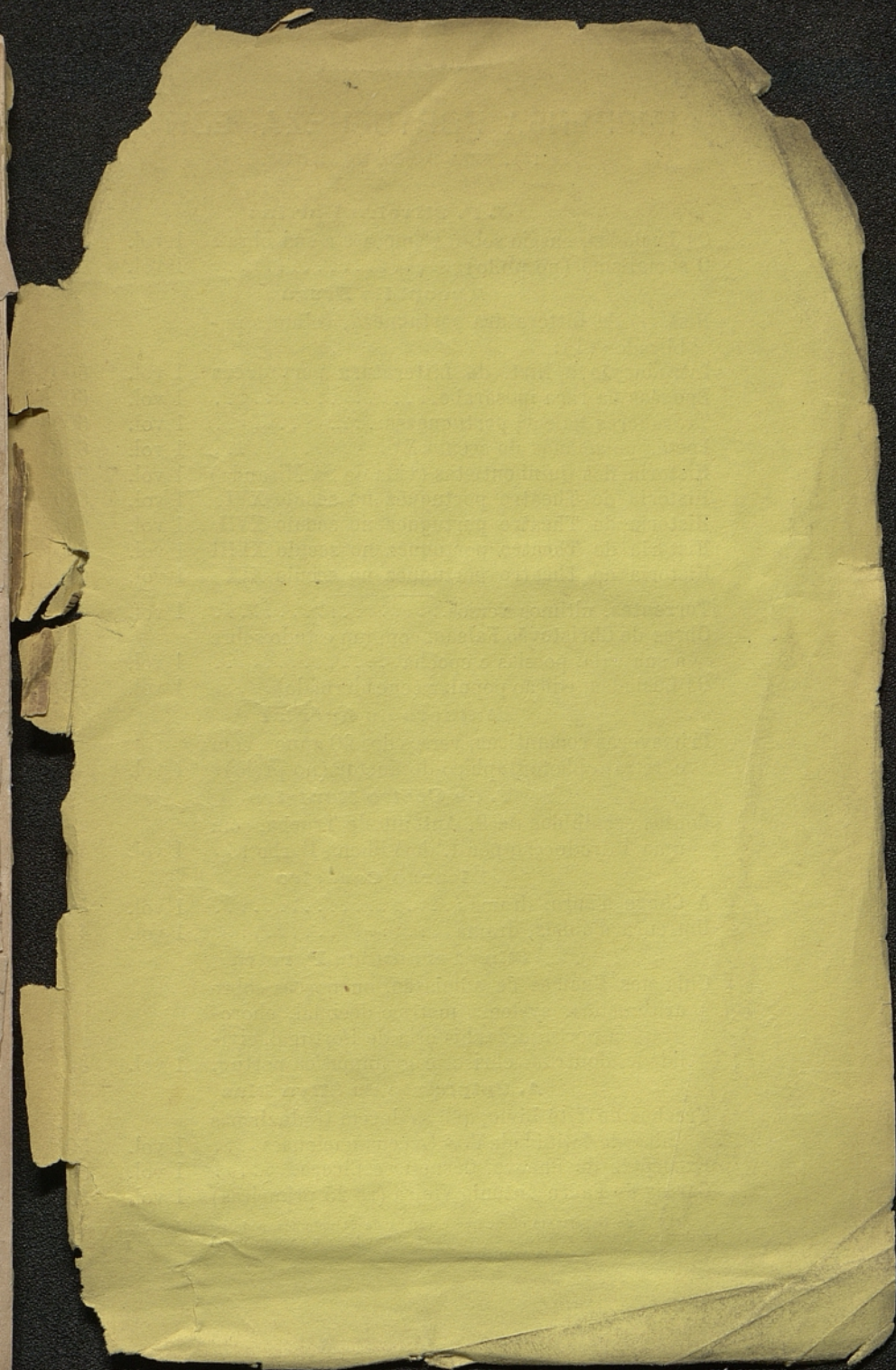
Com a Hespanha, se o nosso ideal, os nossos interesses, as nossas instituições forem irmãs; sem a Hespanha se o não forem. Com a Hespanha, acompanhan-

do o movimento europeo de unificação de raças: sem a Hespanha, repetindo, sob um ponto de vista novo, a propria historia, fazendo errar a logica pela força de cohesão nacional.

Com a Hespanha ou sem a Hespanha, e para nós como para ella, a morte, isto é, o emmudecimento completo como o teve a Grecia, se uns e outros não comprehendermos o erro de protrahir um passado exhausto.

FIM.

# ERRATAS

| PAG. | LINHAS | ERROS | EMENDAS |
|---|---|---|---|
| 16 | 8 | dizia | diria |
| 29 | 31 | (C. CXXXIII | (Est. CXXXII |
| 38 | 14 | Carlisle | Carlyle |
| 40 | 7 | um e outro | uma e outro |
| 47 | 12 | augustos | angustos |
| 58 | 22 | monumento | momento |
| 102 | 13 | sabia | sohia |
| 121 | 24 | conheceu | concluiu |
| 151 | 10 | limitada | limada |
| 165 | 8 | romancistas | romanistas |
| 173 | 15 | Renasnença | Renascença |
| 191 | 3 | os seu feitos | os seus feitos. |

# IMPRENSA PORTUGUEZA, EDITO

181, RUA DO BOMJARDIM, 183

**J. P. Oliveira Martins**

Os Lusiadas, ensaio sobre Camões e a sua obra . 1 vol.
O socialismo (no prélo) . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1 vol.

**Theophilo Braga**

Historia da Litteratura portugueza, volumes publicados (1):
Introducção á Hist. da Litteratura portugueza 1 vol. 600
Epopêas da raça mosarabe . . . . . . . . . . . . . . . . 1 vol. 600
Trovadores galecio-portuguezes . . . . . . . . . . . . . 1 vol. 600
Poetas palacianos do seculo XV . . . . . . . . . . . . . 1 vol. 600
Historia dos Quinhentistas (vida de Sá Miranda) 1 vol. 600
Historia do Theatro portuguez no seculo XVI 1 vol. 600
Historia do Theatro portuguez no seculo XVII 1 vol. 600
Historia do Theatro portuguez no seculo XVIII 1 vol. 600
Historia do Theatro portuguez no seculo XIX 1 vol. 600

---

Torrentes, ultimos versos . . . . . . . . . . . . . . . . . 1 vol.
Obras de Christovão Falcão, com um estudo sobre a sua vida, poesias e epocha . . . . . . . . . . . . . . . 1 vol. 300
Os Lusiadas, edição popular (encadernado) . . . . 1 vol. 240

**Anthero do Quental**

Primaveras romanticas, versos dos 20 annos, com o retrato photographico do auctor (no prélo). 1 vol.

**F. de Castro Monteiro**

Contos escolhidos de D. Antonio de Trueba, com uma Introducção por I. de Vilhena Barbosa . . 1 vol. 40

**Ricardo Cordeiro**

A Chave d'ouro, drama . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1 vol. 50
Um cura d'almas, drama . . . . . . . . . . . . . . . . . 1 vol. 40

**Elias Fernandes Pereira**

Guia dos Exames de admissão, ou noções sobre arithmetica, systema metrico-decimal, chorographia portugueza, historia de Portugal, civilidade, doutrina christã e grammatica portug. 1 vol. 350

**A. Epiphanio da Silva Dias**

Trechos de Tito Livio, que se devem traduzir nas aulas de latinidade dos Lyceus nacionaes . . . . 1 vol. 500
Excerptos de Phedro, Cornelio e Cicero . . . . . . 1 vol. 30
Cartas do Padre Antonio Vieira (as 25 primeiras) 1 vol. 30

(1) Esta importante obra, que constará de 24 volumes, póde adquirir-se, por meio d assignatura, a 500 reis cada exemplar, facilitando-se o pagamento dos volumes publicado visto o desembolso ser já avultado.